

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

JEFERSON ANDRE SAMUELSSON

O SERMÃO E SEU LOCUTOR: ANÁLISE LINGÜÍSTICA E REFLEXÕES  
SOBRE O LABOR HOMILÉTICO

São Leopoldo  
2008

JEFERSON ANDRE SAMUELSSON

O SERMÃO E SEU LOCUTOR: ANÁLISE LINGÜÍSTICA E REFLEXÕES  
SOBRE O LABOR HOMILÉTICO

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de Mestre  
em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Teologia Prática

Orientador: Dr. Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S193s Samuelsson, Jeferson Andre

O sermão e seu locutor : análise lingüística e reflexões sobre o labor homilético / Jeferson Andre Samuelsson ; orientador Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo : EST/PPG, 2008.

149 f. ; il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2008.

1. Pregação. I. Gaede Neto, Rodolfo. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JEFERSON ANDRE SAMUELSSON

O SERMÃO E SEU LOCUTOR: ANÁLISE LINGÜÍSTICA E REFLEXÕES  
SOBRE O LABOR HOMILÉTICO

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de Mestre  
em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Teologia Prática

Data: 18 de dezembro de 2008.

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – EST

---

Nelson Kirst – Doutor em Teologia – EST

---

Vilson Scholz – Doutor em Teologia – ULBRA / SEMINÁRIO CONCÓRDIA

---

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado pais tão amáveis e dedicados, e dois irmãos amorosos. Agradeço ao meu pai Delmar e à minha mãe Cecília que não mediram esforços para que eu tivesse o privilégio de me dedicar aos estudos. O pouco que sei, devo a eles. Também ao meu irmão Jorge que só quer saber quando serão as minhas férias ou quando me formarei para voltar para casa. Também à minha irmã Grace que, além de zelar por sua própria família, seu esposo Altair e seus filhos Laura e Felipe, preocupa-se comigo.

Agradeço aos meus dois orientadores. Ao professor Dr. Mauro Batista de Souza por caminhar ao meu lado nos primeiros passos deste mestrado e ao professor Dr. Rodolfo Gaede Neto por também estar ao meu lado nos últimos passos desta etapa da caminhada.

Agradeço aos colegas tanto do mestrado quanto do doutorado por compartilharmos as angústias e as alegrias da vida da academia. Agradeço, em especial, ao Wilhelm Sell, amigo presente em todos os momentos e colega neste mestrado.

Agradeço à Carmen Cenyra Gonçalves que, não só tem sido minha professora de Francês, mas também uma querida amiga e incentivadora da viagem vagarosa pelo mundo dos livros.

Agradeço aos meus amigos, aos meus colegas pastores, aos meus irmãos da IELB.

Agradeço à Escola Superior de Teologia (EST) e aos seus professores pela acolhida pastoral que dispensaram a mim e dispensam a todos os seus alunos. Por fim, agradeço aos cidadãos brasileiros que subsidiaram minha bolsa de

estudos no mestrado através do CNPq.

## **RESUMO**

Esta dissertação versa sobre o sermão e seu locutor, o que envolve a elaboração do sermão e a sua concretização oral na prédica. A maioria dos pastores elabora um sermão semanal. Trata-se de um trabalho muito importante, que despende muito tempo de estudo, reflexão, produção e exposição oral. Assim, esta dissertação se estrutura em três partes. O primeiro capítulo trata do sermão e daquilo que está subentendido na sua produção. Reflete-se sobre a Homilética como área da Teologia que se preocupa com a proclamação da Palavra de Deus. Apresentam-se as contribuições de homiletas e de pastores que pesquisaram o assunto com um profundo amor pelas suas ovelhas. O segundo capítulo versa sobre o sermão e seus aspectos lingüísticos, isto é, suas características a partir de uma reflexão lingüística sobre texto, locutor, linguagem. Por fim, o terceiro capítulo descreve a metodologia utilizada e as análises dos sermões.

## **ABSTRACT**

This dissertation is about the sermon and its preacher, concerning the writing of the sermon and its delivery. Most pastors write a sermon every week. This is a very important work that requires a lot of study, meditation, preparation and oral delivery. Therefore this dissertation is divided in three parts. The first chapter addresses the sermon and what is implied in its construction. There is a reflection about Homiletics as the area of Theology that is connected with the proclamation of God's word. We present the contributions of some homiletics scholars and pastors that investigated the subject with a deep love for their flock. The second chapter is about the sermon and its linguistic aspects, that is, its features as seen from a linguistic viewpoint in terms of text, speaker and language. Finally, the third chapter describes the methodology utilized and the analysis of the sermons.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 O SERMÃO E A HOMILÉTICA.....</b>	<b>13</b>
1.1 INTRODUÇÃO .....	13
1.2 A HOMILÉTICA .....	14
1.2.1 A Ciência-Homilética .....	16
1.2.2 A Arte-Homilética.....	17
1.2.3 Agostinho e a Homilética .....	18
1.2.4 A Nova Homilética .....	19
1.2.5 A Questão da Terminologia na Homilética .....	20
1.3 A CONGREGAÇÃO .....	22
1.4 O SERMÃO .....	24
1.4.1 Fonte.....	26
1.4.2 Hermenêutica e Aplicação .....	28
1.4.3 O Estilo.....	32
1.4.4 O “Texto-Sermônico” .....	35
1.5 O PASTOR.....	39
1.5.1 Autoridade.....	43
1.5.2 As Intenções.....	43
1.5.3 Conhecer os Ouvintes .....	44
1.6 CONCLUSÃO .....	45
<b>2 O SERMÃO E A LINGÜÍSTICA.....</b>	<b>47</b>
2.1 INTRODUÇÃO .....	47
2.2 O SERMÃO ENQUANTO TEXTO .....	48
2.2.1 Os Textos e sua Funcionalidade .....	52
2.2.2 Texto x Discurso.....	54
2.2.3 Posicionamentos Assumidos pelo Escritor .....	55
2.2.4 Características Textuais do Sermão.....	56
2.3 LOCUTOR/ENUNCIADOR DO SERMÃO E A LINGUAGEM.....	62
2.3.1 A Linguagem .....	62
2.3.2 Locutor/Enunciador.....	65
2.3.3 A Teoria da Enunciação.....	66
2.3.3.1 Elementos Lingüísticos Observados nas Análises do Locutor .....	70
2.3.3.1.1 Relação: “Eu” e “Tu” .....	70
2.3.3.1.2 Certeza x Possibilidade.....	71
2.5 CONCLUSÃO .....	72
<b>3 ANÁLISE DOS SERMÕES E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>74</b>
3.1 INTRODUÇÃO .....	74
3.2 CORPUS PARA ANÁLISE .....	75
3.3 ANÁLISES .....	76
3.3.1 Sermão 1 (Advento).....	76

3.3.1.1 Apontamentos sobre o Sermão.....	76
3.3.1.2 Locutor: <i>Eu x Tu e Certeza x Possibilidade</i> .....	79
3.3.2 Sermão 2 (3º Domingo no Advento).....	81
3.3.2.1 Apontamentos sobre o Sermão.....	82
3.3.2.2 Locutor: <i>Eu x Tu e Certeza x Possibilidade</i> .....	84
3.3.3 Sermão 3 (Primeiro Domingo após o Natal) .....	86
3.3.3.1 Apontamentos sobre o Sermão.....	87
3.3.3.2 Locutor: <i>Eu x Tu e Certeza x Possibilidade</i> .....	89
3.3.4 Sermão 4 (Epifania).....	91
3.3.4.1 Apontamentos sobre o Sermão.....	92
3.3.4.2 Locutor: <i>Eu x Tu e Certeza x Possibilidade</i> .....	93
3.3.5 Sermão 5 (2º Domingo após Epifania) .....	95
3.3.5.1 Apontamentos sobre o Sermão.....	96
3.3.5.2 Locutor: <i>Eu x Tu e Certeza x Possibilidade</i> .....	98
3.3.6 Sermão 6 (5º Domingo após Epifania) .....	101
3.3.6.1 Apontamentos sobre o Sermão.....	101
3.3.6.2 Locutor: <i>Eu x Tu e Certeza x Possibilidade</i> .....	103
3.3.7 Sermão 7 (Quaresma) .....	105
3.3.7.1 Apontamentos sobre o Sermão.....	106
3.3.7.2 Locutor: <i>Eu x Tu e Certeza x Possibilidade</i> .....	107
3.3.8 Sermão 8 (6º Domingo após Pentecostes).....	111
3.3.8.1 Apontamentos sobre o Sermão.....	111
3.3.8.2 Locutor: <i>Eu x Tu e Certeza x Possibilidade</i> .....	113
3.3.9 Sermão 9 (Pentecostes III) .....	115
3.3.9.1 Apontamentos sobre o Sermão.....	115
3.3.9.2 Locutor: <i>Eu x Tu e Certeza x Possibilidade</i> .....	116
3.3.10 Sermão 10 (23º Domingo após Pentecostes).....	118
3.3.10.1 Apontamentos sobre o Sermão.....	118
3.3.10.2 Locutor: <i>Eu x Tu e Certeza x Possibilidade</i> .....	119
3.4 CONCLUSÃO .....	121
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>124</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>132</b>

## INTRODUÇÃO

Paulo escreve aos Coríntios que “aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação.”<sup>1</sup> A pregação, enquanto modo, não é loucura, mas o conteúdo sim é loucura para os seres humanos. É a palavra da cruz que é loucura para os que se perdem, todavia para os que são salvos, poder de Deus.<sup>2</sup>

A loucura da pregação! Eis uma assertiva simples, mas que jamais, com efeito, conseguir-se-á, neste mundo, compreender o seu profundo conteúdo. Além disso, é outorgado aos seres humanos o privilégio de serem participantes nessa louca empreitada. Já se afirmou que a Igreja cai ou se levanta pela pregação. Verdade ou frase de efeito? Um cético dirá que a Igreja tem outras áreas tão importantes quanto a pregação. Outros dirão que a missão é também importante. Outros, ainda, dirão que cabe igualmente à Igreja um trabalho social. Outros, ainda, defenderão a sistemática ou dogmática.

Assim, esta dissertação também aborda os aspectos que estão envolvidos na elaboração do sermão e a sua concretização oral na prédica. A maioria dos pastores elabora um sermão semanal. Trata-se de um trabalho muito importante que despense muito tempo de estudo, reflexão, produção e concretização.

Quem dera chegasse um tempo em que a atividade pastoral pudesse ser dividida numa congregação, tendo os pastores que se preocupar especificamente com uma só tarefa, explorando aquelas capacidades que receberam de Deus. Aquele que possuísse as capacidades de oratória e retórica, preocupar-se-ia com os estudos, com o sermão e a prédica. Aquele que possuísse a capacidade para

---

<sup>1</sup> 1 Coríntios 1.21.

<sup>2</sup> 1 Coríntios 1.18.

a música, preocupar-se-ia com as atividades litúrgicas e com o coral. Aquele que possuísse a capacidade de ouvir, sem prejudicar, preocupar-se-ia com a visitação. Aquele que possuísse a capacidade de administrar preocupar-se-ia com a diaconia na Igreja.

A partir de determinado momento na história da Igreja um texto passou a ser levado para o púlpito. Este texto se tornou peça preponderante nas prédicas dominicais pelo menos nas Igrejas tradicionais. Essa prática não foi instituída por Jesus. O relato bíblico expressa que Jesus acabou a leitura da passagem do livro de Isaías, sentou-se, todos o olhavam fixamente, e começou a falar.

Qualquer texto ou qualquer discurso ou qualquer sermão é um modo de ação. Nesse modo de ação, há marcas que trazem as representações do sujeito que enuncia, as quais atestam o seu engajamento enunciativo com o dizer para convocar o outro de sua alocução ao se anunciar. As marcas são de: pessoas, tempo, espaço. Do mesmo modo, pode-se argumentar que o texto possui uma forma de ação, isto é, o texto como uma enunciação se constitui por um ato (prometer, sugerir, afirmar, interrogar, convidar, etc.), visando modificar uma situação.

O problema que se apresenta para esta pesquisa é a dúvida a respeito da “imagem” do locutor e a “imagem” que este faz do alocutário(destinatário) nos sermões publicados no livro “*Portas Abertas – mensagens para o culto*”. O locutor marca seu discurso predominantemente de maneira assertiva, isto é, um discurso em ele assume o lugar da “autoridade” ou marca pela possibilidade, isto é, a não assertividade? E, de modo secundário, pergunta-se se estes sermões podem abranger o pluralismo cultural brasileiro.

Trabalha-se com as seguintes hipóteses: O emissor (locutor) marca seu discurso predominantemente no campo do saber, isto é, um discurso marcado pela certeza. Ao assumir esse tipo de discurso, o locutor impõe o seu dizer ao seu interlocutor. E, assim, o fazer, isto é, as ações propostas pelos verbos cabem ao destinatário (alocutário).

Por outro lado, trabalha-se, também, com a hipótese de que o emissor (locutor) marca seu discurso no campo do crer. Neste, não se impõe a opinião ou finge não impor. Dá ao leitor ou destinatário a possibilidade de aceitar ou não o seu discurso. E, desse modo, o fazer cabe tanto ao que fala quanto aquele a

quem ele se dirige.

Tal demonstração possibilita a reflexão sobre o modo como os pastores se expressam textualmente e traz subsídios para que os sermões, por eles escritos, reflitam o seu contexto e tenham destinatários específicos, ou seja, sua própria congregação, porque este aspecto de proximidade não pode ser negligenciado. Ao mesmo tempo, o pluralismo brasileiro precisa ser levado em consideração, quando séries de sermões são publicadas.

Assim, esta dissertação se estrutura em três partes. O primeiro capítulo trata do sermão e daquilo que está subentendido na sua produção. Reflete-se sobre a Homilética como área da Teologia que se preocupa com a proclamação; sobre as contribuições de homiletas e de pastores que pesquisaram o assunto com um profundo amor pelas suas ovelhas. O segundo capítulo versa sobre o sermão e seus aspetos lingüísticos, isto é, suas características a partir de uma reflexão lingüística sobre texto, locutor, linguagem. Por fim, o terceiro capítulo contém aspectos metodológicos e as análises dos sermões.

## 1 O SERMÃO E A HOMILÉTICA

*As minhas ovelhas ouvem a minha voz;  
eu as conheço, e elas me seguem.  
(Jo 10.27)*

### 1.1 Introdução

A produção de livros e artigos que versam sobre Homilética, no âmbito do luteranismo brasileiro, é pequena. O protestantismo luterano tem suas bases nos seguintes princípios: somente Cristo, somente pela fé, somente a graça, somente a Escritura. Esses princípios manifestam o conteúdo da fé. Todavia, o processo de entrega desse conteúdo pouco é tratado.

Assim, este capítulo reflete sobre o sermão na perspectiva dos homiletas, isto é, daqueles pastores e professores que se preocuparam em escrever sobre o assunto. É grande a produção de outras Igrejas<sup>3</sup> sobre a preparação de sermões. De modo nenhum foi possível, nesta reflexão, dar conta de tão vasta bibliografia. Contudo, aquilo que se julgou imprescindível, levando em consideração a proposta dessa dissertação, está nas páginas seguintes.

Desse modo, discorre-se sobre os olhares diferentes pelos quais se pode investigar o trabalho homilético. Alguns trataram do labor homilético como arte. Outros, ainda, estudaram-no como uma ciência. E, brevemente, destaca-se Agostinho que foi o primeiro a escrever um tratado de Homilética. Além destes

---

<sup>3</sup> Para citar algumas obras: CRANE, James. **O sermão eficaz**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994./ BRAGA, James. **Como preparar mensagens bíblicas**. Miami: Editora Vida, 1989./ KOLLER, Charles W. **Pregação Expositiva sem anotações**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1995./ LACHLER, Karl. **Prega a Palavra**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990./ REIFLER, Hans Ulrich. **Pregação ao Alcance de todos**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990./ As edições de **Lições aos meus alunos** de Spurgeon, pela Publicações Evangélicas Seleccionadas, etc.

aspectos gerais, contemplam-se também três campos semânticos, nos quais estão presentes os elementos essenciais dessa área de conhecimento, isto é, contemplam-se como tópicos separados o pastor na figura de emissor, a mensagem que o emissor prepara e profere e a congregação na figura do ouvinte.

Sendo o fim último da pregação o ouvinte, inverteu-se a ordem. Depois de considerações sobre a Homilética, trata-se primeiramente da congregação, depois do sermão e, por último, do pastor. Nestes campos, estão envolvidas as perguntas diretivas *o que, quem, como, para que, onde e quando*.

## 1.2 A Homilética

“Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus?”<sup>4</sup> Sem dúvida nenhuma, esta é uma pergunta que não poucos pastores fizeram a si mesmos. O Padre Vieira se aventurou a responder. Em seu *Sermão da Sexagésima*, numa explanação da Parábola do Semeador, ele apresenta, primeiramente, três princípios pelos quais julga o pouco fruto da palavra de Deus no mundo: “ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus.”<sup>5</sup>

Segundo Vieira, “da parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé.”<sup>6</sup> Quanto aos ouvintes, já é um pouco diferente. Alguns pastores julgam que a culpa é dos que ouvem. Todavia, “os ouvintes ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles fruto a palavra de Deus, se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito.”<sup>7</sup> Pois a semente nasce em todos os solos, entre os espinhos, no caminho e nas pedras. Das três possibilidades sobrou o pastor. E o leitor é tentado a colocar a culpa no pregador. Porque se não é Deus, não é o ouvinte, só pode ser o pastor. Este princípio ficará em suspenso, por enquanto.

Apesar de a Homilética ser uma disciplina com sólidas bases bíblicas, os pastores que escreveram manuais sobre essa matéria buscaram, em fontes

---

<sup>4</sup> VIEIRA, Antônio. **Sermões do Padre Antônio Vieira**. Porto Alegre: L&PM, 2006, p. 23. O Padre Antônio Vieira foi jesuíta, diplomata do Reino Português, conselheiro de reis, e perseguido pelo Santo Ofício. Viveu de 1608 a 1697. O Sermão da Sexagésima foi escrito por Vieira em 1655.

<sup>5</sup> VIEIRA, 2006, p. 24. O Padre Vieira ainda assevera que “nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje.”

<sup>6</sup> VIEIRA, 2006, p. 25.

<sup>7</sup> VIEIRA, 2006, p. 27.

distintas e mais variadas, aprimorá-la. Com certeza, ela bebeu e ainda bebe em fontes além da Teologia. Para observar esse fato, basta perscrutar os livros e artigos produzidos nesta área. Figuram retóricos, oradores, filósofos, sociólogos, comunicadores, jornalistas, lingüistas, etc.

Os primórdios da Homilética encontram-se em Santo Agostinho. Dele é o primeiro estudo sistemático a respeito da matéria – “A Doutrina Cristã”. Como ciência, tem sua origem nos conhecimentos deste pai da Igreja. Ele aplicou os princípios da retórica na pregação cristã.<sup>8</sup> Mais tarde, semelhantemente, Broadus afirmou que “a ciência da Homilética nada mais é do que a adaptação da retórica às finalidades especiais e aos reclamos da prédica cristã.”<sup>9</sup>

A Homilética é, então, aquele ramo de estudo que se preocupa com a proclamação da palavra de Deus. E esta, a pregação, “devia ser considerada a mais nobre tarefa que existe na face da terra.”<sup>10</sup> Pois, trata-se do meio pelo qual Deus atinge o ser humano. Porque “agradou a Deus salvar aqueles que crêem por meio da loucura da pregação (1 Coríntios 1.21).” Desse modo, também expressam as Confissões Luteranas:

Institui Deus o ofício da pregação, dando-nos o evangelho e os sacramentos, pelos quais, como por meios, dá o Espírito Santo, que opera a fé, onde e quando lhe apraz, naqueles que ouvem o evangelho, o qual ensina que temos, pelos méritos de Cristo, não pelos nossos, um Deus gracioso, se o cremos.<sup>11</sup>

Para Blackwood, a pregação é a “comunicação da verdade aos homens mediante o homem.”<sup>12</sup> Por isso ela requer a interpretação da vida hodierna a partir da luz que hoje vem de Deus. Tanto no púlpito quanto na paróquia, o pastor se esforça por interpretar a vontade de Deus para aqueles que buscam por orientação<sup>13</sup>. No entanto, convém refletir sobre as seguintes palavras de Vieira: “hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e

<sup>8</sup> COSTAS, Orlando. **Comunicacion por medio de la predicación**. Miami: Editorial Caribe, 1984, p. 41.

<sup>9</sup> BROADUS apud MORAES, Jilton. **Homilética: da pesquisa ao púlpito**. Recife: STBNB Edições, 2000, p. 26. Jilton Moraes é Doutor em Teologia na área da Homilética. Pastor há mais de 30 anos e professor de Homilética há mais de 25 anos.

<sup>10</sup> BLACKWOOD, Andrew Watterson. **A preparação de sermões**. Rio de Janeiro: Juerp/Aste, 1981, p. 15.

<sup>11</sup> CONFISSÃO DE AUGSBURGO in: LIVRO DE CONCÓRDIA. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1997, p. 30. A IELB subscreve esse artigo, bem como toda a Confissão de Augsburg.

<sup>12</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 15.

<sup>13</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 16.

obras."<sup>14</sup>

Kirst, citando Lasswell, destaca que para entender o processo da comunicação humana “é preciso estudar os seguintes estágios: *quem diz o que em que canal a quem com que efeito?*” Mais tarde foram acrescentados mais dois elementos: “*com que intenções em que condições?*”<sup>15</sup> Assim, concebendo a Homilética como o ramo da Teologia que se preocupa com a proclamação da palavra de Deus, esses elementos do processo comunicativo são igualmente objetos de estudo da Homilética.

Na Homilética, o pastor tem a oportunidade de congregar e conhecer as outras disciplinas que fazem parte do campo de estudo da Bíblia. Utiliza a Hermenêutica, a Exegese, a Litúrgica, as Línguas bíblicas, a História Antiga, etc. Por outro lado, permite a utilização de campos de saber que possibilitam uma compreensão global do ser humano, tais como a filosofia, a antropologia, a psicologia, a comunicação, etc. Além disso, proporciona um conhecimento abrangente e preciso da língua na qual ele se dirige aos ouvintes. Entretanto, críticos afirmam, segundo Larsen, que o esforço semanal do pastor na preparação de sermões é um “desperdício de recursos humanos.”<sup>16</sup>

### **1.2.1 A Ciência-Homilética**

Encarar a Homilética como ciência tem suas vantagens. Proporciona a fixação de um objeto específico de estudo e a objetivação de métodos e de técnicas para o trabalho. Contudo, de acordo com Blackwood, o ensino dela como ciência, exercido por mãos erradas, contribuiu para o baixo nível do púlpito. Porque

muitos dos que tentaram dominar a terminologia dessa ciência fizeram aparecer um conjunto de moldes ou fórmulas em que vazavam material para sermões. Sem terem culpa, estes jovens consideravam a ‘elaboração de sermões’ em termos de regras, e não de vida.<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> VIEIRA, 2006, p. 30.

<sup>15</sup> KIRST, Nelson. **Rudimentos de Homilética**. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 31. Nelson Kirst é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB). Doutor em Antigo Testamento. Foi professor de Antigo Testamento, Homilética e Liturgia na Escola Superior de Teologia (EST).

<sup>16</sup> LARSEN, David L. **Anatomia da pregação: identificando os aspectos relevantes para a pregação hoje**. São Paulo: Vida, 2005, p. 11. David L. Larsen pastoreou igrejas por 32 anos. É professor emérito na *Trinity Evangelical Divinity School*, em Illinois, EUA.

<sup>17</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 21.

Por outro lado, Kirst vê o labor da prédica na Igreja a partir da ciência da Comunicação. Sua perspectiva, por isso, difere de outros manuais de Homilética. Desse modo, para ele, a “Homilética é a ciência que se ocupa com a pregação cristã e, de modo particular, com a prédica proferida no culto, no seio da comunidade reunida.”<sup>18</sup>

Além disso, outros homiletas deram à pregação e, em consequência à Homilética, um lugar singular. Pois, afirmam que, no ministério pastoral, muitas são as atividades desenvolvidas, “nenhuma delas, porém, é tão importante, exigente e intransferível quanto à pregação. Do púlpito a mensagem de Cristo é proclamada, vidas são salvas e os salvos são doutrinados, edificados equipados.”<sup>19</sup> A pregação, portanto, é a tarefa mais importante do pastor e a que deveria ter maior prioridade.

### **1.2.2 A Arte-Homilética**

Em detrimento das desvantagens proporcionadas pela visão da Homilética como ciência, encará-la como arte da pregação pode ajudar a remediar o rigor técnico na elaboração de sermões, dando a estes beleza e, acima de tudo, vida. Pois, a arte evoca o imaginário do ser humano e toca sua alma. Assim, “no estudo da pregação, como arte, o futuro ministro aprende a usar a imaginação.”<sup>20</sup>

O *Sermão da Sexagésima* de Vieira também é um clássico sobre a arte da pregação. É considerado, de acordo com Homero V. Araújo, “uma autêntica ‘teoria da arte de pregar’.”<sup>21</sup> E, de fato, não foge ao comentário. Trata com uma beleza singular do labor homilético. Mesmo que não tenha utilizado este termo – Homilética – especificamente.

Para Moraes, a arte de pregar precisa ser buscada pelo pastor. Este precisa crescer nela. O pregador deve ser hábil em contar histórias e, do mesmo modo, quem quiser se desenvolver como comunicador da Palavra. Comunicador por excelência era Jesus. Nos seus sermões, rememorava fatos da história e apelava à imaginação dos ouvintes, atribuindo, assim, um novo sentido à mensagem por

---

<sup>18</sup> KIRST, 1996, p. 9.

<sup>19</sup> MORAES, 2000, p. 28.

<sup>20</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 22.

<sup>21</sup> Homero V. Araújo é o escritor que fez a introdução ao livro com os três sermões do Padre Vieira. (VIEIRA, 2006, p. 13)

ele proferida. “Usou da história do povo de Israel, da realidade do momento, da natureza, dos problemas e conflitos vividos pelos ouvintes.”<sup>22</sup>

No entanto, segundo Blackwood, imprescindível é que os pastores considerem o sermão a sua principal tarefa. O conhecimento da Homilética e da arte da pregação são importantes, mas o sermão deveria ser valorizado acima de tudo. “O sermão constitui o principal produto dos labores do ministro, semana após semana.”<sup>23</sup> Em virtude disso, para este autor, quando um discurso verbal merecer ser chamado de sermão, certamente, satisfaz as necessidades dos ouvintes.

### **1.2.3 Agostinho e a Homilética**

O primeiro a se preocupar e produzir sobre Homilética foi Santo Agostinho. É dele o primeiro livro que, especificamente, versa sobre o assunto. Trata-se de um manual de doutrina cristã. Ele foi um escritor muito frutífero. Produziu obras dos mais variados gêneros e se interessava pelos gêneros. Mas, em sua grande maioria, seus livros são profundamente ligados à Escritura Sagrada.

“A Doutrina Cristã”, que é seu manual, divide-se em quatro livros: o primeiro é dedicado ao estudo das coisas, isto é, ao estudo da Suprema Coisa (Deus) e do homem. O segundo trata dos sinais, pois “a Escritura é um conjunto de sinais escritos, isto é, de palavras”<sup>24</sup> e todas as palavras são de instituição humana. Já o terceiro versa sobre regras de interpretação, destacando essencialmente princípios para resolver as ambigüidades da Escritura – de sentido próprio e, mais complexas, de sentido figurado – e apresenta o recurso à crítica textual: do contexto e de cotejamento das traduções. Por último, o quarto livro é um tratado de oratória sagrada. Uma obra que está calcada em expor duas questões básicas: O que? e Como?

Para Rocha, o leitor contemporâneo não deve pensar que este livro seja um longo tratado sistemático sobre regras de eloquência eclesiástica. São, antes de tudo, conselhos expostos de maneira clara e com muito trato.<sup>25</sup> Durante essa

---

<sup>22</sup> MORAES, 2000, p. 152.

<sup>23</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 23.

<sup>24</sup> AGOSTINHO, Santo. **A Doutrina Cristã**. São Paulo: Paulus, 2002, p. 15. Introdução ao texto.

<sup>25</sup> ROCHA, Frei Hylton Miranda. **Pelos Caminhos de Santo Agostinho**. São Paulo: Loyola, 1989, p. 153.

dissertação, Agostinho continua sendo citado e, mais especificamente, no segundo capítulo, quando se tratar da linguagem, pois esse pai da Igreja se preocupou com o assunto.

#### **1.2.4 A Nova Homilética**

Segundo Souza, no final dos anos 60, começa a ocorrer uma mudança de paradigma no campo da Homilética. Até então, a ênfase era dada ao conteúdo. A nova proposta enfatiza a forma, seguindo a orientação de modelos indutivo-narrativas, e tem como foco aquele que ouve a pregação.<sup>26</sup>

A Nova Homilética propõe uma inversão de diretrizes na pregação. Sua proposta é assumir um padrão indutivo em detrimento do dedutivo. Este é o padrão atualmente seguido pela maioria dos pastores. Segundo Larsen, “a abordagem indutiva vai do particular para o geral, enquanto que na dedutiva o orador vai do geral ao particular.”<sup>27</sup> É melhor se concentrar nos fatos, e não nas idéias ou nos temas.

O modelo homilético que Craddock compilou, conhecido como *pregação indutiva*, tem por objetivo principal convidar as pessoas ouvintes a tomar parte no desenrolar da prédica e permitir que haja espaço para que cheguem às suas próprias conclusões.<sup>28</sup>

Craddock, talvez, seja o maior defensor da pregação indutiva. A impressão que se tem é que a Nova Homilética busca, basicamente, impulsionar a arte da homilética, porém no sentido narrativo. Não começar pelo sentido da história e explicar as suas partes, e chegar novamente a ele. Todavia, contar de tal modo a história que os ouvintes possam, eles mesmos, concluir qual é o sentido.

O foco está em pregar como se se contasse uma história, o que se tornou moda nos círculos protestantes, católicos romanos e judaicos. Embora os expoentes dessa área reconheçam que ela ainda não foi devidamente explorada, essa é a direção do momento. [...] O bode expiatório, naturalmente, é o sermão didático e o discurso racionalista. Ouvimos dizer que agora o estilo é mais importante do que o conteúdo no que se refere ao significado.<sup>29</sup>

De acordo com Souza, Craddock observou que um dos motivos pelos quais

---

<sup>26</sup> SOUZA, Mauro B. **A Nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã.** In: Estudos Teológicos, v. 47, n. 1, p. 5-24, 2007, p. 6. Mauro B. Souza é pastor da IECLB, Doutor em Teologia e foi professor de Homilética da EST.

<sup>27</sup> LARSEN, 2005, p. 73.

<sup>28</sup> SOUZA, 2007, p. 6.

<sup>29</sup> LARSEN, 2005, p. 136.

o púlpito perdeu seu prestígio e seu poder na sociedade residia no fato de que a forma e o conteúdo haviam sido separados. O pregador sabia o que pregar, porém não dava muita atenção em como pregar. Esta foi uma forte crítica aos seus colegas pregadores.<sup>30</sup>

O que é essencialmente importante é que a prédica volta a ser entendida como um acontecimento oral, e não mais meramente literário. Prédica é um evento – ela acontece no tempo (durante doze, quinze, vinte minutos do culto, da missa, da celebração) e não no espaço (da página escrita de quem prega). Prédica, é bom convencionar, só passa a existir no momento em que ela é “performada”.<sup>31</sup>

Ainda, conforme Souza, o fator mais importante na defesa da Nova Homilética, para Craddock, “tem a ver com o movimento que a prédica desenvolve quando é ‘performada’.”<sup>32</sup> Por ser a prédica um evento oral, “seu potencial de eficácia depende muito do movimento que ela segue.” Pode seguir um movimento dedutivo ou indutivo, como foi visto antes. No primeiro caso, parte-se de uma afirmação geral e “e se move até as aplicações particulares ou experiências concretas.” Por outro lado, no segundo caso, parte-se “das experiências concretas e aplicações particulares e se move até a afirmação ou verdade geral.”<sup>33</sup>

A Nova Homilética, bem como sua defesa do movimento indutivo, pode ser resumida com o que segue:

Mudança de dedutivo para indutivo, de retórica para poética, de espaço para tempo, de literatura para oralidade, de prosa para poesia, de quente para frio, de credo para hino, de ciência para arte, de lado esquerdo do cérebro para lado direito, de proposição para parábola, de discurso direto para indireto, de construção para desenvolvimento, de discursivo para estético, de tema para evento, de descrição para imagem, de ponto para evocação, de autoritário para democrático, de verdade para significado, de relato para experiência.<sup>34</sup>

### **1.2.5 A Questão da Terminologia na Homilética**

Qualquer ciência ou campo de saber possui a sua terminologia. Algumas, como a Medicina ou o Direito, têm um cabedal de termos em que o simples leitor

<sup>30</sup> SOUZA, 2007, p. 8.

<sup>31</sup> SOUZA, 2007, p. 9.

<sup>32</sup> Esta palavra está entre aspas, porque, no modo proposto pelo professor, não existe em português. [grifos meus]

<sup>33</sup> SOUZA, 2007, p. 11.

<sup>34</sup> LOWRY, Eugene L. The Revolution of Sermonic Shape. In: O'DAY, Gail R.; LONG, Thomas G. (Ed.). Listening to the Word: Studies in Honor of Fred B. Craddock. Nashville: Abingdon Press, 1993. p. 96. Apud SOUZA, 2007, p. 17.

pode se perder, como num labirinto, se não tiver à mão um bom dicionário. E, não raras vezes, são desenvolvidos dicionários específicos para cada ciência. Pode acontecer que um verbete assuma designações diferentes em áreas distintas de uma ciência em particular. Preservar a terminologia é sumamente imprescindível? E por que não construir textos ditos “científicos” numa linguagem acessível a qualquer leitor mediano?

A Teologia não foge à regra. Também tem uma terminologia muito rica. A Homilética, de modo semelhante, possui a sua, que não é seguida rigorosamente. Muitos termos são utilizados de maneira aleatória tanto por escritores como por pastores. Um exemplo disso é o uso de: sermão, prédica, mensagem, homilia para se referir tanto ao texto como à mensagem que o pastor profere no culto público. Porém, neste caso, os termos fazem parte de um mesmo campo semântico.

O termo que mais sofreu de maneira pejorativa foi “sermão”.<sup>35</sup> Observa-se isso há não pouco tempo. Por isso, quiçá, seu uso esteja se dissipando. É comum ouvir a expressão: “Lá vem o sermão!” Knox atribui a má reputação desta importante palavra ao espírito de sua época em função das pessoas terem assumido uma rebeldia maior contra a autoridade moral.<sup>36</sup> Atualmente, os termos “mensagem” e “predica” estão sobrepujando aquele. Basta verificar os títulos<sup>37</sup> de livros com séries de mensagens de épocas distintas. Caberia indagar o porquê dessa mudança semântica e, em especial, o motivo da depreciação de determinados termos.

Não só sermão, mas também, segundo Larsen, a palavra “pregar”, no dicionário Webster da língua inglesa, tem uma acepção também pejorativa, isto é, “exortar de maneira intrusiva e enfadonha.”<sup>38</sup> O dicionário Aurélio de língua portuguesa ainda não apresenta uma acepção dessa maneira para a palavra pregar. Todos os sentidos atribuídos ao verbete dizem respeito, em linhas gerais, à proclamação em forma de sermão.

De acordo com Kirst, Homilética “vem da palavra grega HE HOMILIA. O

---

<sup>35</sup> Esta dissertação opta pelo verbete sermão por sua ampla condição semântica. Abrange tanto aquele texto preparado pelo pastor quanto à proclamação deste texto no púlpito.

<sup>36</sup> KNOX, John. **A integridade da pregação**. São Paulo: ASTE, 1964, p. 82.

<sup>37</sup> A publicação que se analisa nesta dissertação: *Portas Abertas: mensagens para o culto* (2006); Dietrich Bonhoeffer: *Prédicas e alocuções* (2007).

<sup>38</sup> LARSEN, 2005, p. 11.

verbo HOMILEIN significa ‘relacionar-se, conversar’. HE HOMILIA designa, no NT, ‘o estar juntos, o relacionar-se’, e, nos primeiros séculos da era cristã, o termo passa a ser usado para denominar a *predica*. Daí deriva a expressão ‘homilética’.<sup>39</sup> O dicionário Aurélio define Homilética como “arte de pregar sermões religiosos”. O vocábulo grego, *homilia*, conversação, com o passar do tempo, adquiriu a significação de *discurso religioso*.

Carvalho, por sua vez, faz distinção entre homilia e sermão quanto a um aspecto de formalidade. No que diz respeito a modalidades enunciativas, “a homilia é um tipo de oratória mais simples mais familiar, em muitos casos, dialogal”. Enquanto o sermão, em contraste, “é um tipo de discurso composto segundo as regras da retórica ou da oratória, e proferido de forma solene, a partir do púlpito.”<sup>40</sup>

Conforme Knox,

*praedico* forma latina que significa declarar em público, proclamar, publicar. Geralmente se supõe que esse termo latino corresponde ao grego *prophêteuo*, profetizar. Entretanto, *prophêteuo* e *prophêteia*, tal como aparecem no Novo Testamento, são transliterados regularmente nas versões latinas, aparecendo com o *propheto* e *prophetia*. *Praedico* traduz *kêrysso* e *praedicatio*, *kerygma*; e essas palavras, tanto gregas como latinas, denotam uma declaração pública, uma proclamação e, na realidade, um anúncio no sentido mais simples e geral<sup>41</sup>.

A separação que segue quanto aos subtítulos em congregação, sermão e pastor é uma maneira de explorá-los como unidades temáticas. Porém, a tarefa de estudá-los como assuntos separados é quase impossível.

### 1.3 A Congregação

*Não esmagará a cana quebrada,  
nem apagará a torcida que fumega...*  
(Isaias 42.2)

A comunidade é composta pelas ovelhas. E o bom pastor conhece as suas ovelhas e elas o conhecem. É através do exercício do ministério pastoral que o pastor tem um conhecimento apurado das pessoas da sua comunidade. Não se dissocia púlpito da vida dos congregados. Por isso, para Moraes, “o trabalho do púlpito se completa na visitação, no aconselhamento e na vivência diária com os

<sup>39</sup> KIRST, 1996, p. 9.

<sup>40</sup> CARVALHO, Dirce de. **Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral**. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 22.

<sup>41</sup> KNOX, 1964, p. 23.

paroquianos.”<sup>42</sup>

Para Vieira, segundo sua interpretação, os apóstolos pregariam a todas as nações do mundo. Muitas bárbaras e incultas. Por isso, encontrariam homens “degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedra.”<sup>43</sup> A questão suscitada é: para os pregadores contemporâneos, ainda vale esta interpretação?

De acordo com Kirst, “o efeito principal da prédica consiste em proporcionar ao ouvinte um equilíbrio existencial-emocional, através do fortalecimento de convicções fundamentais que ele considera essenciais para sua existência.”<sup>44</sup> Porque o ouvinte tende a buscar o fortalecimento de suas posições e sentimentos.<sup>45</sup> Semelhantemente, expressa Blackwood que quando as pessoas “vão à Igreja esperam a mensagem de Deus, de acordo com as suas necessidades atuais de seus corações.”<sup>46</sup> Para ele, os nascidos depois da Primeira Guerra Mundial têm sido instruídos a pensar a partir da imaginação ao invés de pensar logicamente. Assim, ao irem à Igreja desejam que o pastor faça-os ver o que diz. Sua maneira de falar e o conteúdo precisam pintar cenas em suas mentes como as parábolas<sup>47</sup> narradas por Jesus, por exemplo.

É mais por causa dos ouvintes do que do pregador que a pregação existe. Sem dúvida, não existe pregação sem ouvintes. Por isso, Kirst assevera que a prédica precisa guiar-se pelos ouvintes. Ele lembra que Lutero não se cansava de acentuar que “a perspectiva do ouvinte é um dos fatores determinantes da prédica.” Para o reformador, de acordo com as circunstâncias e dependendo dos ouvintes, o pastor deve “ameaçar, atemorizar, repreender, advertir, consolar, reconciliar.” “Deve-se ensinar e pregar aquilo que é conveniente e próprio, de acordo com o tempo, o lugar e as pessoas.”<sup>48</sup>

A finalidade da mensagem “visa mover a vontade do ouvinte à ação, o que

---

<sup>42</sup> MORAES, 2000, p. 179.

<sup>43</sup> VIEIRA, 2006, p. 20.

<sup>44</sup> KIRST, 1996, p. 27.

<sup>45</sup> KIRST, 1996, p. 25.

<sup>46</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 51.

<sup>47</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 55.

<sup>48</sup> KIRST, 1996, p. 177.

talvez aconteça apenas no íntimo do coração.”<sup>49</sup> No entanto, para isso acontecer o emissor precisa conhecer, de certa forma, quais são as expectativas do receptor em relação ao emissor propriamente e também qual a imagem que ele mesmo lança sobre o ouvinte. E, no caso da prédica, o ouvinte quer confirmação de suas convicções e alento aos seus anseios. Mas, se as suas convicções são frustradas, o ouvinte aceitará a mensagem se julgar legítimo e competente o pregador.<sup>50</sup> O contrário também acontece. Frustradas serão as expectativas se o ouvinte considerar o pastor um não pregador.

A verdadeira pregação ocorre quando se estabelece um diálogo entre pastor e ouvintes. Quando o pastor consegue envolver suas ovelhas através do sermão. Todavia, esse envolvimento na prédica, conforme Kirst, não pode ser captado de forma satisfatória por pesquisas de comunicação. “O recolhimento, a meditação, o silêncio, o ouvir e atentar, o querer-deixar-que-se-lhe-diga-algo, a oração, a adoração, o louvor, tudo isso faz parte do culto (...), e a prédica se encontra inserida dentro de tudo isso.”<sup>51</sup>

A reflexão sobre os ouvintes não se esgota nesse ponto. O ouvinte está presente na reflexão sobre o sermão, a seguir, e na reflexão sobre o pastor, mais adiante.

#### **1.4 O Sermão**

“Sabem padres pregadores, por que fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não pregamos aos olhos, pregamos só aos ouvidos.”<sup>52</sup> Pois, “o pregar que é falar faz-se com a boca, o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras, para falar ao coração, são necessárias obras.”<sup>53</sup>

Será a monotonia um dos problemas que assolam o púlpito? De acordo com Craddock, a monotonia “trabalha contra a fé, ao provocar pensamentos contrários, ao embalar de um cochilo, ao cobrir a ocasião com uma cortina desinteressante ou indiferente.”<sup>54</sup> Neste e em outros autores, a Homilética tem se fortalecido. É preciso reforçar as técnicas criativas já há muito utilizadas, e investir

---

<sup>49</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 44.

<sup>50</sup> KIRST, 1996, p. 43.

<sup>51</sup> KIRST, 1996, p. 29.

<sup>52</sup> VIEIRA, 2006, p. 33.

<sup>53</sup> VIEIRA, 2006, p. 30.

<sup>54</sup> CRADDOCK apud JAGNOW, 1997, p. 95.

em novas formas de sermão.

Talvez, seja oportuno, neste momento, trazer a resposta àquela pergunta deixada em suspenso no início deste capítulo. A causa de tão pouco fruto da pregação não está em Deus, não está nos ouvintes e não está nos pregadores de acordo com Vieira. Está justamente nas palavras. “É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus. Falo do que ordinariamente se ouve.”<sup>55</sup>

As palavras de Deus, pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do Demônio.<sup>56</sup>

Segundo Larsen, “uma das maiores necessidades da Igreja atual é ter uma pregação verdadeiramente bíblica.”<sup>57</sup>

O sermão é uma expressão humana. Não é o arejamento da opinião do pregador – até mesmo opiniões acerca de assuntos importantes – mas a participação de suas convicções mais sérias e íntimas. É mais do que isso; ele se atreve a crer – e, na verdade, não pode deixar de crer – que tudo quanto declara tem vindo a ele, para ele mesmo, como sendo a Palavra de Deus. Desse modo, tem ele o fardo de um senso único de responsabilidade, elevado por um único senso de privilégio.<sup>58</sup>

O conteúdo da pregação não é outro senão Jesus Cristo. Ele “é tudo o que Deus tem a dizer, e tudo o que Deus tem a dizer se articula em Jesus Cristo.”<sup>59</sup> É pela pregação<sup>60</sup> que se estabelece o elo entre Deus e as pessoas. “Sem a pregação não há elo entre a Palavra, que é Cristo, e a fé.”<sup>61</sup> Por ser esse elo,

a pregação é um ato comunicativo. Tem como finalidade a comunicação da Palavra de Deus aos homens. Comunicar é compartilhar, e em virtude desse compartilhamento ter certos conceitos atitudes ou experiências comuns com outras pessoas. Pregar é compartilhar a Cristo com outras

---

<sup>55</sup> VIEIRA, 2006, p. 50.

<sup>56</sup> VIEIRA, 2006, p. 51.

<sup>57</sup> LARSEN, 2005, P. 31.

<sup>58</sup> KNOX, 1964, p. 69. A alusão do autor vincula-se aos textos de Am 3.8 e 1Co 9.16.

<sup>59</sup> KIRST, 1996, p. 11.

<sup>60</sup> Segundo Ebeling, para Lutero, “A pregação cristã é o acontecimento da distinção de lei e evangelho. Para que não haja mal-entendido: a tarefa da pregação cristã não é, em primeiro lugar, uma instrução sobre a diferenciação de lei e evangelho – ela é isso, também, num plano secundário. A tarefa da pregação cristã é, antes, a execução da distinção de lei e evangelho, o processo dum luta na qual, sempre de novo, a distinção de lei e evangelho está em jogo e se concretiza. Assim sendo, a efetiva diferenciação de lei e evangelho não é algo secundário e casual no acontecimento da pregação, mas aquilo que propriamente deve acontecer nela.” (EBELING, Gerhard. **O Pensamento de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 92.)

<sup>61</sup> KIRST, 1996, p. 13.

peças e assim introduzi-las a uma relação íntima com Deus.<sup>62</sup>

### 1.4.1 Fonte<sup>63</sup>

Larsen destaca que

a fé histórica da igreja cristã é clara nesses assuntos, afirmando que a Bíblia é a única fonte infalível de fé, doutrina e prática. Emil Brunner ressaltou que o destino da Bíblia é o destino do cristianismo. O princípio da Reforma era *sola Scriptura*. Nossa autoridade é a Bíblia.<sup>64</sup>

Esse posicionamento é sentido em outros autores. É necessário concordar com Kirst que “nem toda pregação cristã precisa ser textual; mas toda pregação cristã precisa ser bíblica. É a Bíblia que dá o conteúdo à pregação – sempre.”<sup>65</sup> Semelhantemente, Knox assevera que usar “a Bíblia – e até mesmo o seu uso em larga escala – não é suficiente para garantir que a pregação bíblica seja eficiente ou mesmo autêntica. Tudo depende como nós a usamos.”<sup>66</sup>

Para Kirst, é a pregação que dá origem ao Cristianismo e não um livro. E modo mais antigo da pregação cristã é baseado em textos, conhecida por *homilia*, e foi amplamente praticada nos primórdios da Igreja cristã.<sup>67</sup> Por exemplo, cita-se o procedimento dos apóstolos. Em Atos, vislumbra-se a cena de Paulo entre os judeus discorrendo sobre as Escrituras.

Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio.<sup>68</sup>

---

<sup>62</sup> COSTAS, 1984, p. 33.

<sup>63</sup> A IELB crê, ensina e confessa que “somente os escritos proféticos e apostólicos do Antigo e Novo Testamento são a única regra e norma segundo a qual devem ser ajuizadas e julgadas igualmente todas as doutrinas e todos os mestres, conforme está escrito: ‘Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos’ (Sl 119.105). E São Paulo: ‘Ainda que um anjo vindo do céu vos pregue diversamente, seja anátema’ (Gl 1.8)”. (FÓRMULA DE CONCÓRDIA in: LIVRO DE CONCÓRDIA, 1997, p. 499) Lutero também entendia que “as Escrituras são a fonte central do material homilético, bem como a base de toda a pregação. O princípio da Reforma – *Sola Scriptura* – era inabalável e imutável.” (PRIETO, 1997, p. 146) Desse modo, a fonte para a pregação na IELB é, por certo, a Bíblia. Em consequência, qualquer outro escrito, comentário ou mesmo qualquer sermão deve estar subordinado à Escritura Sagrada. Ou a pregação é bíblica ou não é. Pois “sem a Palavra escrita nas Escrituras, lida, pregada e ouvida, Deus permanece um Deus desconhecido.” Porque “um sermão não prega a Bíblia, mas o Cristo da Bíblia.” (Cf. PRIETO, 1997, p. 135-137)

<sup>64</sup> LARSEN, 2005, p. 22.

<sup>65</sup> KIRST, 1996, p. 46.

<sup>66</sup> KNOX, 1964, p. 13.

<sup>67</sup> KIRST, 1996, p. 49.

<sup>68</sup> Atos, 17.2-3.

“O conteúdo da mensagem cristã provém das Escrituras.”<sup>69</sup> Jesus usou o Antigo Testamento como base de sua mensagem. Procederam de modo semelhante os primeiros pregadores após a ressurreição de Jesus. Primeiramente, utilizavam os livros do Antigo Testamento e quando surgiram, mais tarde, as cartas de Paulo os evangelhos passaram a utilizá-los na pregação. Moraes afirma que “a Bíblia é a única fonte inesgotável de sermões. Sem ela seria loucura qualquer pregador tentar falar tantas vezes por semana, levando salvação e edificação em todos os momentos.”<sup>70</sup>

A Bíblia é utilizada na pregação porque é a Literatura de Deus. “É literatura de alta qualidade porque é nossa literatura e porque é, em sentido muito verdadeiro e distinto, a literatura divina.”<sup>71</sup> Não esse aspecto divino, mas, na tessitura da Literatura Universal, pode-se facilmente observar a presença da literatura bíblica entranhada nos mais diversos romances e também na poesia.<sup>72</sup> Em virtude disso, talvez, Knox escreve:

Imagens e também concepções bíblicas têm penetrado na urdidura e na composição da cultura ocidental; a linguagem da Bíblia não somente foi o ingrediente básico na linguagem da liturgia e devoção da Igreja, mas também afetou profundamente tanto a nossa literatura em geral assim como nossa linguagem comum.<sup>73</sup>

Por outro lado, existem materiais secundários, fora da Bíblia, que auxiliam e contribuem na elaboração de sermões, como por exemplo: a Literatura Religiosa – hinoologia cristã, arqueologia, história da Igreja, obra missionária, livros devocionais; e a Literatura não especificamente religiosa – poesia, clássicos da literatura, ficção. Na Literatura, o pastor pode descobrir interpretações

---

<sup>69</sup> MORAES, 2000, p. 63.

<sup>70</sup> MORAES, 2000, p. 71.

<sup>71</sup> KNOX, 1964, p. 13.

<sup>72</sup> Para citar alguns escritores brasileiros: Machado de Assis escreve um romance com o seguinte título: *Esau e Jacó*, no qual a estrutura bíblica de formação de uma nova “nação” aparece no romance, sem falar nos personagens Pedro e Paulo, os quais possuem as mesmas características psicológicas dos apóstolos. Outro ainda de Machado é o *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Neste, além de inúmeras referências bíblicas, figuram até as Confissões Luteranas num determinado momento. Além disso, outro é Menotti Del Pichia, o qual escreve um romance com o título *Salomé*. Na apresentação, o escritor comenta que o escreveu a partir do relato bíblico da morte de João Batista. O próprio Padre Vieira, citado neste trabalho, com seus sermões é estudado na Literatura Brasileira com um dos primeiros e principais escritores do início da história da Literatura do Brasil; Não obstante, citam-se, ainda, Rui Barbosa, Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos etc. Semelhantemente, Larsen destaca que Shakespeare fez mais de 1200 referências às Escrituras em suas 37 peças. (LARSEN, 2005, p. 112)

<sup>73</sup> KNOX, 1964, p. 15.

impressionantes sobre o homem e sobre a vida na terra. Bem como conhecer os seus pensamentos mais íntimos, suas indagações, suas angústias, etc.

A Literatura em geral pode auxiliar o pastor a conhecer o pensamento do ser humano. A Teologia do pregador não pode ser uma teologia de contra capa, isto é, uma teologia que se baseia apenas em resumos e pequenos comentários. Porque

se não existe nenhuma diferença significativa entre a Bíblia e as *Fabulas* de Esopo ou as tábuas de Joseph Smith, então estamos abandonados em meio a uma desesperadora mistura de verdade e erro calculada para fomentar a hesitação e o equívoco no púlpito. Privado de consenso normativo quanto ao conteúdo autorizado, o pregador se volta para a psicologia popular, para os acontecimentos atuais ou para as resenhas de livros, visando alimentar o rebanho faminto com essas coisas.<sup>74</sup>

O testemunho bíblico ainda é como sempre foi e será “a fonte e o critério para tudo o que se disser em nome de Deus e de Jesus Cristo na comunidade cristã”.<sup>75</sup> O pregador, entretanto, assim como outros comentaristas, também é um expositor do texto bíblico e pode, sem o devido cuidado, esconder ou deturpar qualquer trecho da Bíblia.

Como, pois, podemos definir a pregação bíblica? [...] Podemos afirmar primeiramente que a pregação bíblica é a que permanece próxima às idéias bíblicas características e essenciais: a transcendência, a santidade, o poder e soberania, o amor de Deus; sua exigência de justiça ética; seu julgamento do pecado; a criação do homem, sua condição de pecador; sua necessidade de perdão e liberdade. O significado de Cristo como a vinda real de Deus para nossa história com o auxílio de que precisamos; a eficácia da reconciliação e da redenção, da vida, do gozo e da paz na nova comunidade do Espírito que Deus criou através de Cristo e para a qual podemos entrar mediante a condição única de penitência e fé. E, na pregação bíblica, essas idéias não aparecerão simplesmente como tais – não só como largas concepções gerais – mas sim como parte integrante no contexto concreto da tradição e da vida eclesiástica. A pregação bíblica não se preocupa com abstrações. Já era ‘existencialista’ muito antes que os filósofos começassem a empregar este termo. Na verdade, não foi mero acidente que Kierkegaard, o pai do existencialismo moderno, tivesse sido um pregador bíblico.<sup>76</sup>

#### **1.4.2 Hermenêutica e Aplicação**

De acordo com Agostinho, conhecer os Livros Santos é a primeira coisa a ser feita pelo pregador. Em seguida, estudar com cuidado os preceitos morais e

---

<sup>74</sup> LARSEN, 2005, p. 23.

<sup>75</sup> KIRST, 1996, p. 46.

<sup>76</sup> KNOX, 1964, p. 21.

as regras de fé. Quanto às passagens obscuras, o pregador buscará o seu entendimento pelas passagens mais claras que versam sobre o mesmo assunto. Os obstáculos para a compreensão estão ocultos em signos desconhecidos ou em signos de sentido figurado. Estes são próprios ou figurados. Os signos serão figurados ou “metafóricos, quando as mesmas coisas, que denominamos com seu termo próprio, são também tomadas para significar algo diferente.”<sup>77</sup>

Por isso, uma das primeiras necessidades apontadas por Agostinho é conhecimento das línguas bíblicas. “Para combater a ignorância dos signos próprios, o grande remédio é o conhecimento das línguas.”<sup>78</sup> Contudo, para aqueles que não as conhecem, a diversidade de traduções auxiliará na compreensão do texto. Caso sejam cogitados erros de tradução ou erros gramaticais, a solução será buscar os originais.

Duas coisas são importantes na exposição das Escrituras Sagradas segundo Agostinho: “a maneira de descobrir o que é para ser entendido e a maneira de expor com propriedade o que foi entendido.”<sup>79</sup> Para ele, ainda, “toda a doutrina reduz-se ao ensino das coisas e dos sinais. Mas as coisas são conhecidas por meio dos sinais.”<sup>80</sup> Larsen também concorda que a “primeira responsabilidade é descobrir o que o texto quer dizer e, então, pregar o que ele diz.”<sup>81</sup>

O tempo que separa o mundo contemporâneo do mundo dos tempos bíblicos é muito grande. E o pastor tem a função de aproximar esses dois mundos, isto é, precisa ler aqueles tempos idos e vertê-los, sem os deturpar, aplicando-os às pessoas deste tempo. “A tarefa do pregador é estabelecer uma ponte entre a Palavra e a congregação.”<sup>82</sup> A palavra escrita envolve cultura, língua, construção semântica e sintática, pessoas, vida e morte, e a tarefa do intérprete, portanto, é chegar antes do texto, na palavra, mas através do texto. O pastor é responsável por construir uma ponte capaz de ligar os dois mundos. Fazer o elo “entre o mundo bíblico e o mundo moderno.”<sup>83</sup>

Esse elo se alcança através de uma Hermenêutica sadia. Ela se tornou um

---

<sup>77</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 99.

<sup>78</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 100.

<sup>79</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 41.

<sup>80</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 42.

<sup>81</sup> LARSEN, 2005, p. 64.

<sup>82</sup> PRIETO, 1997, p. 134.

<sup>83</sup> MORAES, 2000, p. 181.

ramo de estudo teológico muito amplo e especializado. Hoje já é tratada no plural – hermenêuticas. Mas ela provém do vocábulo grego ‘*ermeneúo*’ que significa interpretar. Eis o trabalho do pastor: transportar o conteúdo do texto até o leitor ou até o ouvinte. Com efeito, afirma-se que a correta interpretação é imprescindível para uma boa pregação. Uma má interpretação tem como resultado uma pregação que não condiz com a Palavra de Deus. Por isso, Moraes destaca que “a capacidade de interpretar corretamente o texto bíblico é fundamental para o sucesso do sermão.”<sup>84</sup>

Quando falamos de ‘sentido original’ de uma passagem ou de seu significado em seu ‘contexto original’, deveríamos ter em mente não apenas as suas relações lógicas dentro da sentença, parágrafo, capítulo ou livro em que seja encontrado, mas também algo muito mais rico e muito mais significativo. O ‘contexto original’ não é mera forma de palavras, mas sim a vida real da antiga comunidade religiosa em que primeiramente o texto foi ouvido e conservado.<sup>85</sup>

O pastor precisa saber o que está fazendo com o texto bíblico. Implica, pois, conhecer a realidade na qual o texto foi produzido. O que este texto significou para o seu escritor. Com que propósito escreveu, pensando nos seus ouvintes ou leitores.<sup>86</sup> É preciso que pergunte quanto aos textos a serem estudados: “é esse o sentido em que Deus os disse? É esse o sentido em que os entendem os padres da Igreja? É esse o sentido da mesma gramática das palavras?”<sup>87</sup>

O pastor precisa ser um homem do seu tempo. Cabe a ele conhecer a literatura contemporânea, o que está acontecendo na ciência, seus avanços e seus limites. Precisa posicionar-se acerca dos conflitos existentes entre a ciência e a fé. “Ele precisa compreender ao máximo o espírito dos seus dias. Isso é certo, porém, só porque o seu povo é afetado pessoal e individualmente por esses fatores.”<sup>88</sup>

Para Moraes,

a pregação se torna relevante quando, com sua base bíblica, apresenta um conteúdo contextualizado capaz de alcançar os ouvintes, oferecendo-lhes fé para a sua dúvida, alimento para a sua fome, esperança para o seu desespero, respostas para as suas indagações, ânimo para o seu desânimo e conforto para a sua aflição. Para tanto, é

---

<sup>84</sup> MORAES, 2000, p. 75.

<sup>85</sup> KNOX, 1964, p. 43.

<sup>86</sup> KNOX, 1964, p. 38.

<sup>87</sup> VIEIRA, 2006, p. 52.

<sup>88</sup> KNOX, 1964, p. 72.

necessário que o pregador considere a existência de duas diferentes culturas: a das pessoas para quem o texto foi originalmente escrito e a dos ouvintes na atualidade.<sup>89</sup>

Então, quando o que é pregado aproxima-se do ouvinte, isto é, quando o conteúdo, os conceitos e as idéias lhe tocam, ele pode dizer: “Deus falou ao meu coração; a mensagem foi para mim.” Em virtude deste aspecto, “através da aplicação, o ouvinte passa a se sentir parte do sermão.” Aplicar significa tornar o sermão prático. Ela pode ser direta ou indireta. Pode ser direta como Natã fez com Davi, dizendo-lhe: “você é esse homem.”<sup>90</sup> É preciso acomodar e adaptar o sermão ao auditório para que faça sentido em sua vida, com o propósito de que as palavras do pregador entrem “no mundo do ouvinte, para trazê-lo ao mundo da mensagem pregada.”<sup>91</sup>

Larsen argumenta que, às vezes, o pastor hesita em fazer determinada aplicação por temer a repercussão. Muitos membros ficarão felizes se o pastor ficar pregando sobre generalidades. As coisas permanecerão tranqüilas se for proclamado o princípio geral do sétimo mandamento. Todavia, “quando ele começar a pregar contra o furto de materiais da firma, comum até entre os membros da Igreja, ele terá sérios problema.”<sup>92</sup>

A grande questão é a confusão que se tem entre o imperativo e o indicativo. Segundo Blackwood, quando se prega baseado nos Evangelhos e se vê “o que Jesus era, o que disse e fez e como sofreu”, é preciso se lembrar de fazer a aplicação no indicativo presente. Pregar “acerca do Cristo vivo e soberano.”<sup>93</sup> Confundindo indicativo e imperativo, incorre-se no legalismo. Com vistas a esse perigo na pregação, Kirst destaca o seguinte:

Legalismo acontece quando o indicativo ou o Evangelho não recebem destaque suficiente em relação ao que a prédica traz como imperativo e lei. Índícios bastante claros de legalismo na prédica são expressões como “devemos”, “temos que” e similares. [...] Se a mensagem da prédica aparece apenas como exigência, talvez até a mais radical, falta-lhe justamente o cabo sustentador e libertador, do qual depende toda a tensão. Então, ela apenas chicoteia e cansa.<sup>94</sup>

De acordo com Kirst, a Palavra de Deus se veste de palavras humanas. E há

---

<sup>89</sup> MORAES, 2000, p. 175.

<sup>90</sup> 2 Samuel 12.7.

<sup>91</sup> MORAES, 2000, p. 176.

<sup>92</sup> LARSEN, 2005, p. 93.

<sup>93</sup> DENNEY apud BLACKWOOD, 1981, p. 58.

<sup>94</sup> KIRST, 1996, p. 57.

somente um meio de saber se são palavras humanas ou divinas: “Jesus Cristo, a Palavra, é o critério para julgar o conteúdo da Escritura, ele também o é para julgar o conteúdo da pregação da Igreja.”<sup>95</sup>

### 1.4.3 O Estilo

De acordo com Agostinho, os objetivos de um discurso, em especial o cristão, são: instruir, agradar e converter. Estes estão intimamente ligados aos três estilos de oratória de então: simples, temperado e sublime. Cícero os classificava assim. Numa única sentença, Agostinho os reproduz da seguinte maneira:

ser eloqüente é ser capaz de falar para ensinar em estilo simples as pequenas questões; para agradar, tratando questões médias, em estilo temperado; e para converter, expondo grandes questões, em estilo sublime.<sup>96</sup>

O estilo é inerente ao pastor. Seu modo de se expressar revela seu estilo. Não se dissociam a capacidade de refletir, pensar e sentir da habilidade de expressar-se ou de comunicar-se. A clareza é a característica primordial do modo de se comunicar do pastor. O ser humano pensa através das palavras. Se o pastor não consegue escrever ou expressar-se clara e objetivamente, é possível que seu pensamento, tampouco, esteja claro.<sup>97</sup>

Essa perspectiva torna-se relevante quando o pastor utiliza o púlpito. Pois, no púlpito as pessoas que estão ouvindo não têm a oportunidade de perguntar para tirar suas dúvidas. Sair pela tangente, atribuindo tudo ao Espírito Santo é uma maneira fácil de encarar os fatos. Porém, isso não exige o pastor de ruminar para expor claramente.

Não só o pastor Costas, mas outros têm se preocupado com o “*como*”. Esta palavra, talvez, esteja sendo e muito negligenciada. O pregador necessita preocupar-se com duas coisas principais: o que dirá e como o dirá. Pois, aquele que prega pode pregar uma coisa e comunicar outra.<sup>98</sup> Além disso, outro

---

<sup>95</sup> KIRST, 1996, p. 13. Lutero destaca que “*se Cristo deve ser o conteúdo da prédica a fonte para pregação é, antes de mais nada, a Bíblia.*” (KIRST, Nelson. Lutero, pregação e pregadores – pequena antologia de “falas a mesa”. Ano 21, nº especial, **Estudos Teológicos**, São Leopoldo: Unisinos, 1981, p. 71)

<sup>96</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 242.

<sup>97</sup> KNOX, 1964, p. 65.

<sup>98</sup> COSTAS, 1984, p. 158.

elemento a ser acrescido ao “*como*” diz respeito à criatividade. Esta tem a ver com a forma, isto é, “como a criativa Palavra de Deus é proclamada e aplicada.”<sup>99</sup> O pastor criativo busca proclamar a Palavra de Deus de modo tal que a impressão causada seja semelhante a uma boa notícia apresentada pela primeira vez.

Para Maldonado, é por meio da narração que os fatos são expostos e expressos na pregação de Jesus. Desse modo, é imprescindível, para ele, que na pregação apareça o elemento narrativo. E “um de seus núcleos básicos deve ser o relato, relato que mostre a realidade de tais fatos. Como? Com seu método próprio: contando-os.” Por isso, “o pregador deve possuir a arte dos bons narradores, dos antigos rapsodos populares que encantavam seus auditórios (e os encantam ainda hoje em certas culturas) com a fascinação dos seus relatos.”<sup>100</sup>

O estilo é uma das circunstâncias referidas por Vieira. Há de ser fácil e natural, assim como o semear “é uma arte sem arte; cai onde cai.” Porque o sermão, quando vir nascendo, “há de ter três modos de cair: há de cair com queda, há de cair com cadência, há de cair com caso.”<sup>101</sup>

A queda é para as coisas porque não de vir bem trazidas em seu lugar; não de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não de ser escabrosas nem dissonantes; não de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há de ser tão natural e tão desafectada que pareça caso e não estudo.<sup>102</sup>

A comunicação verbal, articulada por meio de palavras, pode ser escrita ou falada. A pregação é, pois, uma comunicação falada.<sup>103</sup> O pregador se esforçará para que sua mensagem seja objetiva. Quanto mais objetiva for a sua forma de falar mais condições terá de alcançar o ouvinte, possibilitando a compreensão, a assimilação e a introjeção de valores que lhe foram apresentados.<sup>104</sup>

---

<sup>99</sup> JAGNOW, 1997, p. 98.

<sup>100</sup> MALDONADO, 1997, p. 72. A impressão do que se ouve nos púlpitos é exatamente contrária. Esse aspecto do contador de histórias se perdeu. Hoje é possível ler e ouvir, ao mesmo tempo, pois o pastor projeta seu sermão. No entanto, algo positivo, nesse sentido e que pode ser resgatado para o púlpito, é o que pastores fazem no sermoneite. Neste, eles são contadores de histórias. Larsen acredita que um dia não haverá mais o pregador que lê os seus sermões (LARSEN, 2005, p. 41).

<sup>101</sup> VIEIRA, 2006, p. 35.

<sup>102</sup> VIEIRA, 2006, p. 35.

<sup>103</sup> KIRST, 1996, p. 32.

<sup>104</sup> MORAES, 2000, p. 182.

A objetividade estará presente somente se o pregador souber onde quer chegar. É necessário um propósito claro. Se o assunto não estiver limpo para si mesmo, como será quando o expor aos seus ouvintes? Clareando o assunto, o pregador, antes de proferir, analisará “frase por frase, palavra por palavra, tudo quanto colocou no papel até então; é o momento de tornar cada frase e cada palavra precisa e preciosa, de acordo com o propósito que pretende alcançar em sua mensagem.”<sup>105</sup>

É necessário que esteja claro, também, para aqueles pastores que escrevem sua mensagem palavra por palavra, que sua produção não seja uma peça literária. Justamente porque no culto não há, ainda, o costume dar ao ouvinte a oportunidade de, talvez, perguntar o uso de determinada expressão ou o sentido de uma palavra específica. Knox, enfaticamente, assevera que o “sermão não é ensaio literário; é ato oral de comunicação. E mesmo assim precisa ser preparado cuidadosamente, não só planejado em seu esboço de linhas gerais, mas preparado até em sua linguagem.”<sup>106</sup>

O sermão é o pregador pregando – uma ação, não uma coisa. É um ato de expressão e de comunicação pessoal, não um depósito de experiência e reflexão prévias. É esse fato que torna tão difícil a pregação de um sermão antigo. Sermão é uma criação pessoal, íntima, pertencendo essencialmente ao próprio momento da pregação.<sup>107</sup>

Na IELB, os pastores têm o costume de escrever o seu sermão e levar o manuscrito ao púlpito. Alguns lêem seu sermão palavra por palavra, outros lêem apenas trechos, outros lançam os olhos de quando em vez sobre os parágrafos, ainda outros, porém raros, levam somente um esboço. Este método de produzir um texto e tê-lo no púlpito, segundo Costas, foi “introduzido durante o reinado de Henrique VIII da Inglaterra.”<sup>108</sup>

Para Costas, o estilo retórico é importante para a pregação. Por ser um modo de encarnar os pensamentos por meio da linguagem oral ou escrita, de tal modo que as palavras e giros reflitam exatamente os conceitos.<sup>109</sup>

Segundo Cremona, em Agostinho, “o estilo possui um tom popular ou elevado de acordo com o público ao qual se dirigia, ora à comunidade de Hipona,

<sup>105</sup> MORAES, 2000, p. 218.

<sup>106</sup> KNOX, 1964, p. 68.

<sup>107</sup> KNOX, 1964, p. 68.

<sup>108</sup> COSTAS, 1984, p. 168.

<sup>109</sup> COSTAS, 1984, p. 183.

ora à de Cartago, ora à de camponeses ou à de pescadores.” Quanto ao modo de falar, Cremona ressalta que Agostinho “falava lentamente, coloria com variações de tom as diferentes partes da pregação.” Buscava ardentemente que os seus ouvintes o compreendessem ao transmitir a verdade que nele habitava e da qual tinha convicção. E, sobre seu estilo de escrita, ressalta-se que “pensar e escrever eram ações simultâneas. Pensava para escrever e o fato de escrever solicitava o pensamento.”<sup>110</sup>

Blackwood, propositadamente, também preocupou-se com um aspecto importante, quanto ao estilo, ligado a questões lingüísticas ou retóricas. Para ele, o pastor precisa falar diretamente pela segunda pessoa.

Não temas usar o pronome pessoal ‘tu’. Será sem dúvida maçante falar todo o tempo usando a segunda pessoa, será mesmo impossível se houver desenvolvimento de um tema, principalmente se for usada constante e erradamente, pode dar a impressão de estar ‘recriminando’ ou ‘ameaçando’, e de o pregador estar se colocando num pedestal. No entanto, tenho certeza de que é necessário nunca omitir interpelação direta... Se não houver ao menos um único ponto em que possas dizer ‘tu’ não fizeste um sermão, mas um ensaio ou uma conferência.<sup>111</sup>

O que importa para Agostinho, por exemplo,

é a maneira de dizer. Ora, assim como é preciso agradar ao auditório para o manter na escuta, também é preciso convencê-lo para o levar à ação. E assim como o auditório sente prazer se tu falas de modo agradável, também ele se convence, se gostar do que lhe propões, se temer aquilo de que o ameaças; se odiar o que reprovás; se abraçar o que recomendás; se deplorar o que excitas a ser deplorado; se sentir alegria com o que anuncias ser motivo de regozijo; se tiver piedade dos que apresentas como dignos de piedade; se fugir dos que incitas a evitar.<sup>112</sup>

#### 1.4.4 O “*Texto-Sermônico*”<sup>113</sup>

Eis a produção normalmente semanal do pastor. Peça que contém em si, como cerne, uma palavra de salvação. Um texto que tem como meta fazer o Verbo de Deus se tornar carne na vida das pessoas. É necessário, em virtude disso, buscar referenciais entre bons escritores. Foi isso que Blackwood fez. Para um deles, “tornar-se autor é como tornar-se mãe. Deve haver um período de concepção, gestação, esforço e dores de parto, com eventual parto... A vitalidade

<sup>110</sup> Conforme CREMONA, 1990, p. 155-177.

<sup>111</sup> FARMER apud BLACKWOOD, 1981, p. 183.

<sup>112</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 234.

<sup>113</sup> O professor Mauro B. Souza sugere o uso de “*texto-sermônico*”.

de um trabalho pode depender do tempo em que for mantido no consciente ou inconsciente.”<sup>114</sup>

O sermão escrito é diferente do pregado. Neste, o pastor colocará todas as suas forças para que seu ouvinte entenda aquilo que quer dizer, porque não há a repetição de uma passagem ou de um parágrafo, a não ser por uma questão de ênfase a ser dada. A repetição ocorre por uma vontade daquele que fala, porém jamais pela motivação dos que estão ouvindo.

Além disso,

nas conversas cada um pode propor perguntas. Ao contrário, onde todos se calam para escutar a um só, e voltam para ele o olhar atento, nem o uso nem a conveniência permitem a alguém pedir explicações sobre o que não compreendeu. Assim, quem fala deve tomar o maior cuidado de vir em ajuda de quem se cala. Ordinariamente, o povo na sua avidez de entender costuma dar demonstração, por seus movimentos, de que compreendeu. Até que assim manifestem, é preciso voltar ao assunto, variando as expressões de múltiplas maneiras.<sup>115</sup>

Por outro lado, no sermão publicado, o leitor pode reler um parágrafo quantas vezes achar necessário. Pode observar as divisões, o arranjo sintático do texto e como são feitas as ligações de um tópico para outro. Também pode considerar o desenvolvimento argumentativo, analisando se o sermão é plausível ou não. Todavia, falta ao sermão publicado o restante do enredo. Pois, salvo seu caráter especial, ele é gestado para fazer parte de um evento maior – o culto público. “O sermão não é um ato independente ou isolado, mas uma porção de um grande todo.”<sup>116</sup> Ele precisa encaixar-se no culto como um todo.

O pastor escreve, ou melhor, deveria escrever com regularidade. Se puder escrever de maneira clara, será capaz de falar claramente. Escrever, de modo algum, é uma tarefa fácil. Um escritor de profissão pode até endereçar seu texto a uma gama determinada de leitores. Entretanto, seu público não é uma congregação específica. Ao pastor cabe escrever um sermão para ouvintes que ele conhece e que ouvem a sua voz. Mais um detalhe: dentre os ouvintes, estão pessoas de diferentes idades, de diferentes as raças, de classes sociais diferentes, de profissões distintas, de níveis diversos de estudo, etc. Com efeito, para o pastor vale o seguinte conselho:

---

<sup>114</sup> POLLOCK apud BLACKWOOD, 1981, p. 139.

<sup>115</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 231.

<sup>116</sup> PRIETO, 1997, p. 132.

Aprende a técnica de escrever e, tendo-a aprendido, procure esquecê-la. Estude os princípios de construção, o valor da continuidade,... o episódio revelador, o manuseio cuidadoso dos detalhes... O escrever real é o mais difícil trabalho do mundo.<sup>117</sup>

Para que ocorra a comunicação entre o pastor e seu ouvinte, é preciso que o repertório de palavras ou signos seja comum. Ambos precisam falar a mesma linguagem. A tarefa do pastor é mais onerosa, porque ele tem de conhecer a linguagem do seu interlocutor. E, na maioria das vezes, adequar seu vocabulário à compreensão do outro. No entanto, para Kirst, “a prática mostra que o emissor e o receptor jamais dispõem de um repertório de signos perfeitamente igual. Até mesmo signos comuns a ambos podem ser compreendidos de modos diferentes.” Em virtude disso, a comunicação mais favorável ocorre quando emissor e receptor dispõem das mesmas experiências. As pessoas que vivenciam as mesmas experiências vivenciam também, provavelmente, a mesma linguagem.<sup>118</sup>

Semelhante é o pensamento de Costas. Segundo este, para uma boa comunicação, é de extrema importância o encontro dos significados entre o comunicador e receptor. Do contrário, este responderá a uma mensagem que aquele não tinha a menor intenção de enviar. Esse encontro requer que o comunicador tenha uma atitude responsiva às normas, aos moldes da experiência e a compreensão que as pessoas têm de uma determinada situação comunicativa.<sup>119</sup> Larsen, por sua vez, expressa que “em todas as eras, e a nossa não é exceção, os comunicadores devem levar em conta as categorias e configurações do pensamento dos ouvintes.”<sup>120</sup>

Agostinho também destaca a necessidade de escolher as palavras para uma boa comunicação.

Com efeito, de que serve a pureza da linguagem, se a inteligência do auditório não acompanha? Não temos absolutamente nenhuma razão de falar, se aqueles a quem nos dirigimos para nos fazer compreender não compreendem o que dizemos. Portanto, o mestre evitará toda a palavra que não ensine. Se ele puder, todavia, substituí-las por outras, corretas e inteligíveis, ele as escolherá de preferência.<sup>121</sup>

---

<sup>117</sup> GLASGOW apud BLACKWOOD, 1981, p. 140.

<sup>118</sup> Conforme KIRST, 1996, p. 35-40.

<sup>119</sup> COSTAS, 1984, p. 205.

<sup>120</sup> LARSEN, 2005, p. 18.

<sup>121</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 230.

Concordando-se com Moraes de que “o sermão tem a cara do pregador”<sup>122</sup>, o que pode-se dizer daquele que prega um sermão que não é seu? Eis a ciência do pregador, uma das circunstâncias referidas por Vieira. “O pregador há de pregar o seu, e não o alheio.”<sup>123</sup> Porque o sermão terá de fato a cara do pastor quando houver o seu sangue, o seu suor e as suas lágrimas na reflexão, produção e proclamação.

Quando o pastor colocar sentimento no sermão que escrever, certamente o sermão passará a “adquirir colorido próprio.”<sup>124</sup> O esforço faz crescer. É preciso colocar a mão no barro e fazer o vaso. Os primeiros sairão tortos, com alguns buracos, com manchas, etc. Todavia, “como em qualquer outro gênero de obra de arte, a beleza em palavras vem ao encontro daquele que busca algo diferente.”<sup>125</sup>

O estilo de escrita do sermão é a fala cotidiana, mas é preciso zelar para produzir bons parágrafos<sup>126</sup>. Escrever como se estivesse falando. Esse processo sedimenta-se com a prática. E, para o pastor, “torna-se imperioso dominar essa técnica.”<sup>127</sup> Por isso, o estilo textual de um sermão é distinto de um ensaio. Além de ter essa característica coloquial/falada, o sermão quer algo mais, busca levar o ouvinte à ação. Visa uma mudança de hábito.

De acordo com Moraes,

o sermão, para causar impacto nos ouvintes, precisa de argumentação lógica; palavras soltas e frases desconexas não produzem resultados permanentes. O uso da lógica torna as afirmações da mensagem claras e objetivas, possibilitando ao pregador demonstrar racionalmente a exequibilidade de seus argumentos. O sistema de divisões em tópicos completa esse trabalho, ajudando o pregador a melhor usar uma argumentação lógica no púlpito.<sup>128</sup>

A unidade é, também, um dos aspectos essenciais para um bom texto. Não se escreve um sermão versando sobre matérias diversas. A falta de unidade e de objetividade só tem um fim – a prolixidade. A pesquisa para o sermão não aparece em todos os seus aspectos numa peça somente.

---

<sup>122</sup> MORAES, 2000, p. 49.

<sup>123</sup> VIEIRA, 2006, p. 43

<sup>124</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 189.

<sup>125</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 190.

<sup>126</sup> Segundo Blackwood, o parágrafo de um sermão deveria ter em torno de 100 palavras. Este deveria começar com uma proposição clara e vigorosa. O restante das 100 palavras explanaria essa proposição. Um bom parágrafo começa com clareza e termina com força. É importante que o parágrafo tenha unidade de conteúdo e de forma (gramatical). (BLACKWOOD, 1981, p. 197).

<sup>127</sup> KIRST, 1996, p. 95.

<sup>128</sup> MORAES, 2000, p. 130.

Em Agostinho, o fio condutor que tem a propriedade da unidade é Cristo. Ele faz descortinar o caminho. Desse modo, uma exposição das Escrituras visa, pois, “fundamentar a fé, suscitar a esperança e alimentar o amor.” Outro princípio importante está explícito na seguinte assertiva: “ser datado e situado.” Isto é, ser um homem do seu tempo.<sup>129</sup> Para Moesch, Agostinho sem dúvida foi quem mais acentuou o aspecto objetivo e subjetivo da pregação, isto é, Cristo é o sujeito principal da pregação, o qual anuncia-se a si mesmo, pela boca do pregador.<sup>130</sup>

Conforme Vieira, o problema é que não poucas vezes se levantam “muitos assuntos, e quem levanta muita caça e não segue nenhuma não é muito que se recolha de mãos vazias.”<sup>131</sup>

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la, para que se conheça, há de dividi-la, para que se distinga; há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com razão; há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar. Há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades; há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários; e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é o sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto.<sup>132</sup>

Semelhantemente, mas não com tamanha minúcia, cabe mais esse conselho, trazido por Blackwood, de um escritor não ligado ao labor pastoral: “certa vez alguém perguntou a O. Henry, qual o segredo para escrever um conto. ‘É simples’, respondeu com um sorriso, ‘basta pensar no fim, e construir a história que conduza a ele’.”<sup>133</sup>

## 1.5 O Pastor

*O orador se procura a si,  
o pregador procura a Deus.  
(Crisóstomo)*

Quem é o pregador?<sup>134</sup> Uma pessoa como outra qualquer, chamada para

<sup>129</sup> Conforme PAIVA, Introdução ao escrito: Instrução aos Catecúmenos, 1984, p. 14-17.

<sup>130</sup> MOESCH, 1980, p. 50.

<sup>131</sup> VIEIRA, 2006, p. 39.

<sup>132</sup> VIEIRA, 2006, p. 40.

<sup>133</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 46.

<sup>134</sup> Maldonado apresenta a seguinte tipologia dos pregadores evangélicos: *Primeiro tipo* – inclinação à ordem, tradicionais. Perigo de serem rígidos e conservadores. Repetem “ter que” e o “hás de”. Suas pregações são pensadas, claras tematicamente; aprofundamento do pensar e do crer. São normativos. (‘Compulsivo Obsessivo’); *Segundo tipo* – aberto à mudança, flexível, liberal, dinâmico, sensível. Afirma a vida. É alegre e extrovertido. Fala da liberdade do cristianismo, da esperança e das promessas. (‘Histórico’); *Terceiro tipo* – valoriza na pregação a transcendência

pregar a Palavra de Deus. Com que autoridade ele oficia um culto? Com que autoridade ele sobe ao púlpito para proferir um sermão? Sermão este que condena, que mata, que tira o véu das profundezas do coração humano e, por outro lado, este mesmo sermão é portador de uma boa notícia, que tem um convite único, cujas palavras são: “vinde a mim todos que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para vossa alma.”<sup>135</sup> Ou, ainda, “ninguém te condenou? [...] Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.”<sup>136</sup>

O pastor é uma pessoa. Por isso também é relevante pensar, quando se estuda Homilética, o caráter pessoal da pregação. O pastor das ovelhas é igualmente uma ovelha, incumbido da função de cuidar delas. Beecher destaca que “a pregação requer ‘verdade por meio da personalidade’.”<sup>137</sup> Os ministros deveriam saber aquilo que lhes convém e o que não lhes convém fazer. Proceder como Davi. Sair à luta com as suas próprias armas. Deixar de lado a armadura do rei Saul. Assim, o pastor imprime um caráter inteiramente pessoal ao sermão que escreve e depois profere.

De modo semelhante, escreveu o pastor Knox: “o pregador é uma pessoa dirigindo-se a outras pessoas. Seu discurso vai direta e imediatamente a um grupo de ouvintes, sendo tirado da experiência e compreensão pessoal.” Ele não é um especialista em religião. É, isto sim, um ser humano<sup>138</sup>, com suas fraquezas e seus medos, que reparte suas experiências e reflexões mais íntimas com outros seres humanos. Como resultado, para Knox, a “pregação não é discurso sobre

---

das idéias e dos conhecimentos do racional. Vê a realidade de modo abstrato, teórico e conceitual. É crítico, distante e frio, em relação a si mesmo. Tem dificuldade de relacionar-se com as outras pessoas. (‘Esquizóide’); *Quarto tipo* – cheio de sensibilidade, sensível a tudo o que se diz em relação ao amor, que compartilha e sabe dirigir-se ao tu, que busca e oferece aproximação e proteção. Sabe sofrer. Tende a dobrar-se pacientemente. Fala da cruz de Cristo, das experiências de obscuridade, da decepção e do desamparo. Com grande capacidade pastoral, é pastor nato. (‘Depressivo’). (MALDONADO, Luis. **A Homilia: pregação, liturgia, comunidade**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 159ss)

<sup>135</sup> Mateus 11.28,29.

<sup>136</sup> João 8.10,11. Palavras que Jesus disse a uma mulher, trazida à presença dele pelos fariseus e escribas, acusada de adultério.

<sup>137</sup> BEECHER apud BLACKWOOD, 1981, p. 27.

<sup>138</sup> Lutero disse o seguinte sobre suas fraquezas: “Quando dou uma preleção, faço o sinal da cruz e fico pensando que nem Felipe, nem o Doutor Jonas, nem Pommer, nem qualquer outro sábio está no auditório – e fico pensando que sou o sujeito mais inteligente a ocupar uma cátedra. Recomendo que todos façam o mesmo, pois assim o medo passa e a gente consegue pregar ou ler livremente.” (KIRST, 1996, p. 185.)

religião, é uma pessoa religiosa falando.”<sup>139</sup>

“Que é a voz humana? O que faz o homem quando fala?”<sup>140</sup> Além de muitas outras reflexões, esta também tomou tempo de Agostinho. Principalmente porque esta está diretamente ligada ao trabalho do pregador. Não somente com uma preocupação de análise filosófica ou teológica, mas por uma preocupação pastoral. Agostinho deixa claro que “o pregador é o que interpreta e ensina<sup>141</sup> as divinas Escrituras.” Deve, por isso, ensinar o bem e refutar o mal. Sua tarefa é, pois, “conquistar o hostil, motivar o indiferente e informar o ignorante sobre o que deve ser feito ou esperado.”<sup>142</sup>

Desse modo,

é preciso que o orador, capaz de discutir ou de falar – se não com eloquência, ao menos com sabedoria –, assuma esse trabalho de que tratamos aqui, em vista de ser útil aos seus ouvintes. [...] Um homem fala com tanto maior sabedoria, quando maior ou menor progresso faz na ciência das santas Escrituras. E eu não me refiro ao progresso que consiste em ler bastante as Escrituras, ou aprendê-las de cor, mas do progresso que consiste em compreendê-las bem e procurar diligentemente o seu sentido.<sup>143</sup>

Jagnow, concluindo seu artigo, lembra que “a suficiência do pregador vem de Deus, mas a sua eficiência também é fruto de dedicação pessoal inteligente e criativa.”<sup>144</sup> Ele é, assim como todos os outros congregados, seus ouvintes, “alguém que compartilha da comunhão dos santos.”<sup>145</sup>

Para o Padre Vieira, “no pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz.”<sup>146</sup> Sobre a primeira circunstância, “a definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso, Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia.” Pois, “entre o semeador e o que semeia há muita diferença.” Em outras palavras, “o semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao

---

<sup>139</sup> KNOX, 1964, p. 60.

<sup>140</sup> CHRÉTIEN, Jean-Louis. **Saint Augustin**. Paris: Universitaires France, 2002, p. 7.

<sup>141</sup> Um exemplo disso foi o propósito de Esdras. Ele “tinha disposto o coração para buscar a Lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos.” (Esdras 7.70)

<sup>142</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 211.

<sup>143</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 212.

<sup>144</sup> JAGNOW, 1977, p. 111.

<sup>145</sup> ACHTEMEIER apud JAGNOW, 1997, p. 112.

<sup>146</sup> VIEIRA, 2006, p. 29.

pregador.”<sup>147</sup>

Além disso, de acordo com Agostinho, o orar é a primeira condição para o orador. Ele deve falar sobre justiça, santidade e virtude.

E não duvide que se pode fazê-lo e o quanto pode, consegui-lo-á, mais pela piedade de suas orações do que por seus talentos de orador. Assim, orado por si e por aqueles a quem falará, deve ser orante, antes de ser orador. À medida que se aproxima a hora em que usará da palavra e antes de tomá-la, que eleve sua alma sedenta a Deus, para saber derramar para fora o que hauriu, e comunicar o de que se impregnou.<sup>148</sup>

Observam-se três aspectos importantes na afirmação de Agostinho. Que o orador cristão, antes de tudo, deve orar por si mesmo e também por aqueles que o ouvirão, para que haja concatenação das suas imagens, que deseja reproduzir em palavras, com as imagens que suas palavras produzem na mente do seu auditório. Outro aspecto, derramar o que hauriu, isto é, aquilo que questionou, buscou, estudou com todas as forças e do qual, outro aspecto, finalmente se impregnou, ou seja, absorveu e enraizou no seu coração e sua mente. Trata-se, pois, de um trabalho de dedicação viva em função de seu ofício.

No entanto, nesse ofício a imagem pessoal é moldada aos olhos da comunidade. E a imagem que a comunidade faz do pastor se constrói de maneiras diferentes. O modo de se portar ao officiar um culto. O modo de agir em outros eventos de sua comunidade e de grupos da sociedade de que faz parte. Também as idéias que defende e o modo como as defende. A partir disso, as pessoas podem de um simples texto verter caracterizações de seu pastor e atribuir-lhe uma determinada imagem. Como exemplo disso, tem-se o seguinte relato: “Duas senhoras, comentando sobre o pastor que fará a pregação de abertura no congresso de senhoras: ‘... é aquele um que só sabe xingar o Governo, no Jornal Evangélico’.”<sup>149</sup>

A vida cotidiana do pastor influi também no modo como a comunidade ou seus ouvintes recebem a mensagem por ele proferida. A imagem lançada pelo pregador como pessoa tem influência sobre a receptividade do ouvinte.<sup>150</sup> Por outro lado, o Padre Vieira argumenta que se a vida é apologia contra a doutrina,

---

<sup>147</sup> VIEIRA, 2006, p. 30.

<sup>148</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 238.

<sup>149</sup> KIRST, 1996, p. 43.

<sup>150</sup> KIRST, 1996, p. 43.

se as palavras vão já refutadas nas obras, “se uma causa é o semeador e outra o que semeia, como se há de fazer fruto?”<sup>151</sup>

### **1.5.1 Autoridade**

O pregador recebe autoridade de Deus para pregar. A autoridade não provém das suas qualidades intelectuais ou da sua capacidade comunicativa ou do seu poder de oratória. A autoridade vem da incumbência recebida de seu Senhor.<sup>152</sup> A pregação recebe sua autoridade da parte de Deus. Ela tem um caráter de autoridade, porque aquele que prega não é o pregador, senão Deus através do pregador, de modo que a palavra pregada vem a ser verdadeiramente a palavra de Deus.<sup>153</sup>

Desse modo, a eficácia da pregação não depende unicamente do pregador. Kirst destaca que o pastor não deve buscar “as causas da pouca eficácia”<sup>154</sup> de sua prédica somente em si mesmo. O Espírito Santo também trabalha. Isto, no entanto, não é motivo para que o pastor se desleixe no seu labor homilético. O apóstolo Paulo expressa que se anuncia o evangelho, não tem de que se gloriar, pois sobre ele pesa essa obrigação; porque ai dele se não pregar o evangelho!<sup>155</sup> Além disso, de acordo com Prieto, “o pregador deve se livrar da tola idéia de que a sua pregação pode realizar alguma coisa no coração de seus ouvintes.”<sup>156</sup>

Para Trillhaas, a prédica “é e permanecerá um vasto campo de derrotas humanas, um jardim de equívocos humanos e, o que é pior, uma oportunidade para triunfos humanos, por demais humanos.”<sup>157</sup>

### **1.5.2 As Intenções**

Quais são as intenções do pregador quando se dirige aos ouvintes? Onde quer chegar com a comunidade, para onde pretende conduzi-la?<sup>158</sup> Estas são questões relevantes que o pastor precisa fazer a si mesmo antes de escrever seu

---

<sup>151</sup> VIEIRA, 2006, p. 33.

<sup>152</sup> KIRST, 1996, p. 14.

<sup>153</sup> COSTAS, 1984, p. 23.

<sup>154</sup> KIRST, 1996, p. 23.

<sup>155</sup> 1 Coríntios 9.16.

<sup>156</sup> PRIETO, Eli. **A pregação: aspectos teológicos e práticos.** In: A SEMENTE QUE GERMINA: Ensaio Teológicos. São Leopoldo: Concórdia, 1997, p. 134. Eli Prieto é pastor da IELB, mestre em Teologia e foi professor de Homilética no Seminário Concórdia.

<sup>157</sup> TRILLHAAS apud KIRST, 1996, p. 13.

<sup>158</sup> KIRST, 1996, p. 77.

sermão e proferi-lo, ou qualquer outra mensagem. A intenção servirá como um fio condutor. Todavia, ela, muitas vezes, está implícita e depende da comunidade. Como, então, utilizar um sermão em outro contexto e, ainda mais, produzido por outro pastor? Pois, neste caso, existem implicações de estilo, vocabulário, imagens, ilustrações, costumes e a própria maneira de construir o texto, tudo isso em função da intenção ou objetivo. “Por bom que seja o sermão que um pregador ouve ou lê, o melhor sermão para esse pregador pregar é aquele que ele mesmo elaborou.”<sup>159</sup>

Ainda, neste aspecto intencional, surge outra questão: Deve o pastor levar em consideração as expectativas do ouvinte? Crisóstomo responde enfaticamente: “o povo é que deve seguir o pregador, e não este, os desejos da grande massa. Ele somente o conseguirá por meio de duas qualidades, a saber: o desprezo de quaisquer elogios e a força da própria eloquência.”<sup>160</sup>

A palavra de Deus precisa falar ao pastor antes de ele falar aos ouvintes. Pois, a boca fala do que está cheio o coração. Um coração sedento e cheio de misericórdia alcança um ouvido semelhante. Desse modo, o pregador inteligente pode ganhar o coração do ouvinte e conquistar sua atenção. Se não alcançar o coração deles, jamais conseguirá a empatia daqueles a quem se dirige. E, em conseqüência, as verdades mais duras e contundentes poderão ser ditas com educação e cordialidade.<sup>161</sup>

### **1.5.3 Conhecer os Ouvintes**

“O pastor conhece as suas ovelhas e elas o conhecem.” Eis o paradigma do trabalho pastoral. As ovelhas ouvem a voz do pastor e ele as chama pelo nome e as conduz. O pastor vai adiante delas e elas o seguem, porque reconhecem a sua voz.<sup>162</sup>

O pregador terá condições de definir o que pregar, como e quando pregar, conhecendo seus ouvintes e as suas necessidades.<sup>163</sup> Por isso, amar os ouvintes

---

<sup>159</sup> MORAES, 2000, p. 49. Larsen ainda traz as palavras que uma senhora irlandesa disse ao seu pastor: “Se o autor não consegue se lembrar de seu próprio sermão, como espera que nós lembremos.” (LARSEN, 2005, p. 180)

<sup>160</sup> CRISÓSTOMO, S. João. **O Sacerdócio**. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 106.

<sup>161</sup> MORAES, 2000, p. 188.

<sup>162</sup> João 10.1-15.

<sup>163</sup> MORAES, 2000, p. 34.

é o primeiro requisito. O bom pastor ama as suas ovelhas. “Qualquer pregador, por mais que pense ter um bom sermão e saiba comunicar bem, se não amar verdadeiramente aos seus ouvintes, só estará fazendo barulho.”<sup>164</sup>

Ao pregador é indispensável ter uma visão clara das necessidades do homem. Somos chamados para proclamar a mensagem a um mundo em crise. Jamais o pregador deve perder de vista que o fim da pregação é satisfazer as necessidades humanas com a apresentação da verdade divina.<sup>165</sup>

Jowett compara o trabalho do pastor ao do advogado. Talvez esta consciência falte ao pastor: a iminente possibilidade de perda da causa. Porque “se o advogado deve praticamente vencer o júri antes de o defrontar, pela vitoriosa força e influência dos seus preparativos, será diferente com o pregador, antes de procurar o veredicto da sua congregação?” Com o pastor também as causas são ganhas no escritório.<sup>166</sup>

Mas, antes de qualquer desejo de exposição da Escritura, o pastor precisa conhecer seu público. Uma forma de conhecê-lo, por exemplo, é visitá-lo, estar e conversar com ele. Conhecer seus anseios, seus costumes, sua linguagem. Conhecer o auditório em sua situação.

Paulo é exemplo de adaptação do discurso ao auditório. De acordo com Larsen, Paulo, em Atenas, usou de um “argumento lógico e metódico para levar os ouvintes de onde estavam para uma chamada ao arrependimento e um posicionamento diante da ressurreição de Cristo (Atos 17.16-34).”<sup>167</sup>

## 1.6 Conclusão

As considerações finais deste capítulo são gerais. Observou-se que a Homilética é o ramo da Teologia que preocupa-se com a proclamação cristã. Existem pesquisadores preocupados com a maneira de dizer a Palavra de Deus. Mesmo que se preze pelo conteúdo, o como pregar e técnicas para desenvolver uma relevante proclamação de Cristo às pessoas se encontram nos livros de Homilética em sua grande maioria.

Também destacou-se que conhecimentos de outras áreas de saber são

---

<sup>164</sup> MORAES, 2000, p. 35.

<sup>165</sup> MORAES, 2000, p. 38.

<sup>166</sup> JOWETT apud MORAES, 2000, p. 31.

<sup>167</sup> LARSEN, 2005, p. 17

buscados e assimilados pela Homilética, principalmente as reflexões da Retórica e da Comunicação. Porque o objetivo dos homiletas e pregadores não é senão comunicar o Evangelho de Deus. Os desdobramentos que estão inseridos neste objetivo são o cerne da reflexão da Homilética. Tem-se, então, um emissor que igualmente é uma ovelha, isto é, um ser humano tirado do rebanho para, depois de longa preparação consagrada e vida acadêmica, assumir o ofício de pregar o Evangelho da Consolação aos seus semelhantes. Como ser humano, tem os mesmos anseios, receios, medos e fraquezas daqueles que busca consolar.

O sermão por ele preparado e proclamado precisa ser a boa notícia do Evangelho. Contudo, antes de tocar os ouvintes, ele tem de ser tocado por ela. Porque se não for tocado, seu sermão pode não ser fruto daqueles três elementos. Somente desse modo a Palavra de Deus fala pela personalidade do ser humano.

O sermão, por isso, busca proporcionar tanto ao pregador como aos ouvintes equilíbrio para sua existência, para suas emoções e fortalecer as convicções que são essenciais para esta existência. A pregação existe em função dos ouvintes. É justamente no sermão que estes elementos – pastor, mensagem e congregação – pulsam. E a escolha das palavras e do modo de expor manifestam aspectos da própria personalidade do pregador, bem como refletem a “imagem”<sup>168</sup> que ele tem daqueles a quem se dirige.

---

<sup>168</sup> Tome-se imagem aqui em sentido metafórico.

## 2 O SERMÃO E A LINGÜÍSTICA

*A originalidade não consiste em dizer algo novo,  
mas em dizer algo antigo de forma nova.  
(Goethe)*

### 2.1 Introdução

Normalmente, os textos de Homilética trazem como ciências auxiliares ou interdisciplinares a Sociologia, a Filosofia, a Ciência da Comunicação, mas a Lingüística, salvo raríssimas exceções, não é mencionada. Talvez, porque os homiletas pouco conhecem tão amplo campo de estudo da linguagem. Assim, como a Teologia, a Lingüística possui vários ramos e também dialoga com as ciências antes mencionadas. Ela proporciona diferentes olhares sobre o fenômeno da comunicação ou a faculdade, apenas humana, de se comunicar através da linguagem articulada.

Existe uma caracterização de tipos de sermões. A divisão clássica é em sermão temático, sermão expositivo e sermão textual. Praticamente, todos os manuais de Homilética se ocupam com essa categorização. Outros, ainda, caracterizam de formas distintas a prédica, o sermão e a homilia como sendo modos específicos de proclamação. Não é sob essa perspectiva que o assunto será tratado aqui. Tratar-se-á do sermão enquanto produção textual e o lugar assumido pelo locutor neste texto. Procura-se trazer reflexões lingüísticas que possam contribuir para o estudo do sermão.

O sermão também é uma forma de manifestação que realiza-se pela linguagem. Por isso, é relevante um estudo que procure levantar questões e apontamentos sobre o sermão como um tipo de texto, passível de discussões a partir de análises do discurso e análises textuais.

De acordo com Broadus, “a prédica é característica do cristianismo.” Ocorreu e ocorre a observação de reuniões freqüentes e regulares de “massas humanas para se ouvir a instrução religiosa e a exortação como parte integrante do culto divino.”<sup>169</sup> A prédica é a proclamação da Palavra de Deus no culto. Normalmente, é a exposição de um texto (sermão) anteriormente preparado. Nenhuma outra religião observou tão rigorosamente o espaço e lugar da prédica. Também nenhuma outra religião deu tanto valor na preparação de pastores capacitados para produzir sermões. A Teologia, como se observou no capítulo anterior, instituiu uma disciplina específica, cujo principal objetivo é a pregação cristã e, de modo especial, a elaboração de sermões.

Os ramos ligados à Lingüística como, por exemplo, a Semiótica têm figurado em obras teológicas. Mas esses estudos estão voltados para questões hermenêuticas e não propriamente à pregação. Neste capítulo, por isso, observam-se reflexões que podem ser absorvidas da Lingüística para a Homilética e para a Teologia como um todo. Pois, a palavra, a fala, a língua e a linguagem são elementos extremamente importantes para a pregação cristã. Especificamente, o sermão, que é tanto uma manifestação escrita quanto verbal<sup>170</sup>, é assunto deste capítulo, bem como o papel importante do enunciador.<sup>171</sup> Para analisar o locutor, optou-se pela Teoria da Enunciação, porque ela é, talvez, o ramo da Lingüística que mais tem se preocupado com a subjetividade do ser humano na linguagem.

## 2.2 O Sermão enquanto Texto

Buscando responder a pergunta *o que é um texto*, Ricoeur destaca que

chamamos texto a todo o discurso fixado pela escrita. Segundo esta definição, a fixação pela escrita é constituída do próprio texto. Mas o que é que, assim, é fixado pela escrita? Dissemos: todo o discurso. Significa isto que o discurso teve, primeiro, que ser pronunciado física ou mentalmente? Que toda a escrita foi, primeiro, pelo menos a título potencial uma fala?<sup>172</sup>

---

<sup>169</sup> BROADUS, John A. **O preparo e entrega de sermões**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960, p. 2.

<sup>170</sup> Os homiletas têm optado denominar de *Prédica* a proclamação verbal no culto público. Que não deixa de ser a realização oral do sermão previamente escrito.

<sup>171</sup> Neste capítulo, procura-se observar a terminologia de cada área de conhecimento aqui trabalhada. Quando se julgar necessário, os termos serão delimitados em nota de rodapé.

<sup>172</sup> RICOEUR, Paul. **Do Texto a Acção: Ensaio de Hermenêutica II**. Portugal: Rés-Editora,

Assim sendo, qualquer discurso escrito é um texto e, por isso, pode ser analisado, estudado e interpretado. Do mesmo modo, o sermão, quando fixado pela escrita, torna-se um texto. Igualmente, pode-se dizer que o sermão é um discurso que foi pronunciado física e mentalmente antes de ser fixado pela escrita e que posteriormente será pronunciado num culto público.

Por outro lado, texto “não se remete prioritariamente à escrita.” Também é necessário discernir entre texto e discurso como duas faces complementares de um mesmo objeto comum. Para as gramáticas, o texto é uma “seqüência bem-formada de frases ligadas que progridem para um fim.” No entanto, o texto vai além dessa perspectiva gramatical. Ele revela-se como “uma unidade muito complexa para ser fechada em tipologias e para que só a coesão ou coerência lingüística possam dar conta daquilo que faz sua unidade.” Essas regras que regulam um texto bem formado são relativas aos gêneros de discurso, isto é, às práticas sócio-discursivas reguladas.<sup>173</sup>

Segundo Barthes, “todo o texto é um tecido pré-construído, ou seja, formado a partir de idéias herdadas, migradas de discursos anteriores.”<sup>174</sup> Essa característica do texto enquanto tecido revela uma especificidade dos sermões, pois o sermão é construído a partir de um texto bíblico, de idéias herdadas de fontes distintas e de interpretações que a Igreja de Cristo tem promovido durante a sua história.

Por outro lado, para Halliday e Hassan

um texto é mais bem pensado não como uma unidade gramatical, mas antes como uma unidade de tipo diferente: uma unidade semântica. A unidade que o texto tem é uma unidade de sentido em contexto, uma textura que expressa o fato de que ele se relaciona como um todo com o ambiente no qual está inserido.<sup>175</sup>

É de se observar que mesmo gramáticos, lingüistas e outros que teorizam sobre o assunto levam em consideração o contexto em que a produção textual está inserida. O sermão, por sua vez, de modo algum se distancia desses aspectos, visto que é fruto da reflexão de uma pessoa – pastor – para ser

1986, p. 141.

<sup>173</sup> CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 466-467.

<sup>174</sup> BARTHES apud CARVALHO, Dirce de. **Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral**. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 102.

<sup>175</sup> HALLIDAY e HASSAN apud CHARAUDEAU, 2004, p. 467.

entregue a outras pessoas – sua comunidade. É um texto que revela uma personalidade específica, um testemunho de fé único, para pessoas também únicas e, mais, todas as condições de produção e de proclamação são únicas e irrepetíveis.

A Lingüística Textual, todavia, toma o texto como ato de comunicar, que, de um lado, apresenta uma organização linear (coesão) e, de outro lado, uma organização não-linear (coerência, ligada a aspectos de ordem cognitiva e pragmática). Ela privilegia a organização do co-texto e da coesão como coerência lingüística.

O que faz com que um texto seja de fato um texto? Para Costa Val, o texto é uma “unidade lingüística comunicativa básica.”<sup>176</sup> Ou seja, qualquer manifestação oral ou escrita que comunique algo é um texto. Nesse mesmo sentido, Fávero ressalta que “o falante de uma língua sabe distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados.”<sup>177</sup>

Ainda, seguindo o raciocínio de Costa Val, não há determinação de sua extensão em relação ao texto, pois consiste em qualquer enunciado significativo. Mas há, além disso, de acordo com esta pesquisadora, três aspectos a serem observados: “Texto é unidade de linguagem em uso; texto é uma unidade semântica; texto é uma unidade formal, material.”<sup>178</sup>

Na primeira característica, estão em jogo fatores pragmáticos, pois neste aspecto o texto é tratado sob o enfoque sociocomunicativo, ou seja, a relação entre produtor e receptor. As intenções de ambos no ato comunicativo. Quanto ao fator semântico, o texto precisa ser significativo e ser coerente. E, por último, segundo Costa Val, o texto precisa ser coeso, precisa estar intimamente unido por meio de mecanismos que formam elos entre palavras, frases, parágrafos, etc.

Essas características que permitem reconhecer um texto são chamadas de *textualidade*. Mas há divergências quanto à nomenclatura e divisão desta nos diferentes autores. Contudo, de acordo com Costa Val, citando Beaugrande & Dressler, podem-se enumerar sete fatores: *coerência*, *coesão* (aspecto material conceitual e lingüístico do texto), *intencionalidade*, *aceitabilidade*,

---

<sup>176</sup> COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994, 1994, p. 3.

<sup>177</sup> FAVERO, Leonor Lopes. **Coesão e Coerência Textuais**. São Paulo: Ática, 1997, p. 7.

<sup>178</sup> COSTA VAL, 1994, p. 3.

*situacionalidade, informatividade e intertextualidade* (aspectos pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo).<sup>179</sup>

Além disso, na Semiótica, o texto é, de um lado, objeto de significação com uma estrutura interna que faz dele um todo de sentido e, de outro, um objeto de comunicação entre dois sujeitos. No primeiro caso, análise interna, há um nível fundamental (significação como oposição semântica mínima); e um nível das estruturas narrativas (transformações ocorridas no texto pela ação do sujeito; os valores fundamentais são narrados a partir de um sujeito; e a narrativa se constitui de quatro fases: manipulação, competência, “performance” e sanção). Já, no segundo caso, análise externa, há o nível discursivo que representa as relações entre as instâncias da enunciação e os efeitos de sentido produzido.

Por outro lado, na Análise do Discurso, o texto é um objeto lingüístico que é re-significado a partir de um já dito contexto ideológico. Os sentidos são determinados historicamente. O texto “é uma unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua realização. É então uma unidade de análise não formal, mas pragmática.”<sup>180</sup>

Por último, na Teoria da Enunciação, o texto é um modo de ação. Nesse modo de ação há marcas que trazem as representações do sujeito que enuncia e atestam o seu engajamento enunciativo com o dizer para convocar o outro (alocutário) de sua alocação ao se anunciar. As marcas são de: pessoa, tempo, espaço, modalidades do enunciado, polifonia e modalizadores.

O texto pode ser visto sob três formas distintas a partir do que foi abordado: como *objeto de significação* e a pergunta a ser respondida, neste caso, seria *o que o texto diz*; como *modo de ação*, isto é, como o locutor faz escolhas para dizer o que diz e a pergunta seria *como o texto diz*; e, por último, como *objeto lingüístico histórico*, ou seja, a relação do texto histórico com o pré-construído no contexto sócio-histórico e ideológico.

Em virtude disso, o sermão, que também é um texto, pode ser visto sob essas três perspectivas: como um objeto de significação, como um modo de ação e como um texto histórico construído em um determinado contexto sócio-histórico

---

<sup>179</sup> COSTA VAL, 1994, p. 5.

<sup>180</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996, p. 159.

e ideológico. No primeiro caso, o texto é objeto de estudo da Lingüística Textual. Já, no segundo, é objeto da Teoria da Enunciação. E, no terceiro caso, o texto é objeto da Análise do Discurso.

### **2.2.1 Os Textos e sua Funcionalidade**

Os textos podem igualmente ser observados quanto ao ponto de vista *funcional*. Procura-se “estabelecer funções com base na atividade languageira, a partir das quais as produções textuais podem ser classificadas segundo o pólo do ato de comunicação em direção ao qual elas estão orientadas.”<sup>181</sup>

Desse modo, existe o ponto de vista *enunciativo*, em que se busca “descrever os gêneros considerando as características formais dos textos e reunindo as marcas mais recorrentes.” Trata-se, segundo Beacco e Moirand (1995), de evidenciar aquilo que é regular ou invariável nos discursos no nível de sua estruturação longitudinal (por exemplo: estrutura do parágrafo) ou, ainda, no nível de suas atualizações languageiras (formas de indicações metadiscursivas, formas da intertextualidade, formas de presença de enunciador e do ouvinte).<sup>182</sup>

Além disso, o ponto de vista *textual* é aquele que se volta para a organização dos textos e busca definir a regularidade composicional desses textos.

Por fim, o último ponto de vista é o *comunicacional*. Este possui orientações diferentes. Para Bakhtin (1984), “os gêneros dependem da ‘natureza comunicacional’ da troca verbal’, o que lhe permite distinguir duas grandes categorias de base: produções ‘naturais’, espontâneas, pertencentes aos ‘gêneros primários’ (aqueles da vida cotidiana), e produções ‘construídas’, institucionalizadas, pertencentes aos ‘gêneros secundários’ (aquelas produções elaboradas, literárias, científicas, etc.) que derivariam dos primários.”<sup>183</sup> Entretanto, para Maingueneau e Cossutta (1995), “trata-se de selecionar e descrever ‘tipos de discurso que aspiram a um papel [...] fundador e que nós chamamos *constituintes*’, cuja finalidade simbólica é determinar os valores de um certo domínio de produção discursiva. São constituintes essencialmente os

---

<sup>181</sup> CHARAUDEAU, 2004, p. 250.

<sup>182</sup> CHARAUDEAU, 2004, p. 250.

<sup>183</sup> O sermão estaria entre uma produção natural e produção construída sob o olhar da perspectiva de Bakhtin, porque ele é uma forma de produção que se aproxima da fala cotidiana (e não deveria fugir deste aspecto) e também se aproxima de uma produção institucionalizada e construída.

discursos religioso, científico, filosófico, literário, jurídico, etc.” Ainda, para Charaudeau (2000), “trata-se de determinar os gêneros no ponto de articulação entre ‘coerções situacionais determinadas pelo *contrato* global de comunicação’, ‘as coerções da *organização discursiva*’ e ‘as características das *formas textuais*, localizáveis pela recorrência das marcas formais.”<sup>184</sup>

Não só a Literatura e a Lingüística preocupam-se com a categorização dos diferentes tipos de textos, mas na tradição Retórica estão as primeiras e profundas contribuições. E não é por acaso que Agostinho, Broadus e outros, como se observou no primeiro capítulo, asseveraram que no labor homilético se aplicam os princípios retóricos. Aristóteles define a Retórica como “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir.”<sup>185</sup>

É relevante esta definição de Retórica, porque ela enfatiza a capacidade de descobrir o que é adequado em determinado ambiente para persuadir. A persuasão é a finalidade, mas não se pode atingir esta finalidade, negligenciando o primeiro passo, isto é, “descobrir o que é adequado”. Este aspecto é de capital importância ao se pensar no sermão. Pois, o primeiro passo é tão importante quanto a sua finalidade. Ou só se atingir os objetivos finais se o primeiro passo foi dado. Isso quer dizer que um texto de sermão é elaborado com todo cuidado com vistas a persuadir um grupo específico de pessoas. O assunto é perscrutado, estudado, refletido, rascunhado, reescrito, etc. Além disso, o pastor treina para a proclamação, buscando a entonação própria que quer dar a cada palavra e organiza as palavras, as frases com vistas a sua própria manifestação.

Na Retórica, os gêneros basicamente são três: o gênero deliberativo compreende o conselho e a discussão, por isso principal uso é para a assembléia. O gênero judiciário, por sua vez, compreende a acusação e a defesa, então é utilizado para o tribunal. O gênero epidítico, por outro lado, compreende o elogio e a censura, por conseguinte seu uso está mais voltado para as cerimônias.<sup>186</sup>

Entretanto, essa divisão da atividade social em assembléia, tribunal e cerimônias, de acordo com Charaudeau, “é sócio-histórica e, portanto, sujeita a variação.” Por isso, “se procurarmos articular formas lingüísticas menores e

---

<sup>184</sup> Conforme CHARAUDEAU, 2004, p. 250-251.

<sup>185</sup> ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998, p. 48.

<sup>186</sup> ARISTÓTELES, 1998, p. 56.

funcionamentos sociais, situamo-nos ao nível dos gêneros menores (não religioso, mas, por exemplo, o sermão; não a prosa administrativa, mas os relatórios dos assistentes sociais).”<sup>187</sup>

### 2.2.2 Texto x Discurso

Talvez, uma distinção possível e preferível seja a distinção de “texto e discurso como duas faces complementares de um mesmo objeto comum.” Mas o discurso está em vários campos de estudo e tem uma série de oposições clássicas, tais como: o *discurso* é uma unidade lingüística constituída de uma sucessão de *frases* (discurso x frase); a *língua* definida como sistema de valores virtuais se opõe ao *discurso* que é o uso da língua em um contexto particular (língua x discurso); o *discurso* é concebido como a inclusão de um *texto* em seu contexto (discurso x texto); e um olhar lançado sobre um texto do ponto de vista de sua estruturação ‘em língua’ faz dele um *enunciado*, um estudo lingüístico das condições de produção desse texto fará dele um *discurso* (discurso x enunciado).<sup>188</sup>

Diversas correntes pragmáticas sublinharam certo número de idéias-força<sup>189</sup> no que diz respeito ao estudo do discurso. Estas idéias predominantes aplicam-se também quando se pensa no sermão como discurso, que é um texto em seu contexto segundo a oposição (texto x discurso), assinalada no parágrafo anterior. Apresentam-se a seguir algumas dessas idéias:

- O *discurso* é *orientado*, “não somente porque é concebido em função de um propósito do locutor, mas também porque ele se desenvolve no tempo.” Assim, ele é construído em função de um fim;<sup>190</sup>
- O *discurso* é *uma forma de ação*, aqui, a partir de Austin (1962) e depois Searle (1969), difundiu-se “a idéia de que toda enunciação constitui um ato (prometer, sugerir, afirmar, interrogar...) visando modificar uma situação;”
- O *discurso* é *interativo*, em que a manifestação mais evidente de

<sup>187</sup> CHARAUDEAU, 2004, p. 252.

<sup>188</sup> Conforme CHARAUDEAU, 2004, p. 466-467.

<sup>189</sup> Os comentários a seguir sobre as idéias-força são feitos cf. CHARAUDEAU, 2004, p. 168-172.

<sup>190</sup> Este discurso orientado se aproxima daquele conceito de Retórica compilado por Aristóteles, tratado no subtítulo anterior, isto é, no tópico *os textos e sua funcionalidade*.

interatividade é a conversação. Nesta, “dois locutores coordenam suas enunciações;”

- O *discurso é assumido*, ou seja, somente é discurso se estiver “relacionado a uma instância que, ao mesmo tempo, se põe como fonte de pontos de referência pessoais, temporais, espaciais.” Igualmente, mostra a atitude que o locutor adota em relação àquilo que diz e a seu alocutário (processo de modalização);
- O *discurso que é regido por normas*. Neste caso, o discurso é submetido a normas sociais muito gerais; por outro lado, essa atividade é regida por normas específicas. “Cada ato de linguagem implica, ele mesmo, normas particulares; um ato aparentemente tão simples como a permuta implica que o locutor ignora a resposta, que essa resposta tem algum interesse para ele, que ele acredita que seu destinatário pode dá-la;”
- O *discurso é assumido em um interdiscurso*. O discurso, neste caso, adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho. “Para interpretar o menor enunciado, é preciso colocá-lo em relação com todos os tipos de outros, que se comentam, parodiam, citam...”

### **2.2.3 Posicionamentos Assumidos pelo Escritor**

No que concerne ao sermão, estudo aqui proposto, o que interessa principalmente são as atitudes dos espíritos criadores de onde nascem os diferentes tipos de textos. Essas atitudes se configuram de quatro perspectivas diferentes, assumidas pelo indivíduo. São elas:

a) O escritor se volta para o mundo exterior, focalizado como o espaço das grandes ações, dos grandes acontecimentos, dos grandes gestos (= o mundo épico dos heróis, dos santos, dos mártires).

b) O escritor mergulha em seu mundo interior, no mundo do “Eu”, mundo da emoção, da beleza, do mistério, do enigma, do transcendente (= o mundo lírico).

c) O escritor se volta para o mundo exterior, focalizado como o espaço das relações humanas, do homem situado no dia-a-dia em face da comunidade, reagindo a todos os problemas suscitados por esse relacionamento com o “outro”, com o “Tu” que, somado ao “Eu”, resulta no “Nós”, que constitui o mundo social.

d) O escritor se volta para a expressão literária que transfigurou em arte o universo real. Para julgá-la, entendê-la ou conhecê-la melhor, ele a perscruta analiticamente e, nesse instante, assume uma atitude crítica própria do mundo da reflexão.<sup>191</sup>

Das quatro perspectivas, a que mais chama a atenção é a terceira (em relação à abordagem desta dissertação), pois nela o escritor volta-se para o relacionamento humano. No que concerne ao sermão e sua produção, o pastor volta-se para o dia-a-dia dos congregados da comunidade, onde as pessoas, nas suas relações, envolvem-se em problemas, indagações em face do contato com o seu semelhante. Como o sermão reflete esse convívio social?

#### **2.2.4 Características Textuais do Sermão**

O sermão é texto que documenta a expressão do pensamento reflexivo de uma pessoa, isto é, do pastor. Seu conteúdo é variado. Pode conter determinadas exortações ou, até mesmo, exigências por meio de um conteúdo legalista. Outra questão é se serão seguidas ou não. Porém, o sermão não deixa de ser também um texto que busca criar fatos sociais que afetam ações, direitos e deveres das pessoas.

Por outro lado, “cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e depende de textos anteriores que influenciam a atividade e a organização social.” Por isso, segundo Bazerman,

cada texto bem sucedido cria para seus leitores um *fato social*. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou *atos da fala*. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis ou *gêneros*, que estão relacionados a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas. Juntos, os vários tipos de textos se acomodam em *conjuntos de gêneros* dentro de *sistemas de gêneros*, os quais fazem parte dos *sistemas de atividades humanas*.<sup>192</sup>

Fatos sociais “são as coisas que as pessoas acreditam que sejam verdadeiras e, assim, afetam o modo como elas definem uma situação.” O exemplo disso é o seguinte: “Se as pessoas acreditam que seu país é ofendido ou ameaçado por um outro país, elas podem até ir à guerra baseadas naquilo que

---

<sup>191</sup> COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 41. Essas atitudes também se aproximam da tipologia proposta por Maldonado conforme nota de rodapé 141.

<sup>192</sup> BAZERMAN, 2005, p. 22.

acreditam ser um fato.”<sup>193</sup>

Há os dois lados da mesma moeda. É assustador pensar no que pode um pastor, equivocadamente, realizar, movendo outras pessoas a fazerem ou mover para que façam sua vontade. A história é testemunha do que os homens conseguiram fazer através da palavra. As maiores atrocidades foram motivadas por discursos impetuosos. Todavia, a moeda possui o outro lado. Quantas coisas fantásticas e maravilhosas foram feitas pela palavra. A palavra cria. Deus criou o mundo e tudo o que nele existe por meio da Palavra. Deus se fez Palavra para ser homem e habitar entre os homens.

Outro aspecto interessante em relação ao sermão e seus elementos de textualidade é o da intertextualidade. Fenômeno presente que ocorre constantemente em todos os sermões, porque os pastores não produzem a partir do nada. Essa intertextualidade busca “criar uma compreensão compartilhada sobre o que foi dito anteriormente e a situação social atual como se apresenta.” Ou seja, através de referências intertextuais o escritor tenta estabelecer fatos sociais sobre os quais procura fazer uma nova afirmação.<sup>194</sup>

A citação que segue, para exemplificar o fenômeno da intertextualidade, foi extraída de um sermão que faz parte da publicação a ser analisada no terceiro capítulo.

Lembrar a circuncisão e o nome Jesus é lembrar também de nosso Batismo, de nosso nome e de nossa identidade. A antiga aliança (a circuncisão) deixou de existir. A nova aliança pela ordem de Cristo em Mateus 28.18-20 passou a ser cumprida. Através desse “lavar regenerador e renovador do Espírito Santo”, conforme diz Tito 3.5, nos tornamos filhos de Deus e herdeiros da vida eterna. Dessa forma, “unidos pelo amor de Deus.”<sup>195</sup>

Esse trecho possibilita observar muitas vozes<sup>196</sup> implícitas. Ou, em outros termos, muita intertextualidade pela qual se busca uma nova afirmação de um fato social passado. Na citação, o assunto tratado permeia o Antigo Testamento e o Novo Testamento – a antiga e nova aliança. O escritor do sermão, que é um pastor, tenta reafirmar um discurso, ou formular um novo discurso a partir do “*lembrar a circuncisão e o nome de Jesus é lembrar também de nosso Batismo,*

---

<sup>193</sup> BAZERMAN, 2005, p. 23.

<sup>194</sup> BAZERMAN, 2005, p. 25.

<sup>195</sup> “PORTAS ABERTAS: mensagens para o culto”. Porto Alegre: Concórdia, 2006, vol. 10, p. 12.

<sup>196</sup> Essa noção de vozes do discurso é trabalhada por Bakhtin.

*de nosso nome e de nossa identidade.*” Para ratificar este enunciado, ele traz vários discursos de vozes diferentes. Primeiro quando fala da “*aliança (a circuncisão)*”; segundo, as palavras de Jesus Cristo registradas por Mateus (aqui dois discursos: o de Jesus e o de Mateus que registrou as palavras de Jesus); terceiro, as palavras de Tito; por fim, o discurso do “*unidos pelo amor de Deus*” que é a temática da IELB para o ano de 2007.

Caberia a seguinte pergunta: o que é do escritor/pastor, visto que nesse pequeno trecho figuram tantos outros discursos. O sujeito autor está presente justamente nas escolhas que faz ao formular seu texto. Essas escolhas são marcas<sup>197</sup> pelas quais se depreende, de certa maneira, a “imagem” possível desse sujeito presente no discurso e também a “imagem” possível do seu alocutário. No caso do sermão, é a imagem do locutor/pastor e do alocutário/congregação.

Um problema específico da escrita é que não há como observar os gestos e as atitudes do escritor, nem observar a recepção e nem mesmo os efeitos que essa escrita, quando proferida, possa ter causado. Os reparos do que se escreve, como acontece nas conversas cotidianas, só acontecem se o texto é entregue para uma revisão. Se isto não ocorrer, o que está dito está dito.

O sermão, sob essa perspectiva, levanta muitos questionamentos quando proclamado em culto público. O culto, na maioria das vezes, quando não é um dia especial festivo, é um acontecimento que ocorre de forma similar todos os domingos. Com o sermão ocorre a mesma coisa. As pessoas estão familiarizadas com um padrão de sermão. E se ele, aparentemente, funciona o normal é continuar seguindo o modelo. Os pastores podem, assim, prever reações das pessoas que ouvem seus sermões se seguirem esse padrão tão reforçado pela história.

Por outro lado, o que não é um aspecto positivo, as pessoas podem prever o que possivelmente ouvirão. Pois, como dominicalmente ouvem o mesmo modelo, podem supor o que virá. Algumas expressões antecipam os momentos típicos do sermão, tais como: *Estamos na época tal...; No tempo dos profetas era... agora, nos dias de hoje; Deus prometeu para o povo de Israel... hoje, essa promessa*

---

<sup>197</sup> O ramo de estudo que trabalha com a subjetividade e intersubjetividade na linguagem é a Teoria da Enunciação. É um ramo de pesquisa que entende o texto como uma forma de ação. No texto, um *eu* (locutor) se institui como sujeito e, ao instituir-se, institui um *tu* (alocutário), mesmo que fictício ou imaginário.

*ainda vale, pois....* E a conclusão normalmente ocorre da seguinte maneira: *Que você...; Como os antigos, nós...; Que o Senhor conceda, faça, ajude, etc.*<sup>198</sup> O “que” é uma marca, um indicativo de que o final do sermão se aproxima.

Explorar esses padrões textuais ou essas características e conhecê-los bem podem ajudar a produzir sermões mais “degustáveis” ou que mantenham ouvidos em alerta. Porque o pensamento das pessoas deveria ser este: “*o que vem agora!?*” E não a afirmação cansada: “*agora vem isso!*” Criatividade não é sinônimo de dar “show” é, antes de tudo, fugir de maneira sutil dos padrões. Por isso,

dê uma olhada em seus sermões do mês passado. Existem padrões que persistem? É possível observar alguns sulcos ou valas com potencial de se transformarem em nossas sepulturas? Uma das calamidades do púlpito contemporâneo é a total previsibilidade. Isso é letal.<sup>199</sup>

De acordo com Larsen, não se deveria enfeitar a conclusão com frases como “agora, em conclusão” ou “fique comigo mais um pouco”. A mente humana parece usar um pára-quedas e salta com a menor provocação. Também não se deve bater no rebanho. Antes, é preciso ser vigoroso e questionador, mas não combativo na conclusão.<sup>200</sup>

Desse modo, correta é a afirmação de Bazerman que “a tipificação dá uma certa forma e significado às circunstâncias e direciona os tipos de ação que acontecerão.”<sup>201</sup>

Além disso, cabe perguntar se existem leis impostas para o sermão tradicional como o conhecemos? Onde, em determinada época, descobrimos o seu tipo específico? Que importância tem um tipo específico de sermão para que as novas construções o sigam?

Os ramos de estudos modernos da Lingüística (englobando as teorias, tais como: Lingüística Textual, Teoria da Enunciação, Estruturalismo, Semiótica, Análise do Discurso, etc.) preocupam-se com todos os aspectos da linguagem. Trabalham com a língua, com a linguagem, com os discursos, com os textos, etc. Desse modo, a Lingüística se interessa pelas manifestações da língua e da linguagem do ser humano.

---

<sup>198</sup> Expressões observadas em “PORTAS ABERTAS – mensagens para o culto”.

<sup>199</sup> LARSEN, 2005, p. 80.

<sup>200</sup> LARSEN, 2005, p. 123.

<sup>201</sup> BAZERMAN, 2005, p. 29.

O sermão possui um caráter único. Charaudeau enquadra a retórica cristã dentro do gênero retórico. Desse modo, a reflexão sobre os gêneros não se limita aos três gêneros retóricos apresentados anteriormente – deliberativo, judicial e epidíctico. Mas, preocupa-se, também, com uma reflexão de maneira sistemática sobre novos gêneros que surgem na fala pública. Assim, fala-se de um *gênero predicator* que constitui uma originalidade da Idade Média e dos tempos modernos. Este gênero está “fundado sobre a letra e o espírito de um texto sagrado, a pregação assegura a transmissão pública de uma mensagem religiosa que diz respeito tanto aos costumes quanto à fé.” Além disso, a pregação, segundo essa mesma concepção, “é acompanhada por uma *mensagem político-social* cuja importância permanece primordial no mundo moderno, certamente superior àquela do discurso político no sentido ocidental do termo.”<sup>202</sup>

Ainda, de acordo com Charaudeau,

a *Doutrina Cristã* de Santo Agostinho (354-430) constitui um momento essencial no desenvolvimento da pregação cristã, as primeiras obras técnicas, conhecidas sob o nome de *artes praedicandi*, que aparecem mais tarde, no século XIII. O sermão comenta e explica uma passagem tirada da Bíblia ou dos Evangelhos com o auxílio de procedimentos retóricos de divisão e de amplificação, enriquecido de exemplos e de apelos às autoridades escolhidas em função de diferentes tipos de auditórios (mulheres, estudantes, comerciantes...).<sup>203</sup>

Tem-se, com efeito, neste aspecto, uma possível origem do que hoje se conhece por sermão, regido por normas, mesmo se tratando da explicação de uma passagem do texto bíblico. Por outro lado, Broadus destaca que, através de um processo gradativo, ocorreu a “adaptação da retórica aos objetivos da prédica cristã.” As primeiras prédicas cristãs começaram na Palestina. “Seus primeiros pregadores e auditórios, sua formação e afinidades espirituais eram judaicas.” Assim sendo, o padrão característico inicial de pregar foi aquele observado pelos profetas do Antigo Testamento e pelo ensino rabínico.<sup>204</sup>

Contudo, do mesmo modo como existem diferentes gêneros dentro do gênero poesia, os sermões podem ser classificados dentro de um grande gênero. É preciso encontrar um nome próprio para ele. Talvez, *gênero predicator* antes mencionado. Dessa forma, tendo os sermões características diferentes, eles

---

<sup>202</sup> CHARAUDEAU, 2004, p. 255.

<sup>203</sup> CHARAUDEAU, 2004, p. 255.

<sup>204</sup> BROADUS, 196, p. 9.

também podem ser classificados por gêneros menores ou tipos. Através da noção de gênero do discurso, o sermão se categoriza especificamente como um gênero exclusivo e especial.<sup>205</sup>

É fácil saber que um determinado texto pertence a um tipo familiar. De modo semelhante, é fácil perceber que o sermão tem características que lhe são peculiares, as quais sinalizam o tipo de mensagem que está nele contido. Existem características únicas, próprias do sermão que não fazem parte de outros textos. Sob esse aspecto, segundo Larsen, “o sermão tem sido uma instituição central na Igreja desde o princípio, além de ser um gênero singular na expressão religiosa mundial, ainda que o budismo e o islamismo tenham formas diferentes.”<sup>206</sup>

O que se depreende, nesse sentido, é que os gêneros não estão presos a formas clássicas e nem podem permanecer aí enjaulados. O perigo é tolher a criatividade dos pastores e a criação diferenciada a partir dos gêneros. Ao se levar em conta a divisão clássica de sermões – expositivo, temático e textual – e a defesa ferrenha de um tipo<sup>207</sup>, tendo-o como o melhor, pode-se aprisionar a criatividade dos pregadores.

O estímulo à criatividade parece ser uma das propostas da Nova Homilética<sup>208</sup>, ou seja, a construção do sermão a partir de outro ponto de vista – a partir do ouvinte – em que os indivíduos destinatários são o elemento mais importante. Não sob a perspectiva de um modelo, mas em virtude do indivíduo.

O sermão é uma atividade socialmente organizada. Além de ser criado por um indivíduo<sup>209</sup>, existe um momento específico para ele. Por outro lado, é importante lembrar que o sermão se realiza plenamente numa comunicação verbal falada e o emissor tem o dever de falar a linguagem do receptor para que ocorra a comunicação. Por isso, de acordo com Kirst, “a melhor comunicação

---

<sup>205</sup> Tradicionalmente os livros de Homilética dividem os sermões em três tipos: o sermão tópico ou temático (a partir de um assunto, o pregador busca textos bíblicos para formar o sermão; em primeiro lugar vem o tema, depois o texto bíblico), o sermão textual (o assunto é tirado de um texto bíblico pequeno; primeiro vem o texto e, depois, o tema), e o sermão expositivo (todas as idéias e divisões provêm do texto bíblico, logo se organiza a partir de uma fatia maior do texto bíblico). (MARINO, Robson Moura. **A arte de pregar: a comunicação na homilética**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 133-143)

<sup>206</sup> LARSEN, 2005, p. 12.

<sup>207</sup> Lachler faz defesa ferrenha do sermão expositivo, tendo-o como ideal em detrimento dos outros tipos. (LACHLER, Karl. **Prega a Palavra: passos para a exposição bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 50)

<sup>208</sup> SOUZA, Estudos Teológicos, 2007, v. 47, n. 1, p. 5-24.

<sup>209</sup> No âmbito do Luteranismo, o sermão é produzido exclusivamente por pastores e pastoras.

ocorre onde emissor e receptor dispõem das mesmas experiências. Pessoas que fazem experiências comuns falam (quase) a mesma linguagem.”<sup>210</sup>

## 2.3 Locutor/Enunciador do Sermão e a Linguagem

### 2.3.1 A Linguagem

A língua há muito tempo é objeto de investigação por parte do ser humano. Muitos nomes importantes figuram entre aqueles que se aventuraram a estudá-la. Desde a filosofia da linguagem (Platão, Aristóteles, Wittgenstein), passando por gramáticos, historiadores (Bopp, Grimm, Schleicher), estruturalistas da lingüística (Saussure, Jakobson, Trobetsky), lingüística enunciativa (Benveniste), antropólogos (Lévi-Strauss), psicanalistas (Freud, Jaques Lacan), etc.<sup>211</sup>

A linguagem foi um assunto muito presente também na reflexão de Agostinho. Ela é considerada como uma coisa, isto é, uma coisa como Deus ou como homem, como “instrumento”, como uma instituição convencional humana. Mas Agostinho também reflete sobre o comunicar-se pela linguagem. Esse é um aspecto lembrado por outros homiletas, como Larsen que lembra que os pastores precisam ser estudantes da linguagem, cuidadosos com a gramática e a sintaxe, e precisam estar atentos aos assuntos relacionados ao seu idioma.<sup>212</sup>

Agostinho diz “que o Senhor não busca o homem, como se não soubesse onde ele está, mas fala por meio do homem, à maneira dos homens, e nos busca assim com este modo de falar.”<sup>213</sup> Destaca um atributo divino de onisciência, entretanto ressalta uma qualidade, por excelência de Deus, que o ser humano também possui, isto é, sua capacidade de falar. Além disso, o ser humano é meio pelo qual Deus fala aos seres humanos. Ressalta-se a fala, por excelência de Deus, justamente porque em Deus existe a magnífica união da fala com a ação, ambas são uma em Jesus. Pois, “tão importante é a palavra no diálogo entre Deus e o homem, que o próprio Deus se fez palavra em Jesus Cristo. Jesus é a

---

<sup>210</sup> KIRST, 1996, p. 40.

<sup>211</sup> WISSMANN, Liane Dal Molin. **A problemática dos dêiticos e a categoria dos pronomes em Jakobson e Benveniste**. FORMAS E LINGUAGEM. Ano 2, nº 6, jul./dez, 2003, p. 49-58.

<sup>212</sup> LARSEN, 2005, p. 181.

<sup>213</sup> AGOSTINHO apud MOESCH, Olavo. **A palavra de Deus: teologia e práxis da evangelização**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 23.

palavra por excelência.”<sup>214</sup>

A definição de ser humano está intimamente ligada a sua capacidade de falar. Ele foi definido de diferentes maneiras na história: como um “animal racional”, como um “ser livre”, como um “fabricante de instrumentos”, contudo, nos últimos tempos, o ser humano passa a ser estudado e visto como um ser “loquente”<sup>215</sup>. Isto é, um ser que fala. Assim, Moesch assevera que falar e ser ser humano vêm a ser o mesmo. Semelhantemente, antes deste padre, Barthes disse o seguinte: “para ser homem, o homem precisa de uma linguagem, que dizer, da própria cultura.”<sup>216</sup> Ou, ainda, que “não há sujeito fora da linguagem.”<sup>217</sup>

A partir disso, Moesch trabalha essa íntima relação do ser humano com a palavra. Porque, segundo ele, é a palavra que coloca o ser humano “no limiar de sua existência.” Por meio dela, acontece o ingresso do ser humano no mundo humano. Ele não seria ser humano, “se não lhe fosse concedido falar.”<sup>218</sup>

Mediante a palavra “o homem penetra no emaranhado do mundo e com ela orienta sua inclinação interior a conhecer, interpretar, aprofundar, ordenar, destinar. Mas isto não basta. Através da palavra, o homem passa a morar em si mesmo e de certa forma se apropria de si. Falando, ele se aventura em um universo interior e confuso, indistinto, múltiplo, feito de enigmas e de incertezas; falando, ele procura sua ‘autocompreensão’, sempre necessita de ulterior busca. É este mistério de ser-homem, nunca totalmente esgotado e expresso.”<sup>219</sup>

Essa observação de Moesch, em dizer que o ser humano “passa a morar em si mesmo” e em se aventurar em “um universo interior”, aproxima-se com a visão de Benveniste<sup>220</sup> sobre a subjetividade na linguagem. Pois, para este lingüista, a linguagem é a expressão de si mesmo. Conforme Moesch, ainda, “é a palavra que permite ao homem sua inserção no mundo das relações humanas e sociais. Pela palavra, o homem se comunica com o outro.” Apropriando-se do repertório da língua o ser humano se desnuda. Pois falando o ser humano “profere palavras que exprimem externamente o que ele pensa interiormente.” Assim como, na comunicação, o comunicador transmite, antes de tudo, a si mesmo.<sup>221</sup>

---

<sup>214</sup> MOESCH, 1995, p. 23.

<sup>215</sup> MOESCH, 1995, p. 24.

<sup>216</sup> BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984, p. 87.

<sup>217</sup> BARTHES, 1984, p. 88.

<sup>218</sup> MOESCH, 1995, p. 24.

<sup>219</sup> MOESCH, 1995, p. 25.

<sup>220</sup> Lingüista estudado mais adiante.

<sup>221</sup> MOESCH, 1995, p. 25.

A linguagem é entendida como um sistema de sinais artificiais e convencionais com uma função comunicativa. Tem como característica principal a intencionalidade, porque a linguagem busca expressar intenções, sentimentos, idéias. Assim, ela “é composta de sinais intersubjetivos que possibilitam a comunicação entre os homens. Ela é um meio de expressar do homem.”<sup>222</sup>

A linguagem comporta, pois, três elementos básicos: um sujeito falante que exprime algo, um objeto de sua fala que é o seu conteúdo transmitido mediante a palavra, e um interlocutor que é a pessoa a quem se destina a fala. Através da linguagem, isto é, falando, o ser humano não apenas transmite e adquire conhecimento, mas também transmite emoções, sentimentos, expressa a sua interioridade, o seu estado de espírito e a maneira como se expressa, não apenas o seu tom de voz, mas todo o seu modo expressivo corporal pode revelar uma atitude de acolhida ou de rejeição.

Falar, pode-se dizer, é um buscar o outro. Um apelo ao outro, “provocando sua resposta, influndo sobre ele, atuando sobre ele, impressionando-o para convencê-lo.”<sup>223</sup> Observando este aspecto, a palavra pode servir de meio de manipulação, propagação de ideologias, como acontece através dos meios de comunicação de massa. Pode levar o ser humano a não pensar por si mesmo, todavia, muitas vezes, pode levá-lo a pensar o que um grupo quer que ele pense.

No entanto, Deus

usa sinais humanos para comunicar-nos a vida divina, seu amor e sua misericórdia. Entre os muitos sinais humanos, que Deus usa para comunicar-se conosco, salientam-se os sacramentos e a pregação. A pregação é, antes de tudo, um acontecimento de comunicação. Em sua estrutura formal não difere da comunicação humana em geral.<sup>224</sup>

Estudos recentes de áreas diferentes que se preocupam, em certa medida, com a comunicação (filosofia da linguagem, da comunicação, da antropologia, da sociologia, da psicologia) têm demonstrado que o processo comunicativo não é algo tão simples. Trata-se de um processo complexo que envolve diversos outros fatores que não somente a fala em si mesma. A comunicação está inserida no tempo, no espaço, na realidade do dia-a-dia das pessoas.

---

<sup>222</sup> MOESCH, 1995, p. 26.

<sup>223</sup> MOESCH, 1995, p. 29.

<sup>224</sup> ZILLES apud MOESCH, 1995, p. 31.

### 2.3.2 Locutor/Enunciador

Pessoa ou *persona* possui diferentes sentidos, tais como personagem, figura, mas suas origens estão na Tragédia e seu sentido quer dizer máscara. Segundo Carvalho, isso não pode ser tomado de forma acidental na história. Significa, portanto, dizer que

o homem, não somente hoje, é reconhecido como um ‘ator’, ou seja, que sempre e em todo lugar o ser humano está, de forma mais ou menos consciente, representando um papel. E é exatamente nesse papel que cada um se conhece a si mesmo.<sup>225</sup>

Aludindo a Austin, Carvalho trata da relação entre emissor e receptor como “uma forma de ação”. O que significa dizer que quando a pessoa utiliza a palavra, seja escrita ou oral, age exercendo ações verbais sobre o outro ou outros.<sup>226</sup> Os meios de comunicação em massa têm explorado esse ‘fazer’ do enunciador sobre o receptor.

As posturas enunciativas assumidas pelo locutor contribuem para que seja possível descobrir quais ações ele exerce ou quer exercer sobre o outro. Pode-se, de diferentes formas, avaliar a tomada de posição ou a “imagem”<sup>227</sup> assumida pelo locutor, entretanto uma marca se julga especial: “a escolha de um modo de dizer e não de outro, o que, naturalmente, está carregado de sentido e que, além de definir o emissor, vai também produzir um efeito de sentido no receptor.”<sup>228</sup>

Tratando da Ciência Literária, Barthes destaca que “toda a enunciação supõe o seu próprio sujeito, quer esse sujeito se exprima de um modo aparentemente direto, dizendo *eu*, ou indireto, designando-se ele, ou nulo.”<sup>229</sup> Em virtude disso, não há como se pensar linguagem sem sujeito, diálogo sem pessoa, discurso sem o locutor e o receptor, mesmo que este seja apenas uma imagem.

As pessoas ao se comunicarem são criadoras. Criam um “universo discursivo”. De conformidade com suas intenções, colocam em seu discurso sujeitos diferentes, personagens, vozes com os quais concordam ou não. O locutor pode pôr em seu discurso outros locutores presentes ou não. Também

---

<sup>225</sup> CARVALHO, 1993, p. 103.

<sup>226</sup> CARVALHO, 1993, p. 100.

<sup>227</sup> Trazendo ao bojo Véron, Carvalho atribui ao termo “imagem” o lugar que o locutor imputa a si mesmo no discurso. Trata-se, pois, da relação do locutor com aquilo que ele diz. Por isso, é preciso tomar imagem num sentido metafórico.

<sup>228</sup> CARVALHO, 1993, p. 101.

<sup>229</sup> BARTHES, 1984, p. 16.

pode até se reportar a si mesmo, bem como trazer a voz da opinião pública.<sup>230</sup>

A escolha e o modo, portanto, de apresentar os conteúdos mostram, claramente, o lugar que o enunciador propõe a seu destinatário. Vejamos alguns detalhes: ao falar, o enunciador pode adotar uma forma didática ou não, pode ter uma linguagem transparente ou demonstrar opacidade, pode manter-se distante do receptor ou estabelecer com ele um diálogo, pode ser objetivo nas suas colocações ou, então, demonstrar cumplicidade, pode partilhar valores no nível do dito ou no modo de dizer. O enunciador pode ainda definir o grau e o tipo de saber que ele atribui a seu receptor por meio das escolhas efetuadas que, inclusive, admite graduações.<sup>231</sup>

Assim, o emissor e o receptor são duas entidades discursivas sem as quais não acontece o diálogo. A Teoria da Enunciação tem como escopo o estudo desse locutor e de sua subjetividade. Ela utiliza, para emissor e destinatário, guardadas as devidas proporções conceituais, os termos locutor e alocutário. Estes são tomados como pessoas, isto é, o “eu” e o “tu” do diálogo. O sujeito do diálogo ou do discurso, ao mesmo tempo em que “constrói a própria imagem, ele impõe, também, ao seu receptor uma imagem, atribuindo-lhe uma função e/ou lugar social que o destinatário pode, ou não, aceitar.”<sup>232</sup> Por conseguinte, o locutor, construindo a sua própria imagem, constrói ou define semelhantemente a do seu destinatário. Por isso, optou-se por esta teoria para analisar o tipo de marcação feita pelo locutor no texto. Pois, ela tem como objeto principal o estudo da subjetividade do locutor na linguagem.

### 2.3.3 A Teoria da Enunciação

Émile Benveniste é o “principal representante do que se convencionou chamar Teoria da Enunciação.”<sup>233</sup> Ele desenvolveu um modelo de análise voltado à enunciação. Manteve as concepções saussurianas de estrutura, relação, signo, etc., mas “apresentou meios de tratar da enunciação”, isto é, do “*homem na língua*.”<sup>234</sup>

Semelhantemente, Barthes diz que

não atingimos nunca um estado em que o homem estivesse separado da linguagem, que em seguida elaboraria para “expressar” o que se passasse

<sup>230</sup> CARVALHO, 1993, p. 102.

<sup>231</sup> CARVALHO, 1993, p. 104.

<sup>232</sup> CARVALHO, 1993, p. 104.

<sup>233</sup> FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 29.

<sup>234</sup> FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 30.

em si: é a linguagem que ensina a definição de homem, não o contrário.<sup>235</sup>

Segundo Benveniste, o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem. Por isso, não se concebe o sujeito sem levar em consideração a linguagem. Não se pode falar de um sem ter em mente a outra. São dois elementos indissociáveis na enunciação. É no uso da língua que o homem se expressa e deixa transparecer a sua subjetividade. Por subjetividade, entende-se a capacidade do locutor para se propor como sujeito. No entanto, se vista unicamente sob esse aspecto, num primeiro momento, pode-se dizer que existe apenas uma instância, a instância do “eu”. Somente a instância do locutor se auto-afirmando.<sup>236</sup>

Além disso, Benveniste expressa que a consciência desse locutor (de si mesmo) só pode existir pelo contraste. O “eu” só existe em oposição ou se dirigindo a alguém, um “tu”. Não a “ele” ou “outro”. Por isso, de acordo com este lingüista, caem as velhas antinomias do “eu” e do “outro”, do indivíduo e da sociedade. As instâncias de pessoa passam a ser a do “eu” e a do “tu”. Entretanto, essa instância de terceira pessoa como conhecemos não deixa de existir, apenas assume um caráter de não-pessoa na Teoria da Enunciação. A pessoa se constitui pela condição do diálogo. “Ele” não dialoga. Somente as duas primeiras se constituem como pessoas, pois elas assumem essa condição.

Assim, Benveniste destaca que toda a linguagem organiza a noção de pessoa por oposições: “uma correlação de personalidade, que opõe a pessoa (“eu” ou “tu”) à não-pessoa (“ele”).” Por conseguinte,

a polaridade das pessoas, condição fundamental da linguagem, é contudo muito particular, pois não comporta nem igualdade nem simetria; *ego* tem sempre uma posição de transcendência em relação a *tu*, sendo *eu* interior ao enunciado, enquanto *tu* lhe permanece exterior; e, contudo, *eu* e *tu* são reversíveis, *eu* podendo sempre tornar-se *tu*, e reciprocamente.<sup>237</sup>

Entenda-se o “eu” como um “eu’ lingüístico. Sua definição em Benveniste é a-psicológica. “Eu’ nada mais é do que a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística ‘eu’.”<sup>238</sup>

---

<sup>235</sup> BARTHES, 1984, p. 20.

<sup>236</sup> BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995, p. 286.

<sup>237</sup> BARTHES, 1984, p. 22.

<sup>238</sup> BARTHES, 1984, p. 22.

O locutor para se instituir como sujeito faz uso da língua. A língua gravita no campo das possibilidades, um campo virtual de palavras passíveis de uso. Melhor dizendo, antes da enunciação ela é uma possibilidade.<sup>239</sup> Da língua, o locutor escolhe o que lhe é pertinente. Nessas escolhas ele deixa marcas de sua subjetividade. Mesmo ao usar o discurso de outro, o próprio recorte já é uma escolha. Os verbos que usará para introduzir um discurso, que não é seu, já declaram um determinado posicionamento. Pois, a enunciação é colocar em funcionamento essa língua, através de um ato individual de utilização.<sup>240</sup>

Esse ato individual de utilização pode ser estudado sob aspectos diferentes: como uma realização vocal da língua; como uma conversão da língua em discurso, buscando “ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’”; ou, ainda, uma abordagem que “consiste em definir a enunciação no quadro formal de sua realização”, isto é, definir “os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual.” Esse quadro formal Benveniste o esboça em *o Aparelho Formal da Enunciação*.<sup>241</sup>

A enunciação nada mais é do que colocar a língua em funcionamento por um ato particular de utilização. Por isso, “enunciar é transformar individualmente a língua – mera virtualidade – em discurso.”<sup>242</sup> E o aparelho formal da enunciação “é fundamento estrutural de uso da língua.”<sup>243</sup> Logo, se o ato de utilização é individual, cada vez que o locutor usa este aparelho se trata de um uso novo e irrepetível. “Essa irrepetibilidade deve-se ao fato que jamais tempo, espaço e pessoa [...] podem ser perenizadas no uso da língua.”<sup>244</sup>

O ato individual do locutor, pelo qual se utiliza da língua, institui o lugar do “eu”. O “eu” se apropria do aparelho formal da língua e, apropriando-se dela, assume a posição daquele que se enuncia. Por outro lado, ele também institui o outro diante de si, isto é, implanta o “tu”, que é a outra pessoa do diálogo. Não importa o grau dessa presença. Desse modo, toda a enunciação, seja explícita ou implícita, postula um alocutário. A relação entre o “eu” e o “tu” não se produz a não ser na e pela enunciação: o “eu” indica o indivíduo que profere a enunciação,

---

<sup>239</sup> BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989, p. 83.

<sup>240</sup> BENVENISTE, 1989, p. 82.

<sup>241</sup> BENVENISTE, 1989, p. 83.

<sup>242</sup> FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 35.

<sup>243</sup> FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 37.

<sup>244</sup> FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 37.

e o “tu” indica o indivíduo que está presente na enunciação como alocutário.

O discurso na Enunciação pode ser entendido como um modo de ação. Nesse modo de ação, há marcas que fazem transparecer o sujeito que enuncia e atestam o seu envolvimento enunciativo com o dizer para chamar, convocar, indagar o “tu” (alocutário) de sua alocação ao se anunciar. Essas marcas são de: pessoas, tempo e espaço (“eu”, “tu”, “agora”, “aqui”).

Destaca-se, ainda, que o locutor utiliza da língua para, de certa forma, influenciar o comportamento do alocutário, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.<sup>245</sup> As escolhas deixam, de algum modo, transparecer a sua “imagem” de locutor e, igualmente, podem deixar transparecer a “imagem” que ele tem do seu alocutário. Pois, o que caracteriza a enunciação é essa relação de diálogo com um parceiro, porque sempre há um “tu”. Logo, o diálogo se constitui através de dois parceiros. Estes figuram de maneira alternativa como protagonistas da enunciação.

Para influenciar o pensamento do alocutário, o locutor tem a sua disposição as condições necessárias através das grandes funções sintáticas, tais como: a *interrogação* que de certa forma busca uma “resposta”; a *intimação* que inclui as ordens e os apelos (imperativo, vocativo); e, menos evidente, a *asserção* que visa comunicar uma certeza.<sup>246</sup>

Além disso, para Benveniste, menos categorizável, existem as modalidades formais:

uns pertencentes aos verbos, como os ‘modos’ (optativo, subjuntivo) que enunciam atitudes do enunciador do ângulo daquilo que enuncia (expectativa, desejo, apreensão), outros à fraseologia (‘talvez’, ‘sem dúvida’, ‘provavelmente’) e indicando incerteza, possibilidade, indecisão, etc., ou, deliberadamente, recusa de asserção.<sup>247</sup>

Por fim, uma última abordagem a ser feita é sobre o tempo. Em especial o tempo presente, pois, segundo Benveniste, denomina-se presente o “tempo em que se fala.”<sup>248</sup> Ele, ainda, faz a diferenciação de três tipos de tempo: lingüístico, crônico (cronológico) e o físico. Mas o que nos interessa aqui é o tempo lingüístico, por se tratar do tempo ligado ao exercício da fala e, também, pelo fato

---

<sup>245</sup> BENVENISTE, 1989, p. 87.

<sup>246</sup> BENVENISTE, 1989, p. 86.

<sup>247</sup> BENVENISTE, 1989, p. 87.

<sup>248</sup> BENVENISTE, 1995, p. 289.

de ser definido e organizado a partir do discurso. Quando o locutor utiliza a forma do presente ou outra de igual valor, ele está situando o “acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona.” Além disso, “este presente é reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido.”<sup>249</sup>

### **2.3.3.1 Elementos Lingüísticos Observados nas Análises do Locutor**

Benveniste vê a linguagem como um modo de ação. Expressa que o ser humano dispõe de um aparelho formal da enunciação para, de algum modo, influenciar o comportamento do alocutário. Três, para ele, são os modos básicos pelos quais o locutor interpela o outro (seu alocutário): a *interrogação* em que espera, de certa maneira, uma resposta ou, pelo menos, indaga seu alocutário para que pense numa; a *intimação* em que a ordem e os apelos predominam com modo imperativo; e a *asserção* na qual o locutor comunica uma certeza.

Além dos três modos básicos, o ser humano ao se expressar faz uso de determinados auxiliares modais. Estudar a linguagem como uma apropriação da língua oportuniza ao pesquisador observar esses modos de dizer através da manifestação verbal ou escrita dos indivíduos. Existem marcas lingüísticas que mostram como o autor se posiciona em relação ao que diz. A adesão do produtor é sentida pelo interlocutor de formas distintas: ora situada no campo da certeza, isto é, da asserção, ora no campo da possibilidade, isto é, da não asserção ou incerteza.

#### **2.3.3.1.1 Relação: “Eu” e “Tu”**

Nas análises do terceiro capítulo, quanto ao locutor, busca-se, a partir de uma leitura atenta do *corpus*, destacar as formas ou termos usados pelo locutor, ao servir-se da língua, que expressam a sua relação com o “tu”. Esses usos refletem, igualmente, a “imagem” do seu parceiro da enunciação. Recortes são feitos de trechos dos sermões para a observação desses elementos.

A enunciação não ocorre se não estiverem presentes essas duas instâncias de pessoa. A instância do “eu” e a instância do “tu”. Assim, a observação é feita especialmente nos usos dos pronomes ligados a essas pessoas do discurso.

---

<sup>249</sup> BENVENISTE, 1989, p. 75.

Também, é dada atenção à maneira como o locutor faz uso dos tempos e modos dos verbos nessa relação.

### 2.3.3.1.2 *Certeza x Possibilidade*

Os dois grandes campos das modalidades de marcação são o da certeza e o da possibilidade. Também são denominados de: eixo do crer e eixo do saber. Situam-se, portanto, os enunciados nas categorias do certo (eixo do saber) e do possível (eixo do crer). Assim, ao se manifestar, o locutor apresenta um maior ou um menor grau de engajamento em relação à sua expressão tanto oral quanto escrita. E, por isso, os dois eixos básicos são o do crer e o do saber.

Quando faz uso da possibilidade, o escritor ou o locutor não impõe sua opinião ou finge não impor (eu creio, portanto é provável, é possível, é permitido). Dá ao leitor ou ao interlocutor ou ao alocutário a possibilidade de aceitar ou não o seu discurso. Este é o campo da possibilidade. Os tempos e modos verbais predominantes neste campo são o subjuntivo e o futuro do pretérito. Além disso, observam-se expressões como: creio, penso, acho, pode, é possível, é provável, provavelmente, possivelmente, talvez, parece que, etc.<sup>250</sup> Exemplifica-se isso da seguinte forma:

Tudo **pode** ser assim, certamente não de forma plena, mas já com bastante consistência e satisfação. **Penso** que é um pouco disso que nos fala o apóstolo Paulo na epístola de hoje...<sup>251</sup>

Quanto ao campo da certeza, o escritor ou o locutor obriga, de certo modo, ao interlocutor ou ao alocutário a aderir ao seu discurso. Este é o campo do saber. Os verbos estão predominantemente no indicativo. As expressões comuns dos discursos neste eixo são: é certo, é preciso, é necessário, é impossível, é proibido, é óbvio, não pode haver dúvidas, é dever de todo, certamente, necessariamente, etc.<sup>252</sup> Exemplifica-se isso da seguinte forma:

Somos convidados a interferir na vida das pessoas, das instituições, nos processos que fazem andar a história, para instaurar aquilo que **é bom**, que **é verdadeiro**, que **é digno**, que **é correto**, que **é puro**, que **é agradável**, que **é decente**. **Não devemos**, **não podemos** e, **certamente**, **não queremos** nos omitir.<sup>253</sup>

<sup>250</sup> ABREU, António Soares. **Curso de Redação**. São Paulo: Ática, 2006, p. 60.

<sup>251</sup> Exemplo retirado do sermão 2, conforme anexo.

<sup>252</sup> ABREU, 2006, p. 60.

<sup>253</sup> Exemplo retirado do sermão 2, conforme anexo.

Além do que foi exposto acima, dois auxiliares modais têm função preponderante nos campos da certeza e da possibilidade, quais são: *dever* para a certeza e *poder* para a possibilidade. De modo mais amplo, as modalidades podem ser caracterizadas pelos verbos e pela fraseologia. Nesta, as expressões comuns são: ‘talvez’, ‘sem dúvida’, ‘provavelmente’, etc. Em ambos os aspectos, o que se observa é a atitude do locutor frente ao que ele enuncia.

Há, ainda, outro aspecto importante que diz respeito aos tempos verbais que caracterizam a atitude do locutor. Sua atitude pode ser a de relatar ou a de comentar. Sob uma perspectiva argumentativa, o locutor utilizará o comentário. Os tempos verbais característicos são o presente e o futuro. Por outro lado, a narrativa assume predominantemente o passado. O futuro do pretérito, por sua vez, nos comentários diminui a força argumentativa. Do mesmo modo que a utilização do passado nos textos comentados reduz o comprometimento.<sup>254</sup>

## 2.5 Conclusão

Pensar o sermão sob uma perspectiva diferente do que observa-se na tradição homilética é arriscar um pouco. Pois, corre-se o risco de se cometer equívocos. No entanto, o que fica de mais significativo, a partir dos apontamentos feitos, é que o sermão pode ser estudado sob diferentes pontos de vista. No caso desta dissertação é visto como um ato enunciativo caracterizado por marcas, modos e padrões.

Parafraseando Bazerman, examinar o sermão sob a perspectiva da textualidade permite “*ver a extensão e a variedade do trabalho escrito*” que se requer dos pastores, e permite identificar o conhecimento desse tipo específico de produção escrita e as habilidades de escrita necessárias para alguém realizar esse trabalho. Examinar todos os elementos que envolvem a produção do sermão permite “*compreender as interações práticas*” trabalhadas pelos pastores. Compreender essas interações permite, também, ver como os pastores, ao escrever qualquer novo texto, estão intertextualmente situados dentro de um sistema, e como a sua escrita está direcionada e amparada por recursos sistêmicos. A análise desses aspectos permitirá avaliar a eficiência e a adequação de cada tipo de sermão (indutivo, dedutivo, com metáforas, sem

---

<sup>254</sup> ABREU, 2006, p. 59.

metáforas, ilustrativos, expositivos, temáticos, etc.) e se é necessária alguma mudança ou não.<sup>255</sup>

O sermão é um dos elementos práticos mais importantes da Igreja. Palavra e Sacramentos caminham juntos e têm estreitos laços. Lutero chega a dizer que o ministério da pregação é o ministério mais importante. É Deus quem atua em ambos.

Ter isso em mente e usar de genialidade, dom dado por Deus aos seres humanos, é uma das tarefas do pastor, porque isso faz parte do seu trabalho, e de todos os cristãos, pois também são testemunhas. Desse modo, ser criativo nem sempre é criar algo novo ou ser radical com os modelos pré-construídos, mas pode ser, unicamente, dar outros contornos ou inovar a partir daquilo que já existe.

Assim, a partir das considerações feitas neste capítulo sobre o texto e o locutor, bem como os apontamentos feitos no primeiro capítulo, analisar-se-ão alguns sermões no próximo capítulo, isto é, observar-se-ão o sermão enquanto produção textual (aspectos gerais) e o lugar assumido pelo locutor nesse texto.

---

<sup>255</sup> BAZERMAN, 2005, p. 43.

### 3 ANÁLISE DOS SERMÕES E DISCUSSÃO DOS DADOS

#### 3.1 Introdução

Nos capítulos anteriores, observou-se, de certa maneira, o que envolvia a produção de um sermão. Há um campo específico dentro da Teologia que se preocupa com a comunicação na Igreja que é a Homilética. Esta tem se preocupado mais com o sermão. Outro aspecto visto foi o destinatário do sermão. Ele é projetado e feito para a comunidade, que é o fim do sermão. Ainda, observou-se o que contém um sermão quanto ao seu conteúdo. Por último, no primeiro capítulo, tratou-se do pastor que é o responsável direto, e nas Igrejas tradicionais luteranas o único, por tal produção.

O segundo capítulo trouxe reflexões do sermão como uma manifestação lingüística e suas características peculiares dentro da linguagem humana. Também se refletiu sobre o locutor e o momento em que ele se apropria da língua, como um momento único e irrepetível. E, de modo mais específico, traçou-se os pressupostos da Teoria da Enunciação, cujo referencial norteia parte das análises deste capítulo.

Desse modo, este capítulo, apresentará brevemente o *corpus* de análise e logo a seguir as análises. Os sermões serão analisados separadamente. Assim, nas análises, primeiramente serão observados, em linhas gerais, os seguintes aspectos: organização do texto, ilustrações, intertextualidade<sup>256</sup>, coesão, assuntos recorrentes, palavras-chave, terminologia, etc.; e, especificamente, a relação entre o locutor e o alocutário (eu x tu), bem como a maneira de marcação do

---

<sup>256</sup> Intertextualidade, nas análises, refere-se à utilização de outros textos bíblicos ou outras citações que não sejam do texto-base.

discurso por parte do locutor, num segundo momento.

### 3.2 *Corpus* para Análise

O *corpus* de análise é composto de dez sermões retirados do livro “*Portas Abertas: Mensagens para o culto*”. Este material é publicado pela Editora da IELB – Editora Concórdia. O primeiro projeto contendo sermões teve início em 1975 com outro título – *Preciso Falar*<sup>257</sup>. Este, por longo período, não foi publicado e voltou a ser publicado em 1997, porém, com duas publicações distintas: uma para sermões e outra para auxílios homiléticos. O objetivo primeiro do projeto era auxiliar os pastores que possuíam múltiplas atividades e, às vezes, necessitavam recorrer a um material pronto. Por isso, surgiu a primeira publicação com sermões para momentos especiais.

Contudo, os livros tomaram outra forma: ao invés de apenas sermões especiais, passaram a cobrir parcialmente o Ano Eclesiástico<sup>258</sup>, com sermões preparados por pastores da IELB, seguindo a Série Trienal<sup>259</sup> adotada pela Igreja. Desta série, optam por uma das leituras para produzir seu sermão.

O volume de onde são retirados os sermões que serve de *corpus* para esta dissertação é o volume 10, publicado em 2006 para o ano de 2007, que tem como tema geral “*Unidos pelo Amor de Deus*”. Ao todo são 35 sermões que preenchem, parcialmente, o ano da Igreja.

O projeto “*Portas Abertas*” tem dois objetivos: 1) Motivar os cristãos luteranos a uma participação regular dos cultos, chamando a atenção para as bênçãos e os privilégios do culto semanal; 2) Celebrar cultos semanalmente em todas as congregações e pontos de pregação da Igreja, com o auxílio de líderes leigos.<sup>260</sup>

Depois da leitura de todos os sermões do livro “*Portas Abertas*, ocorreu a

<sup>257</sup> O *Preciso Falar* se tornou um livro de auxílios para a preparação de sermões, contendo estudos sobre os textos bíblicos de cada domingo.

<sup>258</sup> Tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento o povo de Deus seguia um calendário religioso. Trata-se do calendário usado pela igreja que auxilia a determinar o tema e o propósito de cada culto. Ele está centralizado na vida e obra de Jesus Cristo. O calendário divide-se em: Época do Advento; época do Natal, época da Epifania, época da Paixão ou Quaresma; época da Páscoa; época Pós-Pentecostes. (ZIMMER; SCHOROEDER; ZEMKE, 1988, p. 43-48).

<sup>259</sup> *Série Trienal* é o nome dado a um conjunto de passagens bíblicas específicas para cada culto. Ela divide-se em: Ano A, Ano B e A C. Essas leituras ocorrerão em todos os domingos dentro do Ano Eclesiástico. Cada domingo possui quatro passagens bíblicas (Salmo, Antigo Testamento, Evangelho e Epístola) que são lidas nos cultos. Isso pode ser observado em anexo nas mensagens analisadas. Normalmente o pastor opta por uma passagem e prepara seu sermão.

<sup>260</sup> Estes objetivos estão na capa do volume 10.

seleção do *corpus* específico para a análise. Ao todo são 10 sermões. Seguiu-se dois critérios, basicamente, para a escolha: autores diferentes e períodos distintos. Escolheu-se, também, o volume 10 por ser a publicação editada no período em que se elaborou o projeto de pesquisa para esta dissertação. Além disso, porque, quanto ao conteúdo e modo de exposição, estes sermões não diferem em proporções maiores daqueles que muitos pastores pregam nas suas comunidades. E porque a presente publicação envolve pastores da IELB.

### 3.3 Análises<sup>261</sup>

#### 3.3.1 Sermão 1 (Advento)

Este sermão foi escrito para o período de Advento<sup>262</sup>. O texto bíblico base é de 1 Tessalonicenses 3.9-13<sup>263</sup>. O tema é “como esperamos a vinda de Cristo.”

##### 3.3.1.1 Apontamentos sobre o Sermão

O sermão tem uma seqüência versículo bíblico e explicação, pode-se dizer que está disposto em forma espiral. Numa breve introdução, apresenta-se o tema em forma de pergunta. Procura-se respondê-la através de duas assertivas. “Esperamos a vinda de Cristo perseverantes na fé verdadeira” (§3<sup>264</sup>) e “também

<sup>261</sup> Todos os sermões analisados estão em anexo.

<sup>262</sup> *Advento*: Trata-se de uma época que inclui quatro domingos. A palavra significa “chegar”, “aproximar”. Neste período, a ênfase é a constante vinda de Jesus a nós. (ZIMMER, R. Allan; SCHROEDER, George W.; ZEMKE, Herman J. **O Culto Cristão**. Porto Alegre: Concórdia, 1988, p. 45). O advento é o período inicial do Ano Eclesiástico. Este tem sua formação até o ano 600. “A comemoração do Advento remonta, provavelmente, o século IV, logo após a fixação da data de nascimento de nosso Senhor Jesus. Como tempo de prepara, Advento sempre teve, na Igreja Antiga, caráter idêntico ao da Quaresma: ‘tempus clausum’, destinado à penitência e ao jejum, se bem que de forma abrandada. Sua duração original também era de 40 dias. O para Gregório Magno determinou 4 domingos pra o Advento, bem como assentou o Primeiro Domingo de Advento como o início do Ano Eclesiástico. “ Nesse período a Igreja se prepara para receber aquele que vem em nome do Senhor. (GOERL, Otto A. **Púlpito: estudos homiléticos**. Porto Alegre: Concórdia, 1967, p. 5.)

<sup>263</sup> Para melhor entender esse texto, convém lê-lo desde o capítulo 2.17 e todo o capítulo 3. Pois esse bloco expressa a preocupação de Paulo com os Tessalonicenses, do envio de Timóteo e das notícias que este trouxe da viagem. Então, sim, a pergunta do versículo 9 e 10. Eis o texto base do sermão: “Pois que ações de graças podemos tributar a Deus no tocante a vós outros, por toda a alegria com que nos regozijamos por vossa causa, diante do nosso Deus, orando noite e dia, com máximo empenho, para vos ver pessoalmente e reparar as deficiências da vossa fé? Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, e Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós, e o Senhor vos faça crescer e aumentar na amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco, a fim de que seja o vosso coração confirmado em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos.” (1 Ts 3.9-13)

<sup>264</sup> Leia-se *Parágrafo 3* deste sermão. Este mesmo procedimento é seguido em todos os sermões

esperamos pela vinda de Cristo progredindo na vida cristã” (§10). Este é, então, o esboço básico do sermão. Apresenta-se uma pergunta e se divide a resposta em duas partes. Também se traça um paralelo entre o que o texto expressa sobre os cristãos de Tessalônica e “nós, cristãos do século 21” (§5). Essa seria a ponte entre a Escritura Sagrada e o contexto contemporâneo. A ponte é um dos elementos mais importantes de um sermão. Segundo Prieto, é tarefa do pregador estabelecer uma ponte entre a Palavra de Deus e sua comunidade.<sup>265</sup>

Nas primeiras palavras, contextualiza-se o período eclesiástico. Situa-se o contexto litúrgico e a época do calendário da Igreja – Advento. Este, sendo um tempo de espera, já conduz à temática do sermão (§2). Isto é importante, pois a comunidade fica ciente do que será tratado.

Na primeira parte do texto, mais quatro perguntas são feitas. São elas: “temos a esperança na segunda vinda de Cristo? Estamos cientes de que Jesus voltará? Será que nos lembramos de sua volta em nosso dia-a-dia? Ou, simplesmente, nos esquecemos que Cristo disse que iria retornar a este mundo?” (§5) e “como Deus faz com que o sofrimento e a tribulação possam ser um progresso em nossa vida espiritual?” (§10). Por outro lado, na segunda parte, só figura um questionamento.

As perguntas, como se observou no segundo capítulo<sup>266</sup>, buscam de certa forma uma “resposta”. Sua função é chamar a atenção da comunidade para o que está sendo dito.

Outro aspecto relevante, mas que precisa ser cuidado, é o uso de algumas palavras que se enquadram como terminologia. Por exemplo, numerologia, astrologia, espiritismo, cristianismo e sacramentos (§s 6, 8 e 10). É de se perguntar se as pessoas conhecem seu significado e também sua amplitude. “Sacramento” é uma palavra comumente utilizada. Aparece em outros dos sermões analisados. Quase sempre da seguinte forma: “pregação da Palavra e sacramentos” ou como neste sermão: “estimular nosso interesse na pregação da Palavra e a nossa participação nos sacramentos” (§10). De acordo com Agostinho, o pastor evitará toda a palavra que não ensine. Se ele puder, todavia,

---

analisados. Os sermões estão em anexo com as indicações dos parágrafos.

<sup>265</sup> PRIETO, 1997, p. 134.

<sup>266</sup> Isso é tratado no tópico 2.3.3 sobre a Teoria da Enunciação.

substituí-las por outras, corretas e inteligíveis, ele as escolherá de preferência.<sup>267</sup>

Moesch, abordado no segundo capítulo, diz que é pela palavra que o homem se comunica. Mas na comunicação comum, não figuram palavras que enquadram-se como terminologia. A não ser que ele pensa de maneira terminológica. Porque, ainda de acordo com Moesch, o ser humano “profere palavras que exprimem externamente o que ele pensa interiormente.” Assim como, na comunicação, o comunicador transmite, antes de tudo, a si mesmo.<sup>268</sup>

Além de se explorar o texto bíblico base, como está anunciado no cabeçalho, há citações de outros textos bíblicos. Para falar sobre a certeza da volta de Cristo, cita-se o texto de Hebreus 1.11<sup>269</sup>. Mas há um equívoco aqui, pois é Hebreus 11.1 que fala especificamente sobre a fé como “a certeza de que vamos receber as coisas que esperamos”. Esse processo de explorar outros textos bíblicos é chamado de intertextualidade. Através dela, busca-se estabelecer idéias ou comprovar afirmações. Todo texto, de acordo com Barthes, é um tecido pré-construído, isto é, formado a partir de idéias migradas de discursos anteriores.<sup>270</sup> Pode-se dizer que, por meio de referências intertextuais, o escritor tenta fazer uma nova afirmação. No entanto, é preciso ter cuidado para não cometer equívocos, pois o leitor ou ouvinte pode querer buscar aquela referência.

Outra citação indireta é de 1 Tessalonicenses 4.9 a 5.11. Isso ocorre no §13, mas apenas são citados “os moralmente fracos”, “os desocupados” e “desanimados”. É muito breve a referência. O leitor pode ler e abrir o texto bíblico para conferir o contexto e reler esse trecho. Entretanto, o ouvinte do culto não tem como fazer isso enquanto está ouvindo.

A linguagem desse sermão é simples. Há bastante repetição de palavras. Por exemplo, Deus (16 vezes), Jesus (16 vezes). Jesus é tratado como Salvador e Filho de Deus. Deus é aquele que ama e quer reparar as deficiências das pessoas (§21). E o Espírito Santo (uma vez) pode operar a transformação da tribulação para a esperança (§11). Mas aqui, na passagem do §10 para o §11 seria bom alguns comentários para que se possa saber o que é essa

---

<sup>267</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 230.

<sup>268</sup> Cf. MOESCH, 1995, p. 25-26.

<sup>269</sup> Eis o que consta no versículo 11: A terra e o céu vão acabar, mas tu viverás para sempre. Eles ficarão velhos como roupa.

<sup>270</sup> BARTHES apud CARVALHO, 1993, p. 102.

transformação.

Outras repetições constantes estão ligadas à esperança, que é a temática do sermão, e ao sofrimento. A esperança se refere ao retorno de Jesus e o sofrimento diz respeito ao desânimo, sofrimentos e dificuldades. Também a moléstia ou o pecado é tratado como deficiência, tentação, desprezo e pouco caso da Palavra de Deus, e a fé que se torna débil quando os cristãos se apegam a numerologia, astrologia e espiritismo. A solução, para isso, está presente em: cultos, estudos bíblicos e a Palavra de Deus. Por fim, o amor e o perdão são salientados nos últimos parágrafos. O amor de Deus pelas pessoas foi demonstrado no sacrifício, morte e ressurreição (§19). A condição para amar e perdoar está intimamente ligada a Deus. “Só quem é amado por Deus pode amar o próximo. Só quem é perdoado por Deus pode perdoar o próximo” (§20).

Cabe salientar, ainda, um elemento importante que precisa ser observado, que é uso de traduções diferentes nos sermões. No mesmo sermão, ora se usa a versão Almeida (Revista e Atualizada – ARA) e ora a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). Aspecto que, em questões lingüísticas, deveria ser cuidado. Os pastores estão tão acostumados com a linguagem da ARA que, ao fazer algumas referências, utilizam-se dela. No entanto, o sermão deveria privilegiar apenas uma para se manter um padrão de linguagem. Às vezes, também, aparecem pronomes não comuns do linguajar do dia-a-dia. Um exemplo disso é “vossa fé” no §14. Isso, provavelmente, é fruto da contínua utilização da versão ARA.

Se o estilo da escrita de um sermão deve ser o da fala cotidiana, talvez fosse apropriado o uso da versão da NTLH. A menos que queira enfatizar algo ou alguma palavra, mas é preciso dizer o motivo. Os sermões deveriam se aproximar da fala comum. Esse processo se sedimenta com a prática. E, para o pastor é imprescindível dominar essa técnica.<sup>271</sup>

### **3.3.1.2 Locutor: *Eu x Tu e Certeza x Possibilidade*<sup>272</sup>**

Este sermão é predominantemente marcado pela primeira pessoa do plural – “nós” – naquilo que se refere à relação entre locutor e alocutário. Os únicos

<sup>271</sup> KIRST, 1996, p. 95.

<sup>272</sup> Esses aspectos são abordados, de modo específico, no tópico 2.3.3.1 do capítulo 2 sobre os elementos lingüísticos que neste capítulo 3 seriam observados.

momentos em que a segunda pessoa está presente são: quando há citações da carta aos Tessalonicenses, figurando um “vossa fé” (§14); e o uso do “você” (§13 e §17).

Este é um locutor que aproxima-se em todos os aspectos do alocutário. Em nenhum momento ele utiliza de modo distintivo a primeira pessoa – “eu” –, e nem diretamente a segunda pessoa fazendo referência ao alocutário – “tu”. Desse modo, tanto um como o outro, textualmente, estão no mesmo plano. Pois, todas as caracterizações e ações estão vinculadas à primeira pessoa do plural, isto é, ao “nós”. Citam-se alguns trechos para exemplificar esse aspecto:

Mas, hoje **temos** que perguntar a **nós**, cristãos do século 21: **temos** a esperança na segunda vinda de Cristo? **Estamos cientes** de que Jesus voltará? Será que **nos lembramos** de sua volta em **nosso** dia-a-dia? Ou, simplesmente, **nos esquecemos** que Cristo disse que iria retornar a este mundo? (§5)

O sofrimento pelo qual **passamos** tem um propósito. Com certeza, ele também é para o **nosso** progresso espiritual. (§9)

Ocorre o “nós” que é chamado inclusivo, pois estão englobados nele tanto o locutor (“eu”) quanto o alocutário (“tu”). Como observa-se nas citações acima, pelos elementos grifados, as mesmas ações e estados caracterizam o que fala e aquele a quem o falante dirige-se. O efeito do texto seria totalmente diferente se, no caso do §5, fosse escrito diretamente utilizando a segunda pessoa: “*Mas, hoje você tem que perguntar a **você mesmo**, cristão do século 21: **Você tem** a esperança na segunda vinda de Cristo? **Você está ciente** de que Jesus voltará? Será que **você se lembra** de volta de em **seu** dia-a-dia? Ou, simplesmente, **você se esqueceu** que Cristo disse que iria retornar a este mundo?*”<sup>273</sup>

Não há mudança quanto ao conteúdo, mas o efeito diretivo é consideravelmente outro. Além disso, pensando que esse discurso pode ser proferido no púlpito, qual versão teria mais alcance?

As expressões que imprimem o campo da asserção ou do saber e, por isso, certeza, somam 78 elementos. Entre estes constam expressões de certeza, verbos no presente e futuro do indicativo, como exemplo:

---

<sup>273</sup> O §5 foi adaptado para mostrar as possibilidades de marcação do discurso e o quanto isso pode dar outro sentido ao texto. Estas adaptações não serão feitas subsequentemente nas análises, mas o leitor pode fazê-las mentalmente para notar a distinção de sentido quando o locutor assume determinado tipo de discurso.

Mais uma vez **chegamos** à época do calendário da Igreja chamada advento: tempo no qual **aguardamos** ansiosos a vinda de Jesus Cristo no dia de Natal. Advento **é** um tempo de espera... e como **esperamos** a vinda de Cristo? (§2)

A nossa fé **não é** diferente dos tessalonicenses, ela também **é fraca** e deficiente que **precisa ser** melhorada, isto é, fortalecida constantemente pela Palavra de Deus. (§15)

Neste sermão, predomina o discurso da verdade. Estes trechos expressam a atitude do locutor frente ao que está dizendo. “Chegamos”, “aguardamos”, “é fraca”, e “precisa ser” não abrem possibilidade de questionamento. Isto é certo. Essas escolhas quanto aos modos de escrever podem ser pensadas ou simplesmente não. A pergunta que se faz é: ao escrever ou mesmo pregar o pastor pára para pensar nesses aspectos? “Quero expressar certeza aqui?” Ou “quero deixar a possibilidade de meus ouvintes pensarem e tirarem suas conclusões a esse respeito?”

Porque, por outro lado, como ocorre neste mesmo sermão, figura também um discurso no campo da possibilidade. O locutor crê naquilo que fala e, por isso, é possível. O uso do auxiliar modalizador “pode” caracteriza esse tipo de modo de dizer.

Quando há desprezo e pouco caso para com a Palavra de Deus, **pode haver** um enfraquecimento; a fé **pode ir ficando** cada vez mais fraca, até que ela se extinga; até que ela se acabe por completo. (§16)

No entanto, é o amor de Deus, a fé em Cristo que nos capacita a amar o nosso próximo. Só quem é amado por Deus **pode amar** o próximo. Só quem é perdoado por Deus **pode perdoar** o próximo. O perdão que Deus nos dá nos capacita a amar o nosso próximo. Amando o próximo, também estaremos progredindo na vida cristã. (§20)

O locutor, quanto à fé, ao perdão e ao amor expressa-se através da possibilidade. A fé “pode” enfraquecer e somente aquele que é amado por Deus “pode” amar e perdoar o próximo. É claro que no segundo trecho existe a alternância de modos de dizer em dois horizontes diferentes, isto é, quando trata-se de Deus o discurso é o da certeza: “Só quem é amado”, “só quem é perdoado” e é o perdão de Deus que “capacita” ao amor. Deus pode perdoar ou perdoa?

### **3.3.2 Sermão 2 (3º Domingo no Advento)**

Este sermão, assim como o primeiro, foi escrito para o período de

Advento<sup>274</sup>, em especial para o terceiro domingo. O texto bíblico base para o sermão é de Filipenses 4.9<sup>275</sup>. O tema é “Deus vem morar no meio do seu povo: para dar nova vida; para estabelecer um reino de paz”.

### **3.3.2.1 Apontamentos sobre o Sermão**

O texto-base de Filipenses 4.9 não é base para o sermão. Pois, neste texto trata de se pôr em prática as coisas que se aprenderam do apóstolo Paulo. Além disso, o tema proposto está muito mais ligado à temática do período do que ao texto-base propriamente dito.

Ao observar o tema, espera-se que se respondam, talvez, as seguintes perguntas: Deus vem morar de que modo? E como ele vai dar a nova vida e estabelecer o reino de paz?

O sermão é um apanhado das leituras propostas para o dia. No §1, fala-se que Deus está chegando, que o Natal está próximo, que Ele (Deus) não consegue ficar indiferente ao sofrimento do homem e, por isso, assume a forma humana. No §2, a alusão é feita ao texto de Isaías, do qual se extraiu o tema. Este sim poderia ser o texto-base. Além disso, no §3, alude-se ao texto de Sofonias. Já que esses textos são mencionados, seria importante resgatar trechos dessas leituras e explorá-los, pois também são lidos durante o culto. Isso ajudaria a dar unidade ao culto e às leituras. Por exemplo, o resgate do texto de Sofonias poderia ser feito da seguinte forma: “sua oferta é uma nova vida, assim como nós ouvimos na leitura de Sofonias que dizia o seguinte: ‘Povo de Israel, cante louvores a Deus! [...] O Senhor Deus anulou a sentença que havia contra vocês e afastou todos os inimigos do seu povo. O Senhor, o Rei de Israel, está com vocês, e vocês não precisam mais ter medo da desgraça’” (Sofonias 3.14-15).

A “nova vida” e “reino de paz” do tema figuram no §3 e no §4 respectivamente. É só neste último que, então, ocorre a referência explícita ao

---

<sup>274</sup> Ver nota 271 sobre o período.

<sup>275</sup> A partir do capítulo 4 desta carta, o apóstolo Paulo fala da saudade que sente dos filipenses e pede que continuem vivendo unidos no Senhor. Nomina Evódia, Síntique e Clemente especificamente. Então, dá mais alguns conselhos, tais como: tenham alegria, sejam amáveis com todos, não se preocupem, orem sempre, encham as mentes com tudo que é bom e, o texto base do sermão, ponham em prática o que receberam e aprenderam de mim. Penso que o versículo 8 e 9 deveriam ficar unidos como um único parágrafo. Eis o texto: “*Ponham em prática o que vocês receberam e aprenderam de mim, tanto com as minhas palavras como com as minhas ações. E o Deus que nos dá a paz estará com vocês.*” (Fp 4.9)

texto-base do sermão. Há, também, antes do parágrafo conclusivo, uma história, como ilustração, que destoa do quadro geral do sermão.

Utilizar uma ilustração é sempre um perigo. Se ela é explorada com cuidado para enfatizar o escopo do sermão, não tem problema nenhum. Não está em jogo somente a unidade do sermão, mas também se é ou não coerente o uso de determinada ilustração. O ouvinte sabe distinguir um texto coerente de um conglomerado de enunciados.

Cabe lembrar aqui a definição de Aristóteles de retórica. Esta é “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir.”<sup>276</sup> Pergunta-se, então: a historinha é adequada para a persuasão?

Sendo adequada, é preciso fazer alguns comentários. Falta uma transição do §5 para o §6. O §5 termina com uma assertiva forte: “Não devemos, não podemos e, certamente, não queremos nos omitir”. E, bruscamente, inicia-se a historinha do §6. Essa quebra pode ser prejudicial para a compreensão. Além disso, a amarração do que se viu no §6 com a conclusão, logo em seguida, do §7 é muito rápida. Para resolver o problema da transição, poder-se-ia proceder assim: “Para ilustrar o que acabo de dizer (repete-se algo do parágrafo anterior que se quer enfatizar), vou contar a vocês a seguinte história”.

Não se observa, neste sermão, dificuldades em relação à terminologia. Apenas algumas palavras que, provavelmente, não façam parte do mesmo repertório do pregador, do leitor e do ouvinte. Kirst lembra que as pessoas que vivenciam as mesmas experiências vivenciam também, provavelmente, a mesma linguagem<sup>277</sup>. Assim, questiona-se o uso de palavras como: arrogância e prepotência (§2), intransigência (§3), epístola (§4) e desventura (§5). Não se trata, de modo nenhum, de pensar em uma possível ignorância do ouvinte, mas uma verificação do ponto de vista *comunicacional*.<sup>278</sup>

Ainda, sobre linguagem, é preciso mencionar a diferença lingüística entre a historinha de ilustração e restante do sermão. Pois, no restante do sermão não há um rigor quanto ao uso dos tempos e modos verbais. Há, antes, uma mistura bastante grande, aproximando-se da linguagem comum. Ao contrário disso, na

---

<sup>276</sup> ARISTÓTELES, 1998, p. 48.

<sup>277</sup> Conforme KIRST, 1996, p. 35-40.

<sup>278</sup> Conforme capítulo 1, tópico 1.4.4 sobre o “texto-sermônico”, e capítulo 2, tópico 2.2.1 sobre os textos e sua funcionalidade.

história, os tempos e modos verbais estão bem organizados. Por exemplo, um tempo verbal que só se encontra em textos muito bem polidos, aparece na história. Trata-se do pretérito mais-que-perfeito: “surgira” e “fora” (§6). Parece que, simplesmente, foi copiada de algum lugar.

Deus e Jesus são nomes recorrentes. O termo Deus aparece 9 vezes, mas parece não haver cuidado no seu uso. Ora Deus é tratado como Senhor Todo-Poderoso e Criador, ora como Jesus. O termo Jesus, por sua vez, aparece 3 vezes, mas também é tratado ora como Deus, ora como Senhor. Talvez, isso possa causar confusão no ouvinte. O leitor pode ler e reler o sermão, porém o ouvinte não.

Por outro lado, é relevante o modo como se procura fazer a ponte entre o texto bíblico e o ouvinte, isto é, a aplicação. No §2, é dito que, ainda hoje, Deus sente as nossas dificuldades, nossas angústias, nossos sofrimentos e se entristece com isso.

### **3.3.2.2 Locutor: *Eu x Tu e Certeza x Possibilidade***

O locutor marca o seu discurso, no que tange à *relação eu x tu*, com a primeira pessoa do plural, isto é, com o “nós”. “Nós somos contagiados com a alegria da notícia dos anjos” (§1). Mais significativo nesta relação em que “eu” e “tu” são um “nós” coletivo, é o seguinte trecho:

Ele sente como suas, ainda hoje, as **nossas dificuldades**, os **nossos sofrimentos**, as **nossas angústias**, e se entristece com elas. Mas se entristece também com a **nossa arrogância**, com a **nossa prepotência**, com o **nosso orgulho**, com a **nossa vaidade**. Se entristece **quando somos maus**, causando sofrimento e dor, aniquilando a preciosa vida que ele criou. É por isso que Deus vem morar no meio do seu povo. E, justamente por **reconhecer nossa fragilidade** e **nossa total incapacidade** de mudar essa situação, **queremos receber** com todo o carinho e consideração aquele que tudo pode renovar, restaurar e fazer brilhar. (§2)

Locutor e alocutário não se distinguem quanto aos seus adjetivos. Ambos têm dificuldades, sofrem, angustiam-se. Ambos, também, são arrogantes, prepotentes, vaidosos e maus. E o convite inclui, igualmente, o locutor ao dizer que “queremos receber”.

Outro trecho, ainda, quanto ao uso do “nós”.

(...) pois o Senhor vem a **nós**, **nos ama** e **nos ajuda** a ser amáveis com todos. É por isso também que **não nos preocupamos**, a ponto de perder a alegria, pois **sabemos** que o senhor está **conosco** e **cuida de**

**nós**, providenciando para que nada **nos falte**. É por isso também que **andamos em paz**. (§4)

Esse modo de marcar o discurso, através do “nós”, percorre o sermão como um todo. Existem apenas duas exceções. Uma usando o “vocês”, mas esta é da citação do texto de Filipenses. No entanto, a outra exceção é mais significativa, pois ressalta uma atitude de distinção entre “eu” e “tu”. “Penso que é um pouco disso que nos fala o apóstolo Paulo na epístola de hoje” (§ 4). “Eu” penso, ressalta uma atitude de diálogo. Porque seria diferente se o locutor tivesse enunciado assim: “É disso que nos fala o apóstolo Paulo.”

Os verbos “ser” e “estar” no indicativo presente figuram mais de 30 vezes neste sermão. Isso já indica um discurso marcado pela certeza. Sem contar as expressões de certeza e outros verbos no presente do indicativo.

**Somos** convidados a interferir na vida das pessoas, das instituições, nos processos que fazem andar a história, para instaurar aquilo que **é** bom, que **é** verdadeiro, que **é** digno, que **é** correto, que **é** puro, que **é** agradável, que **é** decente. Não devemos, não podemos e, certamente, não queremos nos omitir.

Além disso, outros verbos nesse pequeno trecho também estão no presente, como: “fazem”, “devemos”, “podemos”, e “queremos”. Ambos no indicativo, dando essa idéia de que o locutor marca sua fala pelo campo da certeza. Ainda, há um “certamente”, advérbio que, igualmente, indica certeza. O discurso teria outro sentido se, ao invés do “é”, figurasse um “pode ser”.

O cômputo de todos os verbos no presente do indicativo soma mais de 90 vezes. Expressões que indicam certeza, como “certamente”, “não há como...” “aí está”, “é verdade...”, somam mais de 15 vezes. Outro aspecto que não pode ser deixado de lado é o uso da negação como elemento argumentativo, pois o “não” aparece 19 vezes neste sermão. Observe o seu uso na citação abaixo:

**Não** há como ficar indiferente. **Não** há como **não** se emocionar. O Deus Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, assume a forma humana, para resgatar o seu povo. Ele **não** consegue ficar indiferente, porque é Deus Santo, Todo-Poderoso, mas, acima de tudo, é Deus de amor. Ele **não** consegue conviver com o sofrimento, por isso vem por amor e com amor, para ensinar o caminho do amor. Vem para servir e, assim, restaurar a vida bonita e plena que havia criado. Como **não** receber com toda a consideração, carinho e alegria tão ilustre visitante?

No entanto, apesar de ser um discurso predominantemente marcado pela asserção, em alguns pontos o locutor assume a atitude da incerteza, isto é,

utiliza-se de expressões e verbos num discurso da possibilidade. Isso acontece, principalmente, através de um auxiliar modal ou modalizador. Os trechos em que o locutor marca assim seu discurso são:

“Deus está morando no meio do seu povo”, este é o recado de Isaías. É um recado cheio de consolo e esperança, onde a confiança **pode ser** renovada. [...] E, justamente por reconhecer nossa fragilidade e nossa total incapacidade de mudar essa situação, queremos receber com todo o carinho e consideração aquele que tudo **pode renovar, restaurar e fazer brilhar**. (§2)

O locutor não diz que a confiança é renovada e também não diz que não é renovada, mas que ela “pode ser”. Igualmente, no final do parágrafo, “aquele que tudo pode renovar, restaurar e fazer brilhar.” E, logo abaixo, figura novamente esse auxiliar modal, nos seguintes termos:

Aí está justamente o princípio maior que **pode fazer brotar** e surgir o Reino da paz, que todos nós tanto almejamos. Quem de nós não quer viver num ambiente feliz, equilibrado, tranqüilo, de muita confiança e cooperação? Que bom se nosso ambiente familiar fosse assim, que bom se nosso ambiente profissional fosse assim, que bom se todos os ambientes fossem assim, não é mesmo? Mas aí é que está a beleza e a radicalidade da mensagem cristã. **Tudo pode ser assim**, certamente não de forma plena, mas já com bastante consistência e satisfação. (§4)

O locutor, falando desse modo, projeta coisas para o depois. Mas ele enfraquece do discurso. Utilizando o auxiliar modal e o verbo no infinitivo, de modo nenhum imprime a força de um verbo no futuro do indicativo. No entanto, nessa atitude discursiva, o locutor não impõe o seu discurso ou, simplesmente, finge não impor.

### 3.3.3 Sermão 3 (*Primeiro Domingo após o Natal*)

Este sermão foi escrito para o Primeiro Domingo após o Natal<sup>279</sup>. O texto

---

<sup>279</sup> No Natal se comemora o nascimento de Jesus. De acordo com Goerl, a igreja primitiva, especialmente no oriente, festejava o dia 6 de janeiro como um dia de duplo significado, isto é, comemoravam o nascimento e o batismo de Jesus. Mais tarde, ocorreu a separação dos dois acontecimentos e o nascimento passou a ser comemorado no dia 25 de dezembro. “Presume-se que se deve o 25 de dezembro à intenção dos crentes de transformar o “dies solis invicti” dos romanos (o sol começa a vencer o inverno) no dia do verdadeiro sol invicto, que veio para dissipar com sua luz celeste as trevas do pecado.” O bispo Libério de Roma, em 353, comemorou o Natal no dia 6 de janeiro, porém no ano seguinte, comemorou-o no dia 35 de dezembro. (GOERL, Otto A. **Púlpito: estudos homiléticos**. Porto Alegre: Concórdia, 1967, p. 72) E a tônica do Primeiro Domingo após o Natal varia de acordo com a Trienal. Ora a circuncisão de Jesus, ora a apresentação de Jesus no Templo e o cântico de Simeão, e ora este de Lucas com Jesus entre os mestres da lei.

bíblico base proposto é de Lucas 2.41-52<sup>280</sup>. Tem como tema: “aproveitando as oportunidades”.

### 3.3.3.1 Apontamentos sobre o Sermão

Inicia-se o sermão com uma saudação carinhosa. “Unidos pelo amor de Deus” é a temática geral do volume 10 do livro “Portas Abertas”, para o ano de 2007. É deste livro que extraiu-se os sermões para as análises.

Contextualiza-se, brevemente, o período do Ano Eclesiástico, pelo qual está passando a Igreja. E, em seguida, aborda-se, diretamente, o texto base para o sermão. Relata-se, em poucas palavras, o episódio da vida de Jesus e a peregrinação que fazia parte da vida do povo de Israel. Além disso, fala-se da Páscoa e o que ela representava para este povo. Esse aspecto elucidativo é muito importante para situar o ouvinte.

Até a metade do sermão, trata-se do texto de Lucas e, implicitamente, faz-se comentários no §4 sobre o texto de Mateus 6.21 – “aquilo ao qual estamos apegados, aquilo que vai dentro do nosso coração, define muitas vezes o lugar em que costumamos estar” –, que aparece novamente no §8.

Outros textos bíblicos (João 3.16 e Mateus 6.33) também estão presentes, explicitamente, neste sermão, além do texto de Lucas. O que procura-se enfatizar é aquilo que deve ser colocado em primeiro lugar, para aproveitar as oportunidades. Mas isto somente percebe-se depois da segunda leitura.

Basicamente, este sermão trata do texto de Lucas, destacando que Jesus aproveitou a oportunidade para estar no Templo junto com os mestres da lei. Esta

---

<sup>280</sup> Esta perícopé forma um bloco narrativo completo. Isto é, ela tem um início, uma tensão ou conflito e a resolução do conflito. Diferentes são as perícopes das cartas pastorais, falta-lhe esse enredo simples. No caso das cartas é preciso vê-las como um todo para encontrar a sua tensão. Veja o texto. “*Todos os anos os pais de Jesus iam a Jerusalém pra a Festa da Páscoa. Quando Jesus tinha doze anos, eles foram à Festa, conforme o seu costume. Depois que a Festa acabou, eles começaram a viagem de volta para casa. Mas Jesus tinha ficado em Jerusalém, e os seus pais não sabiam disso. Eles pensavam que ele estivesse no grupo de pessoas que vinha voltando e por isso viajaram o dia todo. Então começaram a procurá-lo. Três dias depois encontraram o menino num dos pátios do Templo, sentado no meio dos mestres da Lei, ouvindo-os e fazendo perguntas a eles. Todos os que o ouviam estavam muito admirados com a sua inteligência e com as respostas que dava. Quando os pais viram o menino, também ficam admirados. E a sua mãe lhe disse: – Meu filho, por que foi que você fez isso conosco? O seu pai e eu estávamos muito aflitos procurando você. Jesus respondeu: – Por que vocês estavam me procurando? Não sabiam que eu devia estar na casa do meu Pai? Mas eles não entenderam o que ele disse. Então Jesus voltou com os seus pais para Nazaré e continuava a ser obediente a eles. E sua mãe guardava tudo isso no coração. Conforme crescia, Jesus ia crescendo também em sabedoria, e tanto Deus como as pessoas gostavam cada vez mais dele.*” (Lucas 2.41-52)

é a primeira parte. A segunda, por sua vez, trata de como “nós” estamos aproveitando as oportunidades que Deus concede hoje em dia.

Fica claro que o tema, especificamente, passa a figurar no sermão somente no §6 com uma pergunta: “Como nós aproveitamos as oportunidades que Deus nos concede hoje em nossas vidas?” Este questionamento liga-se ao que foi exposto até esta pergunta, porque, no final do §5, comenta-se que Jesus “aproveitou a oportunidade de estar na casa do pai”.

Algumas ponderações sobre a presença de terminologia. Este sermão é curto, porém alguns termos saltam aos olhos na leitura. Os termos são explicados. Figuram no sermão: “Verbo Eterno encarnado” (§4), “Ofício Profético, Sumo Sacerdotal e Real” e “Grande Profeta” (§5).

Cabe salientar o comentário do Padre Vieira sobre a matéria a ser tratada no sermão. Ele diz que o sermão deve conter uma só matéria, que é preciso dividi-la e explicá-la em todos os seus detalhes. Lutero também dizia que, quando subia ao púlpito, tratava somente de uma coisa.

Agostinho também argumenta sobre a importância se tratar de um só assunto, mas variando as expressões. A citação a seguir consta no primeiro capítulo, mas é importante trazê-la outra vez:

Quem fala deve tomar o maior cuidado de vir em ajuda de quem se cala. Ordinariamente, o povo na sua avidez de entender costuma dar demonstração, por seus movimentos, de que compreendeu. Até que assim manifestem, é preciso voltar ao assunto, variando as expressões de múltiplas maneiras<sup>281</sup>.

Talvez, seria necessário perguntar: quais as ligações do tema “aproveitando as oportunidades” com o episódio de Jesus junto aos mestres da lei, com os “três ofícios” (§5), com “mais importante”, com “maior tesouro” e com “em primeiro lugar o Reino de Deus” (§7)? Além disso, a conclusão não retoma o texto-base abordado no início, e exorta aos ouvintes a aproveitar as oportunidades para estar na Igreja e testemunhar Jesus às pessoas, no trabalho, na família, na escola, etc.

Novamente, como no primeiro sermão analisado, a participação nos cultos e sacramentos entram na pauta: aproveitar as oportunidades de “estar na ‘Casa do Pai’, onde Palavra e sacramentos (Batismo e Santa Ceia) são ministrados”.

Sobre as matérias a serem abordadas num sermão, o Padre Vieira, diz que

---

<sup>281</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 231.

há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la, para que se conheça, há de dividi-la, para que se distinga; há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com razão; há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar.<sup>282</sup>

Por fim, apenas uma observação sobre a presença de um “viera” (§4), que é um pretérito mais-que-perfeito, tempo verbal não comum na linguagem cotidiana.

### 3.3.3.2 Locutor: *Eu x Tu e Certeza x Possibilidade*

O locutor chama seus ouvintes de “amigos no Salvador Jesus”. Assim ele inicia seu sermão. No §9, porém, refere-se aos ouvintes como “estimados presentes”. Apesar de usar o “nós” em todo o sermão, estas duas expressões – amigos e estimados presentes – transmitem mais polidez do que proximidade. De modo distinto ocorre nos outros sermões analisados, pois usam-se palavras como: irmãos, amados, etc.

Neste sermão, diferentemente dos primeiros, o locutor não trata da situação em que ele mesmo e sua comunidade vivem. Não há problema nenhum aparentemente. A única coisa que importa é aproveitar as oportunidades. Os momentos em que aparece a primeira pessoa do plural são os seguintes: “ainda **vivemos** o clima festivo do Natal” (§2); “Aquilo ao qual **estamos apegados**, aquilo que vai dentro de **nosso coração**, define muitas vezes o lugar em que **costumamos estar**” (§4); “como **nós aproveitamos** as oportunidades que Deus nos concede hoje em **nossas vidas?**” (§6); e o mais significativo, quanto à relação entre locutor e alocutário, é o §8.

Dentro em breve **estaremos** iniciando um novo ano. Certamente **teremos** muitas oportunidades pela frente. Onde estiver o **nosso** tesouro, aí estará também o **nosso** coração (Mt 6.21). Dentre as oportunidades que se **nos** apresentarão no novo ano, **precisamos** estar cientes do que é o “mais importante” e qual o “maior tesouro”, aquilo que mais vale a pena para **nós**. Jesus diz no evangelho de Mateus 6.33: “Portanto, ponham em primeiro lugar na sua vida o Reino de Deus e aquilo que Deus quer, e ele lhes dará todas essas coisas.” O “todas essas coisas” refere-se às necessidades diárias para a vida de cada um de **nós**, como a comida, bebida, roupas e tudo o que **necessitamos** para a nossa vida. Tudo isso vem ao natural para aqueles que colocam Deus em primeiro lugar em suas vidas. (§8)

Tudo isso está caracterizado pela primeira pessoa do plural, indicando que o

---

<sup>282</sup> VIEIRA, 2006, p. 40.

“nós” inclui o locutor e aqueles que o estão ouvindo. Cabe ao “nós” aproveitar as oportunidades de testemunhar. “**Aproveitemos** também as oportunidades de “testemunhar” de Jesus e do seu amor às pessoas que **encontrarmos** pelos lugares por onde **passarmos**.” (§9)

Outro fator interessante é que os outros é que vivem desesperados, desorientados. “São muitas as pessoas que pelo mundo a fora **vivem desesperadas, sem esperança** alguma e completamente **desorientadas**, muitas delas **acreditando em falsos mestres e falsas mensagens**” (§9). Ora, para esse locutor, estes problemas não assolam internamente a sua comunidade.

O tempo presente é predominante neste sermão. Trata-se de um sermão curto. Mesmo assim, giram em torno de 26 empregos do presente do indicativo. É bastante comum também o recurso ao passado. Este enfraquece a argumentação. Por outro lado, ao relatar, o locutor utiliza-se do presente e isso imprime força argumentativa em alguns parágrafos, como este:

No texto do evangelho de hoje, Jesus, já com doze anos de idade, **vai** a Jerusalém para a festa da Páscoa com os seus pais. Tal peregrinação fazia parte da vida do povo de Deus do Antigo Testamento, lembrando a maravilhosa libertação da escravidão vivida pelo povo no Egito. A festa durava vários dias. Ao término deles, José, Maria e demais pessoas **voltam** para Nazaré da Galiléia. Jesus **permanece** em Jerusalém sem que eles o saibam. Os pais **sentem** a sua falta. Ao cabo de três dias, o **encontram** no templo em Jerusalém, conversando com os mestres da Lei. Jesus, questionado por Maria, **responde**: “Por que vocês estavam me procurando? Não sabiam que eu devia estar na casa do meu Pai?” (Lucas 2.49) (§3)

Contudo, isso parece não acontecer aleatoriamente e sem um cuidado regular. Este sermão, da forma como está escrito, assemelha-se à linguagem corriqueira, em que não há o devido cuidado quanto ao uso dos tempos verbais. Também é possível observar que o modo indicativo predomina. Esse aspecto reforça o dado de que grande parte deste sermão é marcado pela asserção, isso quer dizer que trata-se de um discurso marcado pela certeza. Como ocorre no trecho a seguir:

Dentro em breve **estaremos** iniciando um novo ano. **Certamente teremos** muitas oportunidades pela frente. Onde estiver o nosso tesouro, aí **estará** também o nosso coração (Mt 6.21). Dentre as oportunidades que se nos **apresentarão** no novo ano, **precisamos** estar cientes do que é o “mais importante” e qual o “maior tesouro”, aquilo que mais vale a pena para nós. (§8)

Apesar de o futuro indicar uma possibilidade, pois não se conhece, ele

demonstra, tomado no indicativo, um discurso igualmente marcado pela certeza. O locutor está certo disso, porque reforça o que está dizendo com um “certamente” e um “precisamos”. Logo, figura a necessidade. É curioso também observar que, mesmo sendo um sermão curto em relação aos outros, pouco ocorreu o uso do verbo ser, característica principal, no presente do indicativo, do discurso da asserção.

Por outro lado, também é marcante o convite ou a exortação, principalmente, quando o locutor aproxima-se do final do sermão. Momento em que chama a atenção dos ouvintes com a expressão: “Estimados presentes!” (§9). Seu uso na primeira pessoa do plural não é tão forte quanto seu uso na segunda pessoa.

Estimados presentes! **Aproveitemos** bem as oportunidades que nos sobrevirão no ano prestes a iniciar. Principalmente em estar na “Casa do Pai”, onde Palavra e sacramentos (Batismo e Santa Ceia) são ministrados. **Aproveitemos** também as oportunidades de “testemunhar” de Jesus e do seu amor às pessoas que encontrarmos pelos lugares por onde passarmos. Quem sabe na família, no trabalho, na escola, no ponto de ônibus, numa fila qualquer, etc. (§9)

Em alguns sermões, ainda observa-se o imperativo através do “tu”. Mas, agora, é mais corrente a utilização da forma imperativa por meio do “você” que conjuga-se de modo diferente. Talvez, a chamada aos “estimados presentes” exigisse a continuação de um discurso em segunda pessoa. Com o procedimento seguido, pela primeira pessoa do plural, o locutor enfraquece o seu dizer. Há um apelo, mas não tão incisivo.

### 3.3.4 Sermão 4 (Epifania)

Este sermão foi escrito para o período da Epifania<sup>283</sup>. Propõe-se como texto-base Mateus 2.1-12<sup>284</sup>. Tem o seguinte tema: “seja a luz do mundo.”

---

<sup>283</sup> A Epifania é celebrada no dia 6 de janeiro, 12 dias após a festa de Natal. O verbete provém do grego “epipháneia” e quer dizer, na literatura profana: manifestação, aparecimento; superfície; glória, dignidade; vinda dos deuses com o propósito de ajudar. No Novo Testamento, porém, designa a manifestação de Jesus em glória por ocasião da primeira vinda (obra da salvação) e da segunda vinda (manifestação final, juízo). A festa da Epifania começa na Igreja Oriental, onde Clemente de Alexandria (150-217) registra o festejo do dia 6 de janeiro como data comemorativa do nascimento de Jesus. Aos poucos, o Oriente passou a comemorar o nascimento de Jesus no dia 25 de dezembro. O sermão mais antigo sobre Epifania é de Hipólito (nascido por volta de 160) e trata do batismo de Jesus. A Reforma conservou o costume e as perícopes (Is 60.1-6 e Mt 2.1-12) da Igreja Ocidental. (GOERL, Otto A. **Púlpito: estudos homiléticos**. Volume 2. Porto Alegre: Concórdia, 1980, p. 9-10)

<sup>284</sup> Esta perícopa é uma narrativa completa. Tem o início com o nascimento, tem o impasse ou a tensão com a preocupação de Herodes e seu pedido aos magos e tem a solução quando estes

### 3.3.4.1 Apontamentos sobre o Sermão

O sermão inicia-se por uma introdução que contém um relato sobre os “descobrimientos”. Dedicar-se um parágrafo para falar do período da Epifania. Outro trata dos textos do dia e da temática da manifestação para, então, falar do que propõe-se no tema. Três palavras ou três idéias figuram neste pequeno sermão: “movimento”, “manifestação” e “luz”. Cada uma delas por si só daria um sermão. A palavra luz aparece em Isaías, mas o texto base é Mateus. Neste, há manifestação e “movimento”. E o sermão termina com um convite ao ouvinte para que ele seja a luz do mundo.

Na introdução, comenta-se sobre a Idade Média. É muito breve a alusão, pois mais de um milênio de história é vertido em quatro linhas. Não parece ser adequado, porque o que se narra no §2 diz respeito a outro período, e este não é mencionado, que é a época dos descobrimientos, da invenção da imprensa, da Reforma, por exemplo.

Falta, entretanto, a transição do §2 para o §3. Simplesmente sai da época dos descobrimientos para dizer que “Epifania é algo sensacional” (início do §3). É claro que o restante dele trata, implicitamente, do que foi expresso nos dois primeiros. Mas a amarração, através de repetições, poderia ser um bom recurso a ser utilizado neste caso, pois o sermão é bastante curto.

Da passagem do §5 para o §6, a transição poderia ser da seguinte forma;

---

magos encontram a Jesus e voltam, avisados em sonho, por outro caminho. Trata-se de um texto muito bonito e revelador da manifestação de Deus em Jesus. Veja o texto. *“Jesus nasceu na cidade de Belém, na região da Judéia, quando Herodes era rei da terra de Israel. Nesse tempo alguns homens que estudavam as estrelas vieram do Oriente e chegaram a Jerusalém. Eles perguntaram: – Onde está o menino que nasceu para ser rei dos Judeus? Nós vimos a estrela dele no Oriente e vimos adorá-lo. Quando o rei Herodes soube disso, ficou muito preocupado, e todo o povo de Jerusalém também ficou. Então Herodes reuniu os chefes dos sacerdotes e os mestres da Lei e perguntou onde devia nascer o Messias. Eles responderam: – Na cidade de Belém, na região da Judéia, pois o profeta escreveu o seguinte: “Você, Belém, da terra de Judá, de modo nenhum é a menor entre as principais cidades de Judá, pois de você sairá o líder que guiará o meu povo de Israel.” Então Herodes chamou os visitantes do Oriente para uma reunião secreta e perguntou qual o tempo exato em que a estrela havia aparecido; e eles disseram. Depois os mandou a Belém com a seguinte ordem: – Vão e procurem informações bem certas sobre o menino. E, quando o encontrarem, me avisem, para eu também ir adorá-lo. Depois de receberem a ordem do rei, os visitantes foram embora. No caminho viram a estrela, a mesma que tinham visto no Oriente. Ela foi adiante deles e parou acima do lugar onde o menino estava. Quando viram a estrela, eles ficaram muito alegres e felizes. Entraram na casa e encontraram o menino com Maria, a sua mãe. Então se ajoelharam diante dele e o adoraram. Depois abriram os seus cofres e lhe ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra. E num sonho Deus os avisou que não voltassem para falar com Herodes. Por isso voltaram para a sua terra por outro caminho.”* (Mateus 2.1-12)

“Assim como o apóstolo Paulo anunciou o evangelho a outro povo, você também pode anunciar. Seja você...”

Um bom exemplo de conexão acontece na passagem do §6 para o §7. Veja-se o final de um e o início do outro:

(§6) A lâmpada passa a brilhar, iluminar o ambiente, revelar o que há em volta. Com sua ação, a lâmpada permite que as pessoas vejam, se protejam, possam agir. (§7) Que você seja assim. Receba poder, iluminação, força, perdão, amor, vida e vida eterna de Deus.

Relevante é a alusão feita sobre a temática das leituras do dia. Aparece desse modo: “nos textos lidos hoje percebemos muita movimentação”. Mencionam-se o Salmo, Isaías, o Evangelho e a Epístola, mas de cada um se resgata um trecho para mostrar essa movimentação. Isso também é um modo de dar unidade ao culto. Ou, pelo menos, dar unidade às leituras. Pois, o sermão não está dissociado do culto, antes é uma parte dele.

Neste sermão, não se tem medo de usar a segunda pessoa. Talvez, seja relevante lembrar uma citação feita no primeiro capítulo:

Não temas usar o pronome pessoal ‘tu’. [...] tenho certeza de que é necessário nunca omitir interpelação direta... Se não houver ao menos um único ponto em que possas dizer ‘tu’ não fizeste um sermão, mas um ensaio ou uma conferência.<sup>285</sup>

Por fim, é preciso dizer que os dois parágrafos introdutórios ficaram no ar. A conclusão, que é um convite ou uma exortação, não retoma o que foi tratado no início do sermão. Cabe, justamente aqui, conselho, trazido por Blackwood, que foi mencionado no primeiro capítulo: “Certa vez alguém perguntou a O. Henry, qual o segredo para escrever um conto. ‘É simples’, respondeu com um sorriso, ‘basta pensar no fim, e construir a história que conduza a ele.’”<sup>286</sup>

### **3.3.4.2 Locutor: Eu x Tu e Certeza x Possibilidade**

Curiosamente, neste sermão, quase não figura a primeira pessoa do plural – “nós”. Apenas uma vez com o “percebemos” no parágrafo 5. Até o terceiro parágrafo o sermão é construído em terceira pessoa. Esta é, por excelência, plural, isto é, inclui tanto o “eu”, o “tu” e o “ele”. Por outro lado, é excludente quando descreve-se algo ou se afirma algo que o “eu” ou o “tu” não se

<sup>285</sup> FARMER apud BLACKWOOD, 1981, p. 183.

<sup>286</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 46.

enquadram naquela descrição.

Epifania é manifestação! Deus se manifesta, se apresenta, se revela, se desnuda, apresenta sua intimidade diante dos olhos das pessoas. **Quem** vê, sente, ouve, experimenta e aplica Deus ao seu viver, é **alguém** que descobre a realidade do acolhimento maior. Esse **alguém** recebe e vive o perdão procedente da cruz de Jesus Cristo. **Quem** percebe Deus, percebe que há vida além dessa vida. Percebe que a vida do além é eterna. Percebe que no dia do Juízo Final os justos, além de ressuscitarem corporalmente, não entrarão em julgamento. Todos que, pela Fé, aceitam essas verdades sublimes, se alegram, festejam, rejubilam e vibram intensamente. (§3)

Não somente o “quem” e o “alguém”, mas toda a construção desse §3 está na terceira pessoa. Aquele que percebe estas coisas alegra-se, festeja, rejubila e vibra. O alocutário pode pensar se faz parte desse grupo ou não. Esse recurso de argumentação também foi utilizado por Jesus, principalmente no Sermão do Monte. Ele disse assim:

Vocês ouviram o que foi dito: “não cometa adultério.” Mas eu lhes digo: **quem** olhar para uma mulher e desejar possuí-la já cometeu adultério no seu coração. (Mateus 5.27-28)

No entanto, apesar da metade do sermão ser construído em terceira pessoa, o restante está construído, preferencialmente, com a segunda pessoa do singular – “você”. O locutor fala diretamente e individualmente com o seu alocutário.

Deus, ao se manifestar, se expõe diante dos seus olhos. Deus também quer ser exposto diante de todos os seres humanos. Deus quer que **você** seja instrumento dele, para levar o nome de Jesus a todos. Realidades que são descobertas e aceitas põem as pessoas em movimento. (§4)

Que **você**, a partir de hoje, seja semelhante lâmpada. (§6)

Que **você** seja assim. Receba poder, iluminação, força, perdão, amor, vida e vida eterna de Deus. E então que **você** não fique parado. Lance luz de Deus sobre os outros. Seja **você** mais que a lâmpada. A lâmpada não tem pernas para se deslocar, mas **você** tem pernas, sim. (§7)

Além disso, percebe-se a atitude da *intimação*<sup>287</sup> assumida pelo locutor em relação ao alocutário de que este seja uma luz para o mundo, quando, nos últimos três parágrafos, ele expressa-se da seguinte forma: “que você, a partir de hoje, seja...” (§6); “que você seja assim.” (§7); e “que Deus se manifeste, através de você...” (§8).

---

<sup>287</sup> Conforme o tópico 2.3.3 sobre a Teoria da Enunciação, no segundo capítulo, a *intimação* exprime um apelo, um convite, um chamado, etc.

Contudo, neste sermão, cabe exclusivamente ao “você” fazer. A ação cabe só ao alocutário. O locutor não se inclui nesta missão de ser luz para as outras pessoas. Essa maneira de construção dá força ao discurso. O imperativo (“seja”, “lance”, “transmita”, “diga”, “vá” – §7) é anunciado aquele a quem o locutor dirige-se. O locutor assume um lugar que o distingue do seu alocutário. No sentido de que “eu” digo e “você” faz.

Com exceção dos primeiros dois parágrafos, que ensejam um breve relato e, por isso, são tratados no passado, o restante do sermão é construído, predominantemente, no presente do indicativo. Em alguns momentos do texto, articula-se com o presente do subjuntivo. São aproximadamente 50 casos em que o presente do indicativo é utilizado. Isso indica um texto marcado pela assertividade. Também aparecem “é necessário” e “com certeza” que reforçam esse lugar assumido pelo locutor. A seguir, apresenta-se o parágrafo mais significativo na predominância do texto no presente.

Epifania é algo sensacional. Algo que **vai** colocar em movimento todos que **percebem** a realidade da Epifania. Epifania é manifestação! Deus se **manifesta**, se **apresenta**, se **revela**, se **desnuda**, **apresenta** sua intimidade diante dos olhos das pessoas. Quem **vê**, **sente**, **ouve**, **experimenta** e **aplica** Deus ao seu viver, é alguém que descobre a realidade do acolhimento maior. Esse alguém **recebe** e **vive** o perdão procedente da cruz de Jesus Cristo. Quem **percebe** Deus, **percebe** que **há** vida além dessa vida. **Percebe** que a vida do além é eterna. Percebe que no dia do Juízo Final os justos, além de ressuscitarem corporalmente, não entrarão em julgamento. Todos que, pela Fé, **aceitam** essas verdades sublimes, se **alegram**, **festejam**, **rejubilam** e **vibram** intensamente. (§3)

O locutor assume uma posição singularmente imperativa no §7. Essa forma imperativa também caracteriza o discurso “autoritário”, isto é, o discurso da certeza. Porém, o locutor comete um “deslize” no final deste parágrafo, pois ele diz assim: “você **pode** falar com a boca, com gestos, a maneira de ser e de viver.” De modo sutil, instaura-se o discurso da possibilidade, da incerteza neste sermão predominantemente assertivo.

### 3.3.5 Sermão 5 (2º Domingo após Epifania)

Este sermão foi escrito para o período de Epifania<sup>288</sup>, especialmente para o

---

<sup>288</sup> Ver nota 292 que versa sobre este período.

segundo domingo. Das leituras do dia, Lucas 4.14-21<sup>289</sup> é o texto-base para o sermão. O tema é “a pregação do Messias vai ao encontro de todos”.

### 3.3.5.1 Apontamentos sobre o Sermão

O sermão tem sua estrutura a partir de duas frases. Elas são colocadas em itálico para melhor visualização das partes. À primeira parte está vinculada a seguinte frase: “*Jesus volta para a Galiléia onde começa o seu ministério*” (§2). E a segunda parte versa sobre “*o Espírito do Senhor o unge e também nos unge para o serviço*” (§11).

Alguns parágrafos são curtos. Nem são parágrafos propriamente ditos. Às vezes, uma frase é colocada como um. Alguns são formados por três ou quatro frases. Esse é um aspecto constante em, praticamente, todos os sermões. De acordo com Blackwood, um bom parágrafo para o sermão deveria ter mais ou menos 100 palavras. Uma proposição clara e vigorosa no início. E o restante das palavras explanaria essa proposição. Começaria com clareza e terminaria com força<sup>290</sup>. Além disso, seria importante que o parágrafo tivesse unidade de conteúdo e de forma (gramatical).

Neste sermão, explana-se o texto de Lucas. Explica-se, inicialmente, o que é uma sinagoga e como era o procedimento do culto naquele contexto. Também se explica o fato de Jesus ter sido convidado para ler e, depois, explicar o texto que havia lido. Isso poderia ser um único parágrafo, ao invés das divisões, conforme o texto, em §4, §5 e §6.

Ainda, talvez, por ser um pouco mais longo, existe uma preocupação em explicar termos, tais como: “ungido” (§12), “ano da Graça” ou “Ano Aceitável do Senhor” (§17). Além disso, procura-se fazer pontes, trançando-se paralelos entre

---

<sup>289</sup> A demarcação desta perícopé é intrigante, pois ela termina, podemos dizer, no momento do impasse ou da tensão. Jesus acabou de ler, sentou-se e todos olhavam para ele sem desviar os olhos. É claro que a mensagem central está nas palavras de Isaías que Jesus leu e na explicação que ela dá nos versículos seguintes. Eis o texto: “*Jesus voltou para a região da Galiléia, e o poder do Espírito Santo estava com ele. As notícias a respeito dele se espalhavam por toda aquela região. Ele ensinava nas sinagogas e era elogiado por todos. Jesus foi para a cidade de Nazaré, onde havia crescido. No sábado, conforme o seu costume, foi até a sinagoga. Ali ele se levantou pra ler as Escrituras Sagradas, e lhe deram o livro do profeta Isaías. Ele abriu o livro e encontrou o lugar onde está escrito assim: “O Senhor me deu o seu Espírito. Ele me escolheu para levar boas notícias aos pobres e me enviou para anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, libertar os que estão sendo oprimidos e anunciar que chegou o tempo em que o Senhor salvará o seu povo.” Jesus fechou o livro, entregou-o para o ajudante da sinagoga e sentou-se. Todas as pessoas ali presentes olhavam para Jesus sem desviar os olhos.*” (Lucas 4.14-21)

<sup>290</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 197.

o que acontecia no tempo de Jesus e como isso se aproxima do nosso contexto. Isso acontece quando se repete expressões como: “o Espírito do Senhor também nos unge” (§11), “ainda hoje” (§16), “o Espírito do Senhor ainda hoje” (§18), etc.

No entanto, deveria haver um cuidado com as transições de um parágrafo para outro ou mesmo quando se muda de assunto. Por exemplo, o “aqui” inicial do §8 é estranho, pois refere-se ao texto bíblico e não à Igreja, da qual se estava tratando no parágrafo anterior.

Utiliza-se de coisas, de necessidades concretas e até de elementos da natureza do ser humano para explicar o que é a boa nova. Segue o trecho:

um emprego que chegou na hora do desespero para o desempregado. É uma cesta de alimento que chegou na casa de quem está sofrendo privações. É uma palavra amiga que chega na hora certa. É a Palavra de Deus que chega ao faminto e sedento de Deus. É a vida vencendo a morte. É manhã de ressurreição. É esperança nascendo nos corações dos desesperançados. É sol nascendo, dissipando a escuridão, trazendo a luz e alegria a nossa vida. (§12)

Quanto à linguagem, assim como em outros sermões, não há um cuidado com a utilização das traduções. Quando a citação é direta, usa-se a NTLH, mas quando a referência é indireta, o vocabulário é da ARA. Isso observa-se em todo o sermão. Pode até não ser um problema, porém se a leitura é da NTLH e as citações diretas também, as alusões indiretas, igualmente, deveriam ser. Procedendo assim haveria unidade lingüística.

Neste sermão, especificamente, algumas das coisas que foram explicadas dizem respeito à tradução da ARA – “ungido”, “Ano Aceitável do Senhor” –, coisas que na NTLH estão de modo simples. Ao utilizar-se a ARA, existe a possibilidade de reproduzir-se seu modo de expressão. Isso pode ser observado em diferentes momentos do texto, como por exemplo: “assentou-se para expor o que acabara de ler” (§5), “salvação messiânica” (§10), “Espírito do Senhor” (§11), “boas novas” (§12), “libertar os cativos” (§13), “Ano Aceitável do Senhor” (§16), “Bem-aventurados” (§21), etc.

Observou-se, no primeiro capítulo<sup>291</sup>, que a comunicação ocorre onde os significados são correspondentes entre o emissor e o destinatário. Se os pastores sentem dificuldades com a linguagem e o vocabulário das traduções mais antigas, o que pensar da congregação como um todo. O pastor dedicou, em tese, 4 a 5

---

<sup>291</sup> Conforme tópico 1.4.4 sobre o “texto-sermônico”, do primeiro capítulo.

anos de sua vida num curso que tem como objeto de estudo a Escritura Sagrada. As pessoas da comunidade não têm essa bagagem acadêmica teológica. Elas, porém, lêem a Bíblia, na sua simplicidade, para o seu dia-a-dia. Para o pastor, além de ser consolo para si mesmo, é ferramenta de trabalho.

Por fim, este sermão parece estar voltado para um contexto urbano, isso de acordo com as referências feitas durante o texto. Figuram assuntos como: férias, desemprego, cesta de alimento, etc. A sua simples aplicação em outro contexto pode ser problemática.

### **3.3.5.2 Locutor: *Eu x Tu e Certeza x Possibilidade***

O locutor constrói seu texto ora com a primeira pessoa do plural (“nós”) ora com a segunda do singular (“você”) no que se refere à relação do “eu” x “tu”. Mas, quando utiliza o “nós”, o texto oscila entre o aspecto negativo e positivo. Aquilo que não é bom e o que é bom.

Do mesmo modo, ainda hoje, a igreja, esta casa é local onde o povo se reúne para ouvir Jesus falar. Pelo menos deveria ser este o grande objetivo de **estarmos** aqui neste final de semana. Se olharmos a **nostra** volta **percebemos** que muitos poderiam estar aqui hoje. Mas como normalmente é um período de férias, as pessoas de um modo geral também tiram férias do seu culto e adoração a Deus. (§7)

Observa-se uma inquietação do locutor, pois, ao falar do costume de outrora e do que hoje acontece, ele expressa que a Igreja “é o local onde o povo se reúne para ouvir Jesus. Pelo menos este deveria ser o grande objetivo de estarmos aqui hoje”. O problema são os que não estão presentes.

E bem **sabemos** o que fizeram com Jesus em Nazaré. O expulsaram, o colocaram fora da cidade, o levaram para um monte, para o jogarem abaixo, mas ele passou entre eles e se retirou. **Vemos** em **nosso** texto também que: (§10) O Espírito do Senhor o unge e também **nos unge** para o serviço. (§11)

Tanto o locutor quanto o alocutário sabem o que os nazarenos fizeram com Jesus. Também ambos são ungidos para o serviço. Este aspecto da unção para o serviço é reforçado em outro parágrafo do sermão e, novamente, o “nós” é utilizado.

O Espírito do Senhor ainda hoje continua **nos ungindo** para levar as boas novas aos sedentos da Palavra de Deus. O texto **nos mostra** dois tipos de pessoa. Aqueles que acham que Jesus está falando bonito, mas que ele é um petulante em dizer que as Escrituras estão se cumprindo nele. Estes se sentem irados e querem matar Jesus. Não são receptivos às boas novas do Evangelho. (§18)

Há outro grupo a quem Jesus diz ser ungido para ministrar. São aqueles que não têm uma vida digna, a ralé do povo, o resto. Essas pessoas recebem a boa notícia e se abrem à novidade do Evangelho. (§19)

Como pode ser observado, o locutor utiliza o recurso da terceira pessoa e atualiza o texto bíblico argumentando no presente. Começa com o “nós” desse modo: “o texto nos mostra dois tipos de pessoa”. E articula com a terceira pessoa para mostrar os tipos de pessoas: aquelas que acham que Jesus é petulante e aquelas que recebem a boa notícia.

Significativo, também, é o seguinte parágrafo:

A Palavra de Deus tem que entrar no ouvido e chegar ao coração. Precisa queimar dentro de **nós** e **nos inquietar** para **vivermos** diferentes. Dura coisa é quando **nós nos tornamos indiferentes** à Palavra de Deus. Quando ela já não queima dentro de nós. Quando ela não provoca mais mudanças. **Nos tornamos insensíveis** à voz de Deus. Às vezes **até achamos** que Deus não fala a **nós** e que o seu Santo Espírito **não está conosco**, mas Deus **não nos abandona**. É a **nossa indiferença** que não permite que ele fale aos **nossos corações**. (§20)

Novamente, o diagnóstico e o consolo são feitos com o recurso da primeira pessoa do plural (“nós”), incluindo o “eu” (locutor) e o “tu” (alocutário). Pois, “nós” nos tornamos indiferentes e, mesmo pensando assim, Deus não nos abandona.

Contudo, há o recurso da segunda pessoa do singular. O locutor também fala diretamente através do “você”.

**Imagine você** preso num quarto tendo o que comer e onde fazer suas necessidades, mas não tendo a liberdade de sair quando quiser. O ser humano não nasceu para viver preso. (§13)

Ele também vem dar vista aos cegos. **Imagine vocês viverem** sem enxergar. **Viverem** dependendo dos outros. É muito triste. (§14)

Um recurso de aproximação do locutor em face do alocutário. Não se trata de um imperativo, mas o esclarecimento de uma situação de prisão.

Este sermão é um pouco mais extenso. Por isso, o cômputo é maior. Os verbos no presente do indicativo giram em torno de 90 vezes. Mesmo no relato, que em princípio é composto no passado, o locutor argumenta utilizando o presente. Os primeiros parágrafos dão exemplo desse aspecto.

Jesus **volta** para a Galiléia onde **começa** o seu ministério. (§2)

Após sua tentação, Jesus agora **se dirige** para a Galiléia e **vai**, conforme o texto, no poder do Espírito. Em seguida, **vai** à cidade onde se criou, onde viveu boa parte de sua vida – Jesus **está** agora em Nazaré. **Vai** para lá com o objetivo de levar a sua mensagem de vida e

salvação também para os seus. (§3)

O discurso é dinâmico e aproxima-se muito da linguagem cotidiana, especialmente pela repetição do “vai” e do “agora” no trecho acima. Não só o agora se repete em todo o sermão, mas também é constante a repetição de “aqui” e “ainda hoje”.

Observa-se, igualmente, a constância do presente do indicativo no parágrafo a seguir:

Quem **é** que mais necessita das obras novas? Alguém que **não tem** esperança, que **está** levando uma vida miserável em pecado, que **não vê** saída para a sua vida. O Evangelho, a boa notícia, **é** tudo o que a pessoa **precisa** para dar, por assim dizer, um novo rumo em sua vida, e isso **acontece** quando a palavra o **leva** ao arrependimento e o **conduz** ao caminho do perdão, vida e salvação. E isso **se complementa** concretamente na vida do necessitado de muitas maneiras como um emprego que chegou na hora do desespero para o desempregado. **É** uma cesta de alimento que chegou na casa de quem **está** sofrendo privações. **É** uma palavra amiga que **chega** na hora certa. **É** a Palavra de Deus que **chega** ao faminto e sedento de Deus. **É** a vida vencendo a morte. **É** manhã de ressurreição. **É** esperança nascendo nos corações dos desesperançados. **É** sol nascendo, dissipando a escuridão, trazendo a luz e alegria a nossa vida. (§12)

Esses usos do verbo no presente do indicativo reforçam o discurso marcado pela assertividade. O uso do verbo auxiliar “dever” e “precisar”. Além disso, o uso do advérbio de negação (“não”) é um recurso utilizado pelo locutor. Esse advérbio dá força a essa assertividade. O locutor diz: “não vê”, “não tem”, “não é”, “não queima”, “não desafia”, “não provoca”, “não fala”, “não permite”, “Deus não nos abandona”, etc. Isso pode ser visto no seguinte parágrafo:

A Palavra de Deus tem que entrar no ouvido e chegar ao coração. Precisa queimar dentro de nós e nos inquietar para vivermos diferentes. Dura coisa é quando nós nos tornamos indiferentes à Palavra de Deus. Quando ela já **não queima** dentro de nós. Quando ela **não provoca** mais mudanças. Nos tornamos insensíveis à voz de Deus. Às vezes até achamos que Deus **não fala** a nós e que o seu Santo Espírito **não está** conosco, mas **Deus não nos abandona**. É a nossa indiferença que **não permite** que ele fale aos nossos corações. (§20)

Entretanto, mesmo sendo um discurso predominantemente assertivo, aparece o discurso da possibilidade em dois momentos, são eles: “se olharmos a nossa volta percebemos que muitos **poderiam estar** aqui hoje” (§7); e “estas pessoas **poderiam ser** comparadas a crianças que, em determinado período de suas vidas, em certa idade, passam pela fase do *Por quê? Como?*” (§9). No caso da primeira frase o locutor poderia ter utilizado “não estão”, pois a negação foi um

recurso bastante utilizado por ele no decorrer do sermão.

### **3.3.6 Sermão 6 (5º Domingo após Epifania)**

Este sermão foi escrito para o período da Epifania<sup>292</sup>. O texto-base é Lucas 5.1-11<sup>293</sup>. E tem como proposta de tema “Jesus nos convida a pescar.”

#### **3.3.6.1 Apontamentos sobre o Sermão**

O sermão não apresenta uma estrutura fixa com divisões. Desenrola-se de modo circular. Ora fala da pesca e da crise pela qual passaram os pescadores e de seu desânimo, ora da crise e do desânimo que se abatem sobre as pessoas a quem o sermão se dirige.

Um sermão, de acordo com Moraes, deveria ser organizado logicamente. Para ele, a lógica torna as afirmações claras e objetivas, possibilitando ao pregador demonstrar racionalmente a possibilidade de execução de seus argumentos. Diz, ainda, que seguir um sistema de divisões em tópicos completa esse trabalho, ajudando o pregador a melhor usar uma argumentação lógica no púlpito.<sup>294</sup>

Este sermão inicia falando de pesca frustrada como “uma experiência bem desagradável” (§1) para introduzir o assunto e cativar a atenção do ouvinte. E,

---

<sup>292</sup> Ver nota 292 sobre o período.

<sup>293</sup> Esta perícopé em termos narrativos está completa. Tem seus aspectos introdutórios com Jesus e a multidão e o fim de uma noite frustrada de trabalho. Tem a tensão quando Jesus pede que Pedro jogue as redes novamente na água. No entanto, o clímax desta perícopé, na minha leitura, não é a grande pesca, que é muitas vezes enfatizada, mas, antes, é quando Pedro de joelhos diz a Jesus: – “Senhor, afaste-se de mim, pois sou pecador!” E Jesus diz para ele não ter medo. Eis o texto a seguir: *Certo dia Jesus estava na praia do lago da Galiléia, e a multidão se apertava em volta dele para ouvir a mensagem de Deus. Ele viu dois barcos no lago, perto da praia. Os pescadores tinham saído deles e estavam lavando as redes. Jesus entrou num dos barcos, o de Simão, e pediu que ele o afastasse um pouco da praia. Então sentou-se e começou a ensinar a multidão. Quando acabou de falar, Jesus disse a Simão: – “Leve o barco para um lugar onde o lago é bem fundo. E então você e os seus companheiros joguem as redes para pescar.” Simão respondeu: – “Mestre, nós trabalhamos a noite toda e não pescamos nada. Mas, já que o senhor está mandando jogar as redes, eu vou obedecer.” Quando eles jogaram as redes na água, pescaram tanto peixe, que as redes estavam se rebentando. Então fizeram um sinal para os companheiros que estavam no outro barco a fim de que viessem ajudá-los. Eles foram e encheram os dois barcos com tanto peixe, que os barcos quase afundaram. Quando Simão Pedro viu o que havia acontecido, ajoelhou-se diante de Jesus e disse: – “Senhor, afaste-se de mim, pois eu sou um pecador!” Simão e os outros que estavam com ele ficaram admirados com a quantidade de peixes que haviam apanhado. Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão, também ficaram muito admirados. Então Jesus disse a Simão: – “Não tenha medo! De agora em diante você vai pescar gente.” Eles arrastaram os barcos para a praia, deixaram tudo e seguiram Jesus. (Lucas 5.1-11)*

<sup>294</sup> MORAES, 2000, p. 130.

com o convite de Jesus a Pedro (“não temas, doravante serás pescador de homens”), formulam-se duas perguntas diretas:

Você está se preocupando em pescar para o Reino de Deus? Nossa congregação está preocupada em pescar pessoas? A época é propícia, pessoas estão chorando, implorando pelo consolo e conforto que apenas nós, cristãos, temos a oferecer. (§14)

A partir daí, o discurso é mais direto no que diz respeito aos ouvintes. Em relação a estes, procura-se fazer as pontes entre o texto lido e o contexto presente. Exemplo disso é o §3 que diz assim:

Naquele momento, estavam com o mesmo desânimo de quem é atingido pelo desemprego, pela diminuição do salário, pela falta de condições de trabalho, seja na cidade, seja na agricultura, pelas brigas em família – por qualquer outro tipo de “crise”. (§3)

Procura-se, desse modo, fazer as conexões do sentimento de desânimo, pelo qual estavam passando os personagens do texto de Lucas, com os possíveis ouvintes ou leitores que também estejam desanimados.

Há, também, uma busca por aproximação entre o que produziu o sermão e o que o lerá ou o ouvirá. As expressões seguintes revelam essa idéia: “Vejam como Pedro, Tiago e João reagiram...” (§6); “Não sabemos se...” (§8); “Talvez a crise tenha se abatido sobre você...” (§15); “Não vamos deixar que...” (§16); etc.

Seria apropriado, neste sermão, incluir elementos de transição em alguns momentos. Um exemplo que necessitaria é: “E ele (o diabo) só fica satisfeito quando consegue derrubar alguém da fé – antes ele não larga da sua presa. Jesus Cristo também se aproxima das pessoas nos momentos de tribulação” (§5). Neste caso, a segunda frase poderia ser escrita assim: “Mas Jesus Cristo, *ao contrário do Diabo*, aproxima-se para...”

Não só neste sermão, mas também em outros figuram palavras entre aspas. O que se quer com isso? Por exemplo, “crise” (§8) e “Messias” (§7) estão entre aspas. O ouvinte não se preocupará com estas coisas, pois não está lendo o texto. O leitor, sim, pode perguntar-se: “Por que o pastor que escreveu este sermão colocou palavras entre aspas?”

Algo que chama a atenção é a menção sobre “sucesso profissional” no §11. O sermão não está tratando do sucesso. Ao levar-se em conta todo o texto e a proporção como os assuntos foram tratados, o tema deveria ser outro do que o que foi proposto.

Até mesmo a história contada no §15, que versa sobre o desânimo, precisaria ser observada com cuidado. Cabe a pergunta se essa história é apropriada para este sermão. Mantendo-se a mesma, talvez fosse melhor uma inversão, isto é, começar o §15 com a história e depois colocar no final as duas primeiras frases deste parágrafo.

A seqüência dos parágrafos §17 e §18 ressalta ligação entre a narração bíblica e o contexto presente. “Podemos seguir o exemplo dos primeiros cristão” (§17).

Ainda, alguns comentários sobre questões de linguagem. Usa-se ora “tua” e ora “sua”. Um pretérito mais-que-perfeito também é registrado – “fora” (§8). Além disso, a citação direta do texto de Lucas é feita da ARA: “Não temas, doravante serás pescador de homens” (§12). Esta versão pode até ser mais bonita e até, talvez, mais impactante do que a da NTLH, porém o padrão em termos de linguagem fica prejudicado.

### **3.3.6.2 Locutor: *Eu x Tu e Certeza x Possibilidade***

Neste sermão, o locutor oscila na forma de construção do texto. Ora ele assume o discurso em primeira pessoa do singular, “eu”; ora utiliza a primeira pessoa do plural (“nós”); e ora fala diretamente ao alocutário, utilizando o “você” ou os pronomes “te” e “teu”.

Inicia o sermão de forma carinhosa e acolhedora, chamando seus alocutários de “prezados irmãos e irmãs em Cristo” (§1). Neste parágrafo, institui o “tu” de maneira explícita: “Pior se a pesca for a **tua** profissão e não um passa tempo” (§1). Além disso, nos dois parágrafos seguintes aparece o alocutário de modo expresso:

Deus não vai dar muita importância se o **teu** esporte favorito é vôlei ou futebol, se **você** veste roupas de cor verde, cinza ou roxa. No Juízo Final, Deus vai **te** cobrar como e quantas vezes **você** foi pescar pessoas para o Reino dele. (§13)

**Você** está se preocupando em pescar para o Reino de Deus? Nossa congregação está preocupada em pescar pessoas? A época é propícia, pessoas estão chorando, implorando pelo consolo e conforto que apenas nós, cristãos, temos a oferecer. (§14)

O locutor e o alocutário são distintos em muitos momentos do sermão. A cobrança é direta ao alocutário. Deus vai cobrar de “você”, não de “nós”. O locutor (“eu”) está isento dessa cobrança. Em outro momento, vislumbra-se também essa

diferença, mostra que é freqüente a busca pelo pastor quando os membros da comunidade passam por problemas, isto é, buscam o locutor.

Uma situação que se repete com mais freqüência em nossos dias é o **desabafo dos membros com o pastor**: um está trabalhando há meio ano sem receber salário, outro foi demitido e não consegue outro trabalho, outro recebeu a proposta de diminuição de salário. (§4)

Por outro lado, o discurso através do “nós” não é tão marcante. O locutor utiliza esse modo para explicar e estabelecer pontes: “nossos dias” (§4), “conseguiu para nós morrendo na cruz” (§5), “vejamos como Pedro, Tiago e João reagiram” (§6), “soam para nós como palavras de salvação” (§9). Também parece que o locutor quer animar a congregação para o trabalho da pesca e, nesse caso, utiliza-se do discurso na primeira pessoa do plural:

**Não vamos deixar** que o desânimo tome conta da pesca do Reino de Deus. **Vamos nos** encher da mesma admiração e fé que os pescadores tiveram por Jesus. **Vamos trabalhar** duro nas horas boas de pesca. A pesca de pessoas para o Reino de Deus depende da bênção de Jesus e do trabalho árduo dos pescadores – **nós**. E nas horas difíceis, quando o mar não está muito para peixe, **vamos orar** a Jesus para que ele abençoe **nossa** pescaria – ele pode repetir aquela pesca maravilhosa. (§16)

Neste parágrafo, locutor e alocutário estão juntos. No entanto, nos últimos parágrafos do sermão o locutor assume um discurso de distinção novamente.

Prezados irmãos e irmãs no Senhor Jesus, **convido vocês** a sentirem admiração e fé diante da maravilha que é ter Jesus com nosso Salvador, que fez maravilhas em nossa vida. **Convindo vocês** a trabalharem arduamente nesta pescaria de pessoas para o Reino de Deus. A **nossa cidade** oferece um ambiente extremamente propício para receber o **nosso testemunho** e para que ocorra uma pesca maravilhosa. (§18)

Trata-se de um parágrafo em que aparecem as três pessoas. O locutor convida o alocutário para testemunhar na “nossa” cidade.

Neste sermão, passado e presente se intercalam, isto é, há uma certa igualdade no seu uso. O locutor marca, porém, o seu discurso no campo da assertividade. Giram em torno de 50 os usos do presente de indicativo. Mesmo privilegiando o passado, em alguns momentos relata o texto bíblico utilizando o presente do indicativo.

Jesus **convida** os pescadores para voltarem ao trabalho e Pedro **dá** um voto de confiança a Jesus. Ele **joga** as redes onde Jesus **manda** e o resultado **é** fantástico: **é** preciso outro barco para dar conta de levar as redes cheias de peixes para a margem, e os barcos quase **afundam**. (§10)

Esse modo de atualização do texto bíblico dá força ao discurso, no sentido de que não se trata apenas de um evento passado, mas um evento presente na vida dos cristãos. Não só na narrativa, mas também em quase todos os parágrafos deste sermão esse recurso do verbo no presente acontece, reforçando a predominância do discurso assertivo. Para exemplificar, mais dois parágrafos.

(§5) O pior de tudo **é** que o diabo usa estes momentos para tentar os fiéis e abalar a fé no Salvador Jesus. E ele **só fica satisfeito** quando consegue derrubar alguém da fé – antes ele **não larga** a sua presa. Jesus Cristo também **se aproxima** das pessoas nos momentos de tribulação. Ele oferece o perdão de pecados que ele conseguiu para nós morrendo na cruz e o conforto de saber que, confiando nele, vamos passar a eternidade no céu, onde não haverá problema algum.

(§19) Jesus **está** conosco. Ele **dá** o seu Reino de maneira maravilhosa e **traz** felicidade e conforto nesta vida e na vida eterna aos que **confiam** nele. Amém.

Todavia, o discurso da possibilidade figura em três parágrafos. O primeiro se referindo ao que aconteceu com os personagens do texto bíblico – “**provavelmente** não deram muito crédito para as palavras de Jesus, pois eles o conheciam como um homem comum, um marceneiro” (§7). Por outro lado, os outros dois estão ligados diretamente com o alocutário.

**Talvez** a crise tenha se abatido sobre **você** e **você** esteja trazendo este desânimo para sua pesca no Reino de Deus. O diabo é esperto em fazer isto. (§15)

**Podemos** seguir o exemplo dos primeiros cristãos e ver que nossos irmãos na fé são companheiros de pesca que **podem** nos ajudar na tarefa de levar pessoas a Jesus. A união e a harmonia entre os fiéis estão presentes numa Igreja empenhada na missão que Deus lhes deu. (§17)

O locutor assume a possibilidade. Existe a possibilidade de a crise ter abatido o alocutário e “nós” (“eu” e “tu”) “podemos seguir o exemplo dos primeiros cristãos”, e nossos irmãos “podem nos ajudar”.

### 3.3.7 Sermão 7 (Quaresma)

Este sermão foi escrito para a Quaresma<sup>295</sup>. O texto bíblico que serve de

---

<sup>295</sup> A Quaresma é o período de quarenta dias que se inicia na quarta-feira de cinzas e vai até a Páscoa. Originalmente, era o período de preparação para o Batismo, feito na Igreja antiga só por ocasião da Páscoa. A Quaresma, período de penitência e preparação, faz parte do ciclo da Páscoa. No período da Quaresma, estão contidos 5 domingos, seguidos pela Semana Santa. (ZIMMER; SCHOROEDER; ZEMKE, 1988, p. 47)

base é de Lucas 4.1-13<sup>296</sup>. E o tema proposto é “unidos pelo amor no caminho da cruz”.

### 3.3.7.1 Apontamentos sobre o Sermão

Inicia-se o sermão com um relato muito comum no dia-a-dia das famílias – as mudanças de uma cidade para outra. Esse relato serve de ilustração para o sermão, percorrendo quase todo o texto. Mas somente a partir do §9, metade do sermão, que o texto bíblico base passa a ser trabalhado e pode-se sentir o cheiro do tema.

O questionamento feito no §5 é bem oportuno. Estabelece-se a relação do relato com a realidade da vida dos ouvintes. Diz assim: “você já reparou como esta história é bem parecida com a nossa vida em geral...” (§5). Esse modo de expressar-se é típico da linguagem simples.

Uma preocupação que pode ser levantada é se o relato da menina perdida tem relação com o “estar perdido” em função das tentações. A tentativa de explorar o relato para chegar ao texto do Evangelho de Lucas e tratar da tentação de Jesus é um caminho longo a ser percorrido.

Talvez, o tema poderia ser: “o que fazer quando se sentir perdido?” Mesmo assim, neste caso, é preciso se lembrar de um conselho do Padre Vieira – levantar uma só caça e segui-la.

Como o objetivo destes sermões é servir de auxílio para cultos de leitura, dirigidos por leigos, quando há falta de pastores, quem sabe não seria mais adequado permanecer no texto bíblico base, procurando explorá-lo.

---

<sup>296</sup> A perícopé da narrativa da tentação de Jesus é composta de três partes: Jesus cheio do Espírito, após seu batismo, é levado para o deserto; é tentado pelo diabo; e deixado pelo Diabo. O impasse ou a tensão, que se revela no diálogo entre Jesus e o Diabo, é o aspecto mais relevante desta perícopé. Eis o texto: *Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do rio Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto. Ali ele foi tentado pelo Diabo durante quarenta dias. Nesse tempo todo ele não comeu nada e depois sentiu fome. Então o Diabo lhe disse: – “Se você é Filho de Deus, mande que esta pedra vire pão.” Jesus respondeu: – “As Escrituras Sagradas afirmam que o ser humano não vive só de pão.”* Aí o Diabo levou Jesus para o alto, mostrou-lhe num instante todos os reinos do mundo e disse: – “Eu lhe darei todo este poder e toda esta riqueza, pois tudo isto me foi dado, e posso dar a quem eu quiser. Isto tudo será seu se você se ajoelhar diante de mim e me adorar.” Jesus respondeu: – “As Escrituras Sagradas afirmam: Adore o Senhor, seu Deus, e sirva somente a ele.” Depois o Diabo o levou a Jerusalém e o colocou na parte mais alta do Templo e disse: – “Se você é o Filho de Deus, jogue-se daqui, pois as Escrituras Sagradas afirmam: Deus mandará que os seus anjos cuidem de você. Eles vão segurá-lo com as suas mãos, para que nem mesmo os seus pés sejam feridos nas pedras.” Então Jesus respondeu: – “As Escrituras Sagradas afirmam: Não ponha à prova o Senhor, seu Deus.” Quando o Diabo acabou de tentar Jesus de todas as maneiras, foi embora por algum tempo. (Lucas 4.1-13)

Cabe salientar, ainda, que procurou-se amarrar a história da introdução com o assunto das tentações nos últimos parágrafos. Trata-se de um elemento importante a ser observado ao se ter como foco o ouvinte. Os assuntos precisam ter uma certa unidade.

Neste sermão, outros textos bíblicos são trazidos. Faz-se alusão aos seguintes: 2 Timóteo 3.16; Deuteronômio 26.8-9; João 14.6; 1 João 1.7; Romanos 10.11 e 10.9; Salmo 119.105; e Filipenses 4.7. A única observação a ser feita quanto a isso é o cuidado com a linguagem. Pois, também aqui não há uma padronização das citações. Ora a citação é da NTLH – “Quem crer nele não ficará desiludido” (§12) –, ora é da ARA – “Ela é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (§10). Ainda, sobre a linguagem, observam-se modos de expressão que poderia ser escritos de outra maneira, por exemplo: “deparamo-nos” (§6) poderia ser “nós nos deparamos”, que é um modo mais simples.

“Jesus carregou as nossas iniquidades” (§11). Iniquidade é uma palavra bastante utilizada, mas será que aqueles que falam, aqueles que lêem e aqueles que ouvem conhecem o seu real sentido. Não só esta palavra, porém tantas outras (pecado, mundo, carne, justificação, santificação, redenção, ressurreição, imputar, deplorar, natureza humana, etc.) que os pastores estão acostumados a repetir e repetir nos estudos, nos cultos, na prédica. Esse repertório é de fato comum? Isso daria uma boa pesquisa de campo, que buscasse saber o que as pessoas entendem sobre um determinado número de palavras. Mas o pastor pode observar nas visitas e nas conversas qual é o vocabulário de sua comunidade. Certamente, pode ter níveis diferentes, porém optará pelo mais simples. Pois, com este, atingirá a todos.

### **3.3.7.2 Locutor: *Eu x Tu e Certeza x Possibilidade***

O assunto desse sermão é: estar perdido e onde ou como encontrar o caminho. Há um relato de uma menina perdida numa nova cidade que encontra sua casa porque tinha como referência a bela cruz que tinha a Igreja perto da sua casa. Esse relato figura em todo o texto e serve de comparação em relação à vida do locutor e do alocutário.

**Você já reparou** como esta história é bem parecida com a nossa vida em geral e especialmente quanto a nossa fé? Veja bem, **é comum em**

**nossa vida estarmos perdidos** em meio a nossas aflições e afazeres diários. Às vezes também estamos perdidos em nossa vida pessoal, familiar e profissional. E precisamos uma parada para avaliar, reavaliar e recomeçar a vida. (§5)

O locutor chama a atenção dos alocutários de que a sua situação não é muito diferente. Antes o relato estava sendo feito em terceira pessoa e no passado. Agora a enunciação se configura de forma diferente. Um “tu” é postulado e colocado em igualdade com o “eu”. A marca é o uso constante da primeira pessoa plural. Significativo, neste ponto do sermão, é o fato de que os parceiros do diálogo estão na mesma situação: “*é comum em nossa vida estarmos perdidos*”.

Em relação a nossa vida de fé é a mesma coisa. Muitas vezes nos apegamos a tantas coisas que já não sabemos ao certo o que é o mais importante. Deparamo-nos com **tantos caminhos que ficamos confusos** ou até mesmo **nos distraímos** com as vitrines de falsos ensinamentos, perdendo-nos pelo caminho. Ou ainda procuramos seguir mais de um caminho ao mesmo tempo, como se isto fosse possível. **Não é.** (§6)

Na enunciação o locutor procura fazer do alocutário um participante do diálogo. O assunto geral – estar perdido – continua. Às vezes, ficam confusos e se distraem ou procuram seguir mais de um caminho. No entanto, há um sinal de certeza na atitude do locutor, pois no final desse trecho figura um “*não é*”. O “eu” quer uma confirmação do “tu”. Este precisa assentir, mas não discordar do discurso. Caso pudesse discordar a expressão poderia ser “*é ou não é*”.

**Precisamos** acima de tudo uma referência que nos possibilite **vencer as tentações e chegar à** certeza da **vida eterna**, nosso único consolo nas adversidades. (§8)

Ambos os parceiros transitam no mesmo campo – estar perdido<sup>297</sup>. Os protagonistas do sermão precisam de referência para vencer as tentações e chegar à vida eterna.

**Estamos** entrando na **Quaresma**. Um tempo de parar para reordenar nossa vida em todos os sentidos. Também e principalmente a nossa vida de fé, **cercada de tentações**. Jesus no evangelho nos dá uma pista de como vencê-las. (§9)

O locutor também localiza o seu discurso no tempo que é o da Quaresma. Há uma concomitância de tempos: o tempo litúrgico, isto é, o tempo específico em

---

<sup>297</sup> Não usamos o substantivo *perdição* porque é completamente diferente de *estar perdido*. E a *perdição* não é o sentido do texto.

que e encontra toda a Igreja, e o tempo do discurso ou da enunciação. A Quaresma é esse tempo de *estar perdido*, em busca de caminho, vencendo as tentações. “**Só encontramos** o lar celeste **quando** trilhamos o caminho da cruz. Jesus sabia disso” (§11).

Chega-se, então, a um condicional: “*Só... quando*”. Essa condição está, ainda, no âmbito dos parceiros. Tanto o locutor quanto o alocutário se encontram na mesma condição: “*encontramos*” e “*trilhamos*”.

Só se chega ao céu passando pela cruz, a cruz de Cristo. E as Escrituras Sagradas afirmam categoricamente: “Quem crer nele não ficará desiludido.” (Romanos 10.11) Porque Jesus venceu até a cruz em nosso lugar. (§12)

Esse trecho marca um momento de transição. No trecho anterior, o condicional era para ambos, para o “eu” e para o “tu”. Agora se apresenta o condicional não mais na primeira pessoa, mas na terceira pessoa, isto é, de um discurso de não pessoa para introduzir uma mudança de atitude do locutor em seu discurso. Os trechos abaixo explicitam isso:

**Você** está se sentindo perdido em **sua** vida diária e de fé? (§13)

**Pare! Ouça** nesta Quaresma as Escrituras falarem a respeito do acesso ao Pai que Jesus Cristo abriu **para você** através do caminho da Cruz. A Bíblia e as leituras da Quaresma lhe chamam para olhar para o alto buscando a cruz. Assim como a menina, que pela cruz encontrou a segurança do seu lar, também **você se sentirá** seguro nos braços do Pai Celeste. Na Palavra **você encontrará** Jesus vencendo as tentações, diabo, pecado e morte, em seu lugar. Ela será lâmpada para os teus pés e luz para os teus caminhos (Salmo 119.105). (§14)

O discurso assume um caráter diretivo. Os parceiros assumem papéis distintos na enunciação. O “eu” é protagonista da enunciação, do discurso. O “tu” não é protagonista agora. Precisa ouvir, precisa se dar conta. Além dos imperativos que assumem um aspecto de ordem, convite ou exortação, há o futuro que também assume esse sentido de imperativo.

As características igualitárias já não figuram mais. O “eu” chama o “tu” imperativamente para ouvir. Para ficar alerta e ouvir. A parceria assumiu um caráter diferenciado daquilo que vinha acontecendo durante o sermão.

Ela foi auxiliada por alguém capaz de a encaminhar ao caminho da cruz. Saiba que **você e sua família são exatamente a seta** que indica o caminho da cruz de Jesus para muitos hoje em dia. (§15)

Depois de um discurso de parceria, pode-se dizer, entre locutor e alocutário,

a alocução toma um novo rumo. Os protagonistas estão em funções distintas. O locutor assumiu o papel da enunciação e o alocutário passa a assumir o papel da ação no dia-a-dia. “Você” (alocutário) é a “seta” que indica o caminho da cruz para muitos. O tempo do trecho está no presente, indicando a iminência da ação.

Neste sermão há oscilação quanto ao uso do verbo no tempo passado e presente. No entanto, em sua maioria, os verbos estão conjugados no modo indicativo. Este modo indica certeza. Os verbos no presente do indicativo figuram em torno de 30 vezes.

Ela é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça – diz Paulo a Timóteo (2 Timóteo 3.16). Ela nos **mostra** Jesus vencendo o próprio Mal. Porque nela Deus **revela** seu plano, caminho e cuidado com o seu povo. (§10)

Outros elementos que mostram ser um sermão marcado pela assertividade são: “precisamos” (§5, §7, §8), “só” (§11, §12), “categoricamente” (§12), único (§8, §11), etc.

Outro aspecto bastante recorrente neste sermão é o futuro. Tempo que pode substituir o imperativo, pois o cumprimento de tal ordem é uma possibilidade. Esse cumprimento e a ocorrência estão entregues ao tempo. O seu valor deriva do alcance temporal. Da mesma forma, seu valor de verdade não pode expressar uma realidade factual. Por isso, o discurso religioso está constantemente marcado pelo presente.

Assim como a menina, que pela cruz encontrou a segurança do seu lar, também **você se sentirá** seguro nos braços do Pai Celeste. Na Palavra **você encontrará** Jesus vencendo as tentações, diabo, pecado e morte, em seu lugar. (§14)

Acontece, por vezes, no final dos sermões o uso do futuro, isso ocorre para indicar uma ação que “deverá” ser feita ou realizada pelos alocutários, substituindo o imperativo.

Contudo, aparece também o discurso da possibilidade. Observa-se isso em: “**podemos** dizer que este estar perdido no dia-a-dia e na fé são as tentações que enfrentamos constantemente. Elas **podem** até nos desviar da fé e do caminho da salvação” (§7). Mas é somente neste parágrafo que o verbo auxiliar “poder” é utilizado.

### 3.3.8 Sermão 8 (6º Domingo após Pentecostes)

Este sermão foi escrito para o período de Pentecostes<sup>298</sup>. O texto-base é de Lucas 9.51-62<sup>299</sup>. Tem como tema “seguir a Jesus – o desafio do discípulo”.

#### 3.3.8.1 Apontamentos sobre o Sermão

Nos primeiros parágrafos, busca-se com uma ilustração traçar diferenças entre o amor e a obrigação. Então, resgata-se o texto do Evangelho do dia, explicando-o em partes. Entretanto, somente a segunda parte da perícopes é trabalhada no sermão. Apenas os três breves diálogos de Jesus com os seus seguidores são abordados.

O §1 é uma saudação que está entre aspas. Este breve período busca captar a benevolência ou a atenção do ouvinte. Às vezes, utiliza-se para dizer em nome de quem se está falando. Entretanto, como está em destaque (“...”), pode ser uma citação. Se é de alguém, seria bom colocar o seu autor.

Algo que chama a atenção no início é o seguinte trecho:

Seguir a Jesus em amor é o desafio do discípulo fiel. **Esta é a exigência, porém não a obrigação.** Pois o amor e a obrigação não podem se encontrar, não andam juntos, se auto-excluem. (§2)

Logo depois, figura uma ilustração para mostrar a diferença. Mas, daí, a

---

<sup>298</sup> O período Pentecostes inicia no sétimo domingo depois da Páscoa ou quinquagésimo dia após a Páscoa, no qual se comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Este é o ciclo ou tempo da Igreja. Pentecostes é a festa do Espírito Santo. (ZIMMER; SCHOROEDER; ZEMKE, 1988, p. 48)

<sup>299</sup> Nesta perícopes, Jesus está a caminho de Jerusalém. Há aspectos iniciais que contextualizam a situação nos primeiros versículos. No entanto, há mais de um momento de impasse. O primeiro é o fato de Jesus não ser recebido num povoado de Samaria e a repreensão a Tiago e João. Depois três impasses em três breves diálogos com homens que seguiam a Jesus. E a perícopes termina sem dar detalhes sobre esses personagens. Um novo parágrafo começa dizendo somente: “depois disso...” Eis o texto deste sermão: *Como estava chegando o tempo de Jesus ir para o céu, ele resolveu ir para Jerusalém. Então mandou que alguns mensageiros fossem na frente. No caminho eles entraram em um povoado da região de Samaria a fim de prepararem um lugar pra ele. Mas os moradores dali não quiseram receber Jesus porque viram que ele estava indo para Jerusalém. Quando seus discípulos Tiago e João viram isso, disseram: – “O senhor quer que a gente mande descer fogo do céu para acabar com estas pessoas?” Porém Jesus, virando-se para eles, os repreendeu. Então ele e os seus discípulos foram para outro povoado. Quando Jesus e os discípulos iam pelo caminho, um homem disse a Jesus: – “Eu estou pronto a seguir o senhor para qualquer lugar onde o senhor for.” Então Jesus disse: – “As raposas tem as suas covas, e os pássaros, os seus ninhos. Mas o Filho do Homem não tem onde descansar.” Aí ele disse para outro homem: – “Venha comigo.” Mas ele respondeu: – “Senhor, primeiro deixe que eu volte e sepulte o meu pai.” Jesus disse: – “Deixe que os mortos sepultem os seus mortos. Mas você vá e anuncie o Reino de Deus.” Outro homem disse: – “Eu seguirei o senhor, mas primeiro deixe que eu vá me despedir da minha família.” Jesus respondeu: – “Quem começa a arar a terra e olha pra trás não serve para o Reino de Deus.” (Lucas 9.51-62)*

diferença é entre o “amor” e a “obrigação”. Entende-se, assim, o amor como sinônimo de exigência. Entretanto, a distinção entre exigência e obrigação parece ser muito tênue. A palavra exigência aparece aqui no início e somente volta a aparecer no final. Talvez, fosse melhor manter a oposição entre o amor e a obrigação durante todo o texto. Ou, quem sabe, fosse trabalhada com mais cuidado a distinção entre exigência e obrigação.

Na ilustração do final do §2, o marido diz: “Por nada. Não fiz mais do que minha obrigação!” E se fosse da seguinte forma: “Não fiz mais do que me é exigido!” Em termos gramaticais e semânticos, existem diferenças. Todavia, o sermão é lido ou falado de modo rápido no culto para que se possam perceber essas diferenças.

O dicionário Aurélio, de Língua Portuguesa, traz os verbetes exigência e obrigação do seguinte modo: *Exigência* – ato de exigir, pedido urgente ou impertinente, e o verbo *exigir* tem as seguintes acepções – reclamar em função de direito legítimo ou suposto, ordenar, intimar, prescrever, determinar. *Obrigação* – imposição, preceito; dever, encargo, compromisso; benefício, favor; ofício, emprego, profissão; tarefa, serviço, mister; escritura pela qual alguém se obriga a pagamento de uma dívida, ao cumprimento de um contrato, etc.; e o verbo *obrigar* tem as seguintes acepções – pôr na obrigação, no dever, colocar como imposição; mover, impelir, incitar; forçar, constranger, compelir; sujeitar, expor, oferecer, etc.

Quem sabe, este não seria um caso em que o pastor poderia telefonar para alguém da comunidade e perguntar se sabe diferenciar determinados termos, ou, numa visita, conversar sobre o assunto e no sermão esmiuçar as dúvidas em todos os detalhes.

Há um jogo de palavras que se fez no §3. “Amor e obrigação são como luz e trevas. Onde um está o outro necessariamente desaparece”. Deste parágrafo para o seguinte, seria apropriado algum elemento de transição, do tipo: “Em função da diferença entre o amor e a obrigação, vamos observar o que aconteceu com Jesus e seus seguidores”. Daí, sim, “no evangelho de hoje...” (§4).

De acordo com a disposição do texto, a frase final do §4 deveria estar no início do §5. Pois, a repetição “seguir a Jesus requer...” ocorre no início do §7 e do §12, como se fossem, provavelmente, divisões do sermão. Quando se está

falando, não tem problema, mas a organização do texto é importante.

Neste sermão, a intertextualidade ocorre, expressamente, de dois modos. Citam-se dois textos bíblicos (Romanos 5.5 e Galatas 5.17), mas utilizou-se a NTLH e não a ARA, como ocorreu com os sermões anteriores. Também o *Livro de Concórdia* é citado para conceituação de Igreja (§10) e o livro *O preço do discipulado*, mas deste se tira apenas uma frase para dizer o que é graça barata. Poderia ser um pouco mais abrangente o comentário sobre este livro.

Novamente, como em outros sermões, pregação da palavra e administração dos sacramentos (§10) figuram neste texto. Por que acontece esta constante repetição?

Por fim, a ilustração do casamento, trazida no começo do sermão, não foi retomada. Apenas retoma-se a idéia da exigência no final, dizendo que “a exigência não se cumpre pela obrigação, mas em amor” (§13). E se repete, em forma de bênção, a saudação inicial.

### **3.3.8.2 Locutor: Eu x Tu e Certeza x Possibilidade**

Neste sermão, o locutor ora assume o discurso através da primeira pessoa do singular (“eu”), ora pela primeira pessoa do plural (“nós”) e ora fala diretamente ao seu alocutário, através da segunda pessoa do singular.

O “eu” do locutor está presente no início do sermão.

**Se me pedissem** para descrever Deus em uma palavra, **diria**: Amor. Deus é amor! E esse amor tem um preço: O filho de Deus na cruz. [...] Para ajudar na compreensão **reflita comigo**: (§2)

O locutor deseja que o alocutário o acompanhe no seu raciocínio. Não há nada de distinto entre o “eu” e o “tu”. Apenas é um modo chamar a atenção para que o que está dizendo agora precisa ser acompanhado.

Ao tratar do sofrimento, o locutor convida o alocutário a cultivar a esperança e o faz isso pela primeira pessoa do plural, dizendo:

Aliás, o próprio Cristo conheceu de perto a dor, o sofrimento e a própria morte, para que, mesmo cercados de perigos e tribulações, **cultivemos** a esperança. “Essa esperança **não nos deixa** decepcionados, pois Deus derramou o seu amor em nosso coração, por meio do Espírito Santo que ele **nos deu**.” (Romanos 5.5) (§5)

Em outro momento, o “nós” é utilizado para chamar a atenção, mas para um aspecto negativo da vida da Igreja:

Aparentemente isso **não nos diz** respeito. Afinal de contas, **nós fazemos** parte da Igreja, não é mesmo? Porém, **nem sempre temos** clareza sobre o que é a Igreja. Não faltam imagens distorcidas. Por exemplo: A Igreja é uma reunião de sócios. Ou: Quanto menos membros incômodos a Igreja tiver, melhor. Então a solução é limpar o fichário. Ou ainda: pensam que a finalidade maior da Igreja é prestar serviços aos seus “associados”. (§8)

Nesse aspecto, estão o locutor e alocutário nas mesmas condições. Entretanto, quando o desafio é lançado, já não é utilizado o “nós” e sim o “tu”. O locutor fala diretamente ao alocutário.

Já houve quem disse que os filósofos, no passado, se limitaram a explicar o mundo, quando deviam tê-lo transformado. Isso se aplica em parte à Igreja: **Explicamos** a perdição do mundo, acusando o seu pecado; mas o que **fazemos** para que o mundo conheça o seu Salvador, Jesus? **Ouça** o convite. **Aceite** o desafio: “**Você vá e pregue** o Reino de Deus.” (§10)

O discurso deixa de ser em primeira pessoa do plural (“nós explicamos, mas o que fazemos”) para ser através da segunda do singular, assumindo a forma imperativa: você “ouça”, “aceite”, “vá” e “pregue”. Logo depois, novamente se instaura o discurso com o “nós”. “Deus não faz exigências. Não maiores do que **conseguimos** suportar” (§12).

A assertividade é predominante neste sermão. São mais de 50 verbos conjugados no presente do indicativo. O que indica um sermão construído no campo da certeza. Além disso, o locutor recorre a expressões como: “necessariamente” (§3), “certas” (§8), “deve” (§11 e §12), “precisamos” (§12), etc.

No evangelho de hoje, Lucas **registra** a disposição de alguns em seguir a Cristo e o convite de Jesus: **Segue-me! Venha comigo! E contrasta** o amor e obrigação. “Venha comigo!” “Segue-me”, **diz** Jesus. Mas por amor, não por obrigação. E este amor **é** sacrifício, **é** doação, **é** incondicional, **é** resultado da fé. Seguir a Jesus requer sacrifício! (§4)

Todavia, a imagem bíblica da Igreja **é** bem outra. “A Igreja **é** uma sociedade de fé e do Espírito Santo nos corações” (*Livro de Concórdia*). A Igreja **é** reconhecida porque **prega** a palavra e **administra** os sacramentos. A Igreja **são** os filhos de Deus, que **manifestam** o amor no cumprimento dos mandamentos. A Igreja **é** testemunha do amor perdoador de Deus em Cristo. A Igreja **existe** mais em função do mundo do que de si mesma. (§10)

O verbo ser no indicativo presente singular (“é”) reforça o aspecto assertivo do texto. Não só nestes trechos, mas em outros a escolha do locutor recai sobre verbo ser tanto no singular quanto no plural. Observa-se também o uso dos outros verbos no presente do indicativo. O locutor argumenta basicamente nesse estilo

em todo o sermão.

Neste sermão, o locutor recorre também ao imperativo. E o discurso da possibilidade, de modo expresso, não figura neste sermão. Apenas o condicional “se me pedissem” (§2), e também uma frase que expressa certa incerteza do locutor: “nem sempre temos certeza sobre o que é Igreja” (§9). Mas esta oração está inserida em um parágrafo marcadamente assertivo.

### **3.3.9 Sermão 9 (Pentecostes III)**

Este sermão foi escrito para o período de Pentecostes<sup>300</sup>. O texto-base é de Lucas 11.1-13<sup>301</sup>. Tem como tema “o privilégio de poder falar com o Pai Celeste por meio da oração.”

#### **3.3.9.1 Apontamentos sobre o Sermão**

Este sermão é relativamente curto. O pastor introduz seu discurso falando em estar conectado que quer dizer “estar ligado na internet” (§1). Depois associa isso à união com Deus que os cristãos têm através de Cristo. Faz isso explorando o texto de Colossenses.

Em seguida, o texto do Evangelho é explicado (§3). Após isso, o ouvinte é intimado ou convidado “a criar o hábito de orar” (§4). Por fim, apresenta-se uma breve ilustração de um diálogo entre um atleta e seu pastor. E a conclusão é um

---

<sup>300</sup> Ver nota explicativa 308 sobre o período.

<sup>301</sup> Esta perícopé apresenta um diálogo. Há um pedido de ensino e uma breve exposição sobre a oração. A exposição de Jesus traz uma oração, uma ilustração, uma aplicação da ilustração e o fecho com a mensagem consoladora de que dará o Espírito Santo aos que pedirem. Eis o texto: *Um dia Jesus estava orando num certo lugar. Quando acabou de orar, um de seus discípulos pediu: – “Senhor, nos ensine a orar, com João ensinou os discípulo dele”. Jesus respondeu: – “Quando você orarem, digam: ‘Pai, que todos reconheçam que o teu nome é santo. Venha o teu Reino. Dá-nos cada dia o alimento que precisamos. Perdoa os nossos pecados, pois nós também perdoamos todos os que nos ofendem. E não nos deixes que sejamos tentados’.” Então Jesus disse aos seus discípulos: – “Imaginem que um de vocês vá a casa de um amigo, à meia-noite, e lhe diga: ‘Amigo, me empreste três pães. É que um amigo meu acaba de chegar de viagem, e eu não tenho nada para lhe oferecer.’ – “E imaginem que o amigo responda lá de dentro: ‘Não me amole! A porta já está trancada, e eu e os meus filhos estamos deitados. Não posso me levantar para lhe dar os pães.’” Jesus disse: – “Eu afirmo a vocês que pode ser que ele não se levante porque é amigo dele, mas certamente se levantará por causa da insistência dele e lhe dará tudo o que ele precisar. Por isso eu digo: peçam e vocês receberão; procurem e vocês acharão; batam, e a porta será aberta para vocês. Porque todos aqueles que pedem recebem; aqueles que procuram acham; e a porta será aberta para quem bate. Por acaso algum de vocês será capaz de dar uma cobra ao seu filho, quando ele pede um peixe? Ou, se o filho pedir um ovo, vai lhe dar um escorpião? Vocês, mesmo sendo maus, sabem dar coisas boas aos seus filhos. Quanto mais o Pai, que está no céu, dará o Espírito Santo aos que lhe pedirem!” (Lucas 11.1-13)*

convite direto: “Que tal você fazer o pedido dos discípulos a Jesus em sua primeira oração no dia de hoje: ‘Senhor! Ensina-nos o hábito de orar?’”(§6)

Primeiramente, destaca-se a tentativa de explorar o tema da relação entre Deus e as pessoas através do meio de conexão que a internet proporciona. É válida a iniciativa de inovar os modos de expressar o conteúdo da Palavra de Deus. No entanto, esse livro de sermões – “Portas Abertas” – busca atingir todos os contextos brasileiros e, nesse sentido, seu conteúdo também precisa levar isso em consideração. A partir disso, é necessário pensar se a maioria das pessoas sabe o que é Internet<sup>302</sup>. Também se elas sabem o que é uma “sala de bate-papo”. Dependendo do contexto, é provável que esta ilustração não seja apropriada.

Desse modo, é importante lembrar que estes sermões estão destituídos de seu contexto original e aquele que, possivelmente, vier a utilizá-los precisa estar ciente disso.

A passagem da conexão da internet para a conexão com Deus (§2 e §3) é muito breve. Necessitaria de comentários adicionais, assegurando a amarração entre os assuntos. Também, na parte conclusiva, precisaria fazer referência à internet. Fala-se somente do hábito de orar.

Ocorre uma citação de Lutero sobre a explicação do Pai-Nosso. Nas comunidades tradicionais da IELB, a grande maioria das pessoas decorou as partes do Catecismo Menor. E, já que se está falando do orar e do Pai-Nosso, por que não repetir uma porção maior da explicação para aguçar a memória dos ouvintes.

Enfim, a ilustração do jovem com o seu pastor (§5) poderia ser uma forma de expor o conteúdo do sermão com mais precisão. Mas ela é tratada muito rapidamente. E, logo a seguir, o sermão termina com uma exortação ou convite.

### **3.3.9.2 Locutor: *Eu x Tu e Certeza x Possibilidade***

O locutor trata de três formas diferentes seu alocutário. Primeiramente, como “caro irmão” (§1) e segue o texto em terceira pessoa do singular; segundo, como “caro amigo” (§4) e, ao contrário do primeiro, segue o texto em segunda pessoa

---

<sup>302</sup> Perguntei para minha avó se ela sabia o que era internet e ela me respondeu: “Sei que falam em internet, mas não sei o que é. Sei que tem no computador.”

do singular (“você”); e, terceiro, trata apenas como “você”.

(§1) **Caro irmão:** Hoje se ouve muito falar estar conectado na internet. Estar conectado significa estar ligado na internet e poder usar os recursos que a internet oferece às pessoas.

**Caro amigo!** O que **você** está esperando para criar o hábito de orar? Deus, o nosso Pai celestial, está à espera de seu contato. (§4)

Por que, no segundo caso, quando acontece o questionamento, não é o mesmo tratamento? Talvez, porque neste parágrafo o locutor dirige-se diretamente utilizando a segunda pessoa e, além disso, entrará em cena um discurso imperativo. São tratamentos distintos. De fato, o imperativo é o ponto forte do §4.

Ele está à espera de seus pedidos. Ele está pronto para ouvi-lo e se alegra muito, quando você se lembra de agradecer as bênçãos recebidas diariamente. Se você ainda não tem o hábito de orar, **comece** hoje. Isto será uma grande bênção para a sua vida. **Apresente** a ele suas dificuldades. **Peça ajuda** a Deus para seus problemas, **ore** pelos familiares e amigos. **Não esqueça** de orar pela sua congregação, seu pastor e demais líderes. **Ore** pelo seu país e todas as autoridades. **Ore**, inclusive pelos seus inimigos, como Jesus o fez. **Seja** persistente como Abraão ao orar por Sodoma. Deus Pai, que é muito generoso, irá derramar muitas bênçãos sobre sua vida e cada vez mais você sentirá prazer em falar com seu Pai celestial. (§4)

Ao alocutário, cabe o fazer. O imperativo destina-se só ao alocutário. É significativo, por outro lado, o uso do futuro como promessa de bênçãos aos que pedirem ou orarem.

É necessário fazer o registro de que, neste sermão, utiliza-se a primeira pessoa do plural (“nós”) somente uma vez. “**Nascemos** espiritualmente mortos, isto é, desconectados de Deus. Agora unidos com Deus através do perdão de Cristo pode-se servir ao nosso Pai celestial” (§2).

Este sermão se constrói fortemente pelo presente do indicativo. Mesmo sendo um sermão breve, os verbos no presente giram em torno de 35 usos.

É um momento de comunhão de Jesus com o Pai e o Espírito Santo. A palavra do Pai **mostra** também o seu amor pelos seres humanos, porque ele **está** satisfeito com a obra que o Filho veio realizar no mundo. Já no evangelho de hoje, Jesus **ensina** aos discípulos invocar a Deus como Pai. A comunhão que Jesus **tem** com o Pai também pode ter aquele que crer em Jesus como Salvador enviado por Deus. Isto é um incentivo para todos os filhos de Deus também seguirem o exemplo do próprio Cristo e falar com ele através da oração. Afinal, os discípulos pediram para ensinar-lhes o hábito de orar. Os seres humanos por causa do pecado **procuram** colocar Deus a uma grande distância de suas vidas. Jesus **ensina** aos discípulos a pensarem em Deus como sendo

também Pai deles. Um pai terreno **é** bondoso, segundo Jesus. Muito mais **é** o Pai celestial. Lutero percebeu muito bem este pensamento de Jesus, quando na explicação do Pai-Nosso **diz**: “Deus quer atrair-nos carinhosamente.” (§3)

As citações dos eventos da narrativa bíblica, que é passada, são feitas no presente. Isso, além de dar força ao texto, reforça o aspecto da assertividade, reforça o discurso da certeza.

Entretanto, neste sermão, mesmo sendo breve, há incidência significativa do discurso não assertivo, isto é, do discurso da possibilidade, especialmente no uso do verbo auxiliar “pode”. Observa-se, seu uso nos seguintes casos: “estar ligado na internet e **poder** usar os recursos” (§1);

Agora unidos com Deus através do perdão de Cristo **pode-se** servir ao nosso Pai celestial. O filho de Deus **pode** realmente amar ao seu próximo sem ter interesses próprios, porque está ligado a Deus através da fé em Cristo. Estar ligado ao nosso Pai celestial proporciona ao filho de Deus o privilégio de **poder falar** com ele através da oração. A oração é “sala de bate-papo” com Deus (§2);

A comunhão que Jesus tem com o Pai também **pode ter** aquele que crer em Jesus como Salvador enviado por Deus. [...] Aqui, **pode-se** afirmar que Jesus ensina que Deus é um pai está à espera dos pedidos de seus filhos (§3).

Estas são partes do sermão que tratam da relação de Deus com as pessoas e da relação do Filho de Deus com as pessoas. Todavia, nestes parágrafos, não deveria vigorar o discurso da certeza?

### 3.3.10 Sermão 10 (23º Domingo após Pentecostes)

Este sermão foi escrito para o período de Pentecostes<sup>303</sup>. O texto-base é de Lucas 18.9-14<sup>304</sup>. O tema proposto é “como nos posicionamos diante de Deus?”

#### 3.3.10.1 Apontamentos sobre o Sermão

No primeiro parágrafo, apresenta-se brevemente o assunto do Evangelho e

<sup>303</sup> Ver nota 308 sobre este período.

<sup>304</sup> Esta perícopé apresenta uma parábola de Jesus. Ele está discutindo com os fariseus e ensinando seus discípulos. E aqui mostra magnificamente quem é perdoado, quem vai para casa em paz com Deus. Eis o texto: *Jesus também contou esta parábola para os que achavam que eram muito bons e desprezavam os outros: – “Dois homens foram ao Templo para orar. Um era fariseu, e o outro, cobrador de impostos. O fariseu ficou de pé e orou sozinho, assim: ‘Ó Deus, eu te agradeço porque não sou avarento, nem desonesto, nem imoral como as outras pessoas. Agradeço-te também porque não sou com este cobrador de impostos. Jejuo duas vezes por semana e te dou a décima parte de tudo o que ganho’.*” – *“Mas o cobrador de impostos ficou de longe e nem levantava o rosto para o céu. Batia no peito e dizia: ‘Ó Deus, tem pena de mim, pois sou pecador!’”* (Lc 18.9-14)

se faz uma pergunta direta: “Como você, caro irmão, se posiciona diante de Deus?” (§1) Sem rodeios, vai-se diretamente ao texto.

Logo a seguir, explica-se a parábola, sua temática, seus personagens e as atitudes dos personagens diante de Deus. Traça-se um paralelo entre os dois exemplos da parábola e a “nossa postura diante de Deus” (§2). Conclui-se enfatizando o procedimento do cobrador de impostos e que este foi em paz com Deus para sua casa. Então, com um “se” (§9), elemento de condicionalidade, chama-se a atenção do ouvinte para que pense na sua situação.

O texto do sermão segue a seqüência da parábola. Procura-se sempre fazer a ponte entre os dois contextos (bíblico – contemporâneo). Talvez, este seja o sermão mais coerente com a proposta do livro. O texto é bem organizado. A seqüência é simples e os parágrafos são bem formados. As frases estão construídas de modo objetivo. E o vocabulário não é incomum.

Pode-se considerar este sermão um bom exemplo de unidade, em que se trata de uma só matéria. Todo o texto gira em torno da temática da parábola. No §2, contextualiza-se o episódio em que Jesus contrasta as duas diferentes atitudes. E os parágrafos seguintes (§3 e §4) tratam de cada personagem em separado. Logo em seguida, o §5 começa com a seguinte frase: “os dois exemplos são para refletirmos...” Assim, retoma-se o que tinha sido tratado anteriormente e é feita a ponte com os ouvintes contemporâneos.

Apenas mais um comentário. A palavra “publicano” (§2 e §4), que aparece algumas vezes no sermão e até se explica seu sentido, não é da NTLH, mas da ARA. Não haveria necessidade de explicá-la se se permanece com a tradução da NTLH. Cabe salientar, ainda, que esses cobradores de impostos eram pessoas nativas da comunidade local, isto é, faziam parte da mesma cultura religiosa. Zaqueu e Mateus são dois exemplos desta classe de pessoas.

### **3.3.10.2 Locutor: *Eu x Tu e Certeza x Possibilidade***

O locutor ora utiliza o “nós” e ora o “você”. Quando utiliza o “nós”, utiliza-o para, primeiramente, um discurso explicativo: “como **vemos** nesta parábola, é um defeito fácil de perceber nos outros, mas que dificilmente **percebemos em nós mesmos.**” (§1)

Por outro lado, ao utilizar o “você”, chama o alocutário à reflexão: “Como

**você**, caro irmão, se posiciona diante de Deus? Com quais intenções **você** ora ao Senhor?” (§1). O alocutário precisa refletir sobre suas intenções ao orar.

Em outro parágrafo, o “nós” coloca o locutor e o alocutário no mesmo patamar.

Os dois exemplos são para **refletirmos** sobre as **nossas atitudes** e posturas diante de Deus. Será que a auto-suficiência do fariseu, muitas vezes, não faz parte das **nossas atitudes**? Qual é o jeito de **nos dirigirmos** a Deus? Com quais intenções **nós oramos** a Deus? Pode até ser que em nada nos identifiquemos com a atitude do fariseu. Mas quando apenas **lamentamos** os problemas diante de Deus, **podemos** estar ignorando o exemplo de humildade do publicano. E aí **teremos** dificuldade de reconhecer **nossa dependência** de Deus, não **daremos** sinal de arrependimento e deixaremos de confiar na misericórdia de Deus. Um coração não arrependido não está preparado para falar com Deus. (§5)

Além disso, a condição de pecador também é elemento comum de “nós”: “cada um de **nós**, por natureza, **é um pecador** perdido e condenado, sem direito à salvação. Deus nos salva por amor. **Somos** justificados diante de Deus e salvos, **se confiarmos** em tudo o que Cristo fez por nós” (§6).

Cabe frisar o elemento de condicionalidade presente em dois momentos do texto. O primeiro, no parágrafo anterior, está na primeira pessoa do plural. O outro se dirige diretamente ao alocutário: “**Se** você, caro irmão, confia na misericórdia...” (§9). Mas não é distinção do fazer, como acontece em outros sermões. Estabelece, sim, uma condição de que se existe a confiança, se existe fé, o alocutário está em paz com Deus.

Em boa parte do texto, quando trata-se de relato, o locutor marca o discurso no passado, é o que acontece quando algo é narrado. Ao fazer referência ao que acontece com os personagens da parábola contada por Jesus, o locutor utiliza os verbos no passado. Isso ocorre, especialmente, nos parágrafos 2, 3 e 4.

No entanto, ao aplicar a mensagem, o locutor faz uso do presente do indicativo. Isso pode ser observado nos parágrafos 1, 5 e 6. Nestes predomina, na aplicação, o discurso da assertividade. Para exemplificar:

Cada um de nós, por natureza, **é** um pecador perdido e condenado, sem direito à salvação. Deus nos **salva** por amor. **Somos** justificados diante de Deus e salvos, se confiarmos em tudo o que Cristo fez por nós. **É somente** nele que **devemos** depositar nossa confiança. Como a nossa salvação **depende inteiramente** de Deus, ninguém **tem** direito de se gloriar diante de Deus, pois, ainda que façamos muitas boas obras, não **são** elas que nos salvam. A nossa salvação **está apenas** em Jesus Cristo, que morreu para nos salvar. (§6)

Salientam-se, ainda, outros elementos do discurso da certeza, tais como: “somente”, “devemos”, “inteiramente” e “apenas”. Elementos estes que reforçam esta característica da assertividade.

Figura, também, em um único momento, o discurso da possibilidade:

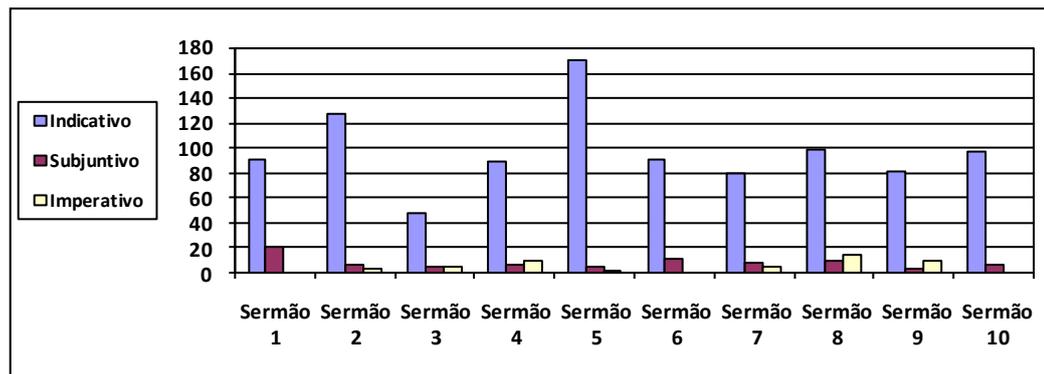
**Pode** até ser que em nada nos identifiquemos com a atitude do fariseu. Mas quando apenas lamentamos os problemas diante de Deus, **podemos** estar ignorando o exemplo de humildade do publicano. (§5)

Esse trecho vem logo após duas perguntas. Talvez, o locutor pensou ser conveniente assumir uma postura de possibilidade. Cabe frisar que nesse parágrafo o locutor marcou seu discurso pelo “nós”, incluindo-se também nesta incerteza.

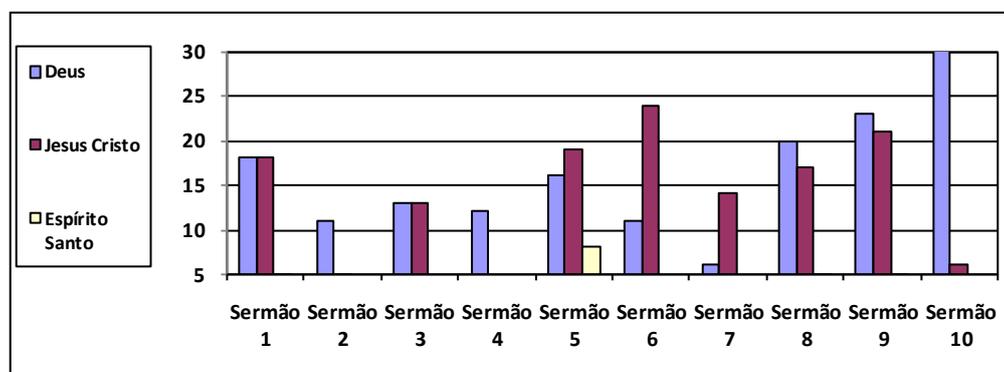
### 3.4 Conclusão

Muitas considerações podem ser feitas com base nos apontamentos deste capítulo. Brevemente, pode-se dizer que algumas coisas precisam ser observadas. Como por exemplo: buscar um padrão de citação das traduções bíblicas, privilegiar, quem sabe, apenas uma; observar até que ponto o tema é de fato o fio condutor do sermão; verificar se a ilustração contribui para a temática, mas com um papel subordinado; cuidar com as transições de um parágrafo para outro, buscando amarrar os assuntos; observar, no recurso da intertextualidade, se os textos trazidos para reforçar afirmações do sermão em seu contexto original têm ou não outro sentido daquele que se quer atribuir; cuidar com os pronomes para, também, manter uma linguagem padronizada; tentar deixar de lado a terminologia e as palavras rebuscadas; procurar construir parágrafos consistentes, etc.

Em termos lingüísticos ou gramaticais, observou-se que o modo indicativo é o dominante nos sermões. O subjuntivo aparece em todos, porém numa escala consideravelmente menor do que o indicativo. O imperativo, no entanto, em alguns nem aparece. Ao se observar as cartas pastorais de Paulo, ou mesmo os discursos de Jesus, observa-se um uso mais acentuado do modo imperativo. Não se pode confundir o imperativo no sentido teológico com o imperativo enquanto modo gramatical. Este expressa as diversas maneiras que um verbo assume para indicar atitudes da pessoa que fala. O gráfico abaixo mostra a proporcionalidade do uso desses modos verbais nos sermões analisados:



Algo que chamou bastante a atenção foi, em termos de proporcionalidade, uma freqüência maior da presença do termo “Deus”. Deus está mais presente nos sermões do que Jesus. Se é comum na linguagem do dia-a-dia a repetição, e esse elemento precisa ser incorporado na construção dos sermões, talvez fosse necessário repetir ou enfatizar com mais constância Jesus, ou os nomes ou os títulos a ele atribuídos. Jesus é o Deus que se fez carne, por conseguinte, ele deveria ser primordial. Quem sabe, esta seja uma dificuldade na preparação dos sermões, isto é, como fazer com que Jesus se torne carne no cotidiano das pessoas. Assim, elaborou-se um gráfico para observar essa proporcionalidade:



Nenhum dos sermões analisados tem textos do Antigo Testamento como base. Apenas dois deles estão baseados em Cartas de Paulo, o restante trata de textos dos Evangelhos. É claro que o importante é a temática tratada na perícopa, mas, mesmo assim, é um dado que precisa ser pensado. Será que é mais fácil pregar sobre Deus do que pregar sobre Jesus? O que dizer do Espírito Santo?

No decorrer das análises, trechos dos sermões foram extraídos onde as pessoas da Trindade apareciam e o que se atribuía a elas. Também se recortou

trechos em que se tratava das pessoas (“nós” e “você”) com suas caracterizações e suas funções, bem como trechos que tratavam de “outras” pessoas. Isso mostrou o modo como os pastores têm apresentado essas “pessoas”. Esses dados constam numa tabela em anexo.

Cada sermão é único e, por isso, possui um locutor único que se apropria da língua em determinado momento para elaborar seu texto. Essas condições são únicas e irrepetíveis. Cada sermão é a expressão de um locutor determinado, de uma personalidade. Quando outra pessoa profere um sermão destes, ele assume um “eu” que não é seu. Assume um repertório de palavras da língua que não foi ele quem buscou ou quem atualizou. Igualmente, cada um dos sermões possui características próprias. O arranjo das palavras é peculiar. Os modos de marcação do discurso são distintos. Existe um contexto tanto temporal, pessoal quanto espacial para a sua produção, e existe um alocutário específico que o locutor tem em mente ao escrever.

## CONCLUSÃO

Das hipóteses levantadas no início desta dissertação, uma pode ser confirmada. O problema que apresentou-se para esta pesquisa era a dúvida a respeito da “imagem” do locutor e a “imagem” que este faz do alocutário nos sermões publicados no livro “*Portas Abertas – mensagens para o culto*”. Ou seja, que lugar o locutor assume no sermão. Assume uma posição de certeza e constrói seu sermão neste campo ou assume a posição da possibilidade, marcando seu discurso pela não-assertividade.

A partir das análises feitas, observa-se que os sermões estão fortemente marcados pela assertividade. O modo indicativo se faz presente numa proporcionalidade muito maior do que os outros modos verbais. Isso é um dado característico da assertividade. Além disso, dos dez sermões analisados, em nenhum se sobressai a marcação pela possibilidade. Depreende-se disso que o locutor sabe do que está falando. Está certo de que o seu discurso é verdadeiro. No entanto, apesar dessa predominância, o locutor, em determinados momentos, muda de campo ou de posição, marcando o texto pela possibilidade.

Somente em dois sermões, 3 e 8, não há registro do discurso marcado pela possibilidade. Ela aparece em todos os outros. Os assuntos tratados pela possibilidade são variados. Como esse dado figura na maioria dos sermões, caberia um estudo detalhado para saber quais são os conteúdos em que o locutor deixa de lado a assertividade e passa para a não-assertividade. Esta característica pode se revelar muito significativa.

Para citar alguns casos, a possibilidade está presente na relação de Jesus com as pessoas, isso pode ser observado no sermão 9. Também nas coisas que

as pessoas podem ou não podem fazer ou que não fazem, nos sermões 6 e 10. Mas, igualmente, a possibilidade aparece quando o assunto é a ação de Deus em relação às pessoas, nos sermões 1 e 2. No sentido de que Deus pode fazer determinada coisa. Por exemplo: Deus pode perdoar, Deus pode renovar, etc.

Na relação entre locutor e alocutário, a *interrogação* tem um papel muito importante. Ela chama, convida o alocutário a pensar e acompanhar o pensamento que está sendo desenvolvido. Ela pode ser utilizada também para “atacar” diretamente seu interlocutor. Dos 10 sermões analisados, somente o sermão 4 não contém esse recurso. Outro recurso é a *intimação* que ocorre quando o locutor convida, apela, pede a reflexão ou mesmo ações do alocutário. Esse apelo é um elemento recorrente nos sermões, basicamente todos dispõem dessa característica.

A “imagem” do alocutário está intimamente atrelada a do locutor. Pode-se distingui-los, observando os papéis ou funções e as condições que o locutor atribui a si e as atribuições que faz ao alocutário. Nas análises, percebe-se que o discurso ora é marcado pela primeira pessoa do plural (“nós”), ora pela primeira pessoa do singular (“eu”), e ora pela segunda pessoa do singular (“tu” ou “você”). Quando o locutor usa o “nós”, ambos (locutor e alocutário) estão nas mesmas condições, por exemplo: “sofremos”, “nos angustiamos”, “somos tentados”, “o desânimo se abate sobre nós”, “somos pecadores”, etc. Contudo, ao marcar o sermão com o “eu” e o “você”, o locutor estabelece distinção. Nos sermões 4, 6, 7, 8 e 9, ao “você” recai a cobrança e a este cabem determinadas ações, isto é, o fazer cabe ao alocutário.

A “imagem” não é caracterização psicológica ou física da pessoa, mas um lugar assumido no discurso. A partir das análises, pode-se dizer que o locutor é “autoritário”. Se ele é “autoritário”, aos ouvintes cabe aceitar o discurso ou não. São raros os momentos em que ele se revela através do “eu”. Seu discurso é regido, em sua maioria, na terceira pessoa do singular, pelo verbo ser no presente do indicativo – “é”.

Para estar mais próximo do alocutário, o locutor poderia perguntar às vezes: “o que vocês acham?”; “será que podemos pensar isso sobre...?”; “não estou certo disso, mas acho que pode ser assim.” Por que não falar sobre os anseios, sobre as dúvidas corriqueiras? Por que não fazer as pontes também entre os

sentimentos de medo, apreensão, angústia dos personagens bíblicos com os sentimentos dos ouvintes?

O pastor, ao produzir um sermão, tem em mente pessoas que conhece e reflete um determinado momento histórico da sua própria vida, da vida da comunidade, e o momento histórico pelo qual passa a humanidade. Estas condições estão implícitas no trabalho reflexivo do pastor: quando ele medita na Escritura Sagrada e busca fazer a ponte entre a Palavra de Deus e a sua congregação; quando busca fazer o elo entre o mundo bíblico e o mundo moderno; quando procura dar respostas a um contexto contemporâneo que exige o seu posicionamento e o posicionamento de sua Igreja.

Exemplo disso foi a possibilidade de se observar nos sermões analisados a presença da temática do desemprego como um problema que assola a vida das pessoas.

A contextualização do sermão é muito importante, pois a pregação é a “comunicação da verdade aos homens mediante o homem.”<sup>305</sup> Por isso, ela requer a interpretação da vida hodierna a partir da luz que hoje vem de Deus. Assim, o sermão também precisa dar respostas às dúvidas do seu contexto. A ciência avança de maneira estrondosa e algumas de suas manipulações afetam a consciência das pessoas como um todo, mas, igualmente, afeta a consciência das ovelhas do pastor. Elas, em virtude disso, necessitam ouvir a voz dele. Não a voz de outro pastor, porém a voz que carrega uma personalidade, que é expressão da experiência e da compreensão pessoal. O pastor deve pregar o que é “seu” e não o que é alheio, como diz o Padre Vieira.

Conhecendo seus ouvintes, o pastor tem a oportunidade de conhecer o repertório de vocabulário comum dentro da comunidade e circunvizinhança. No entanto, esse repertório de palavras jamais conterà os mesmos significados, mas o convívio aproxima o encontro dos sentidos. Esse encontro não acontece sem o contato direto das pessoas envolvidas. Por isso, o sermão não é somente texto de gabinete pastoral. É também vida em comunidade.

A língua é uma possibilidade que só se realiza por um ato particular de utilização. Cada pessoa transforma individualmente a língua. Cada locutor traz à

---

<sup>305</sup> BLACKWOOD, 1981, p. 15.

tona o que é mera virtualidade. Sendo ato individual, cada vez que uma pessoa se apropria de determinadas palavras é um ato novo, único e irrepetível, porque jamais as condições de tempo, espaço e pessoa podem ser repetidas. Essas instâncias jamais podem ser perenizadas no uso da língua.

Nesse sentido, um dos teólogos, abordados no primeiro capítulo, diz que o sermão é uma criação pessoal, íntima, pertencendo essencialmente ao próprio momento da pregação. Também disse que o pastor é uma pessoa. Existe presença pessoal na pregação. As marcas do locutor, os arranjos das palavras, as construções sintáticas, o uso dos tempos e modos verbais destacam uma natureza determinada. O arranjo do sermão é de um “eu” específico. Este “eu” reflete, ora, medita, escreve, testemunha, proclama igualmente a sua experiência pessoal. Fala daquilo de que está impregnado.

As verdadeiras ênfases são dadas na “oralização”, isto é, na fala lá do púlpito. Se o pastor estiver, de fato, impregnado por aquilo que quer dizer, seu corpo falará. Suas mãos, seus braços, seus gestos, sua postura, sua face e seus olhos também falarão.

A publicação de sermões, em livro, é um excelente material de pesquisa. Justamente para se observar como os pastores tratam dos diversos textos bíblicos e qual seu testemunho relacionado a eles. De modo semelhante, pode trazer ricas idéias para boas abordagens.

De modo algum esgota-se o assunto. Ao contrário, muitas perguntas surgiram durante a pesquisa e carecem de respostas. Muitas destas precisam ser buscadas. Tratando-se de Homilética, a prática pode ensinar muito mais que os livros. Todo pregador precisa ser apegado às letras. Precisa remediar a coceira dos dedos folheando as páginas de bons livros. Precisa ler, olhar e fitar o mundo contido, expressa e tacitamente, no arranjo das palavras.

As últimas palavras, nesta dissertação, serão para dizer que o sermão, sob um aspecto negativo, é uma oportunidade para triunfos humanos. Por outro lado, sob uma perspectiva muito bonita, e por que não dizer positiva, o sermão também é um lugar de derrotas humanas, um lugar de muitos equívocos humanos, um lugar de aflição, um lugar de lágrimas, um lugar de aprendizagem, um lugar de crescimento, mas, acima de tudo, é um lugar de consolo, um lugar de Salvação, um lugar onde Deus, através da imperfeição humana, através de uma linguagem

imperfeita, revela seu Filho Jesus, que assumiu a imperfeição humana para se fazer Palavra de vida. Mas, também, é através dessa linguagem imperfeita que Espírito Santo realiza o milagre do pentecostes, em que cada um pode ouvir a proclamação da Palavra de Deus na sua própria linguagem.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, António Soares. **Curso de Redação**. São Paulo: Ática, 2006
- AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO. **A Verdadeira Religião**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.
- BAKTHIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultirix, 1997.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Lisboa: Setenta, 1984.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BLACKWOOD, Andrew Watterson. **A preparação de sermões**. Rio de Janeiro: Juerp/Aste, 1981
- BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 1991.
- BROADUS, John A. **O preparo e entrega de sermões**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.
- CARVALHO, Dirce de. **Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral**. São Paulo: Paulinas, 1993.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- CONFISSÃO DE AUGSBURGO. **LIVRO DE CONCÓRDIA**. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1997.
- COSTAS, Orlando. **Comunicacion por medio de la predicación**. Miami:

Editorial Caribe, 1984.

CRISÓSTOMO, S. João. **O Sacerdócio**. Petrópolis: Vozes, 1979.

EBELING, Gerhard. **O Pensamento de Lutero**. Traduzido por Helberto Michel. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

GARVIE, Alfredo Ernesto. **História de La Predicacion Cristiana**. Barcelona: Clie, s/a.

GOERL, Otto A. **Púlpito: estudos homiléticos**. Porto Alegre: Concórdia, 1967.

\_\_\_\_\_. **Púlpito: estudos homiléticos**. Volume 2. Porto Alegre: Concórdia, 1980.

JAGNOW, Dieter J. **Pregação criativa**. A SEMENTE QUE GERMINA: Ensaios Teológicos. São Leopoldo: Concórdia, 1997.

JOSUTTIS, Manfred. **Prática do Evangelho entre Política e Religião**. Traduzido por Ilson Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 1979.

KIRST, Nelson. **Lutero, pregação e pregadores – pequena antologia de “falas a mesa”**. Ano 21, nº especial, ESTUDOS TEOLÓGICOS, São Leopoldo: Unisinos, 1981.

KIRST, Nelson. **Rudimentos de Homilética**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

KNOX, John. **A integridade da pregação**. São Paulo: ASTE, 1964.

LARSEN, David L. Anatomia da pregação: identificando os aspectos relevantes para a pregação hoje. São Paulo: Vida, 2005.

MALDONADO, Luis. A Homilia: pregação, liturgia, comunidade. São Paulo: Paulus, 1997.

MARINO, Robson Moura. **A arte de pregar: a comunicação na homilética**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

MISIARA, Antonio Pedro. *Confissões*. In: MISCELÂNEA “UNIVERSITAS”. **Atualidade de Santo Agostinho**. Sorocaba: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1955.

MOESCH, Olavo. A Palavra de Deus: teologia e práxis da evangelização. Petrópolis: Vozes, 1995.

MORAES, Jilton. **Homilética: da pesquisa ao púlpito**. Recife: STBNB Edições, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem em seu Funcionamento**. Campinas, Pontes, 1996.

PRIETO, Eli. **A pregação: aspectos teológicos e práticos**. A SEMENTE QUE GERMINA: Ensaios Teológicos. São Leopoldo: Concórdia, 1997.

PORTAS ABERTAS. Volume 10. Porto Alegre: Concórdia, 2006.

RICOEUR, Paul. **Do Texto à Ação**. Porto-Portugal: Rés-Editora, 1986.

ROCHA, Frei Hylton Miranda. **Pelos Caminhos de Santo Agostinho**. São Paulo: Loyola, 1989.

SOUZA, Mauro Batista de. **A Nova Homilética: ouvintes como ponto de**

- partida na pregação cristã.** ESTUDOS TEOLÓGICOS, v. 47, n. 1, 2007, p. 5-24.
- STRECK, Edson. **A Predica ao Longo da História. Estímulos para a Pregação na Atualidade.** ESTUDOS TEOLÓGICOS, São Leopoldo, nº 2, 1993, p. 168-181.
- ZIMMER, R. Allan; SCHROEDER, George W.; ZEMKE, Herman J. **O Culto Cristão.** Porto Alegre: Concórdia, 1988.
- VIEIRA, Antônio. **Sermões do Padre Antônio Vieira.** Porto Alegre: L&PM, 2006.
- WISSMANN, Liane Dal Molin. **A problemática dos dêiticos e a categoria dos pronomes em Jakobson e Benveniste.** FORMAS E LINGUAGEM. Ano 2, nº 6, jul./dez, 2003, p. 49-58.

## **ANEXOS**

## Anexo 1

Trindade e seres humanos	Como aparecem nos sermões
Deus	<p><b>(Sermão 1)</b> “Deus faz com que o sofrimento e a tribulação sirvam para o progresso em nossa vida espiritual; Deus fortalece nossa fé através da tribulação; Deus mantém acesa a nossa esperança da salvação; Deus quer reparar as nossas deficiências; ele mesmo nos oferece muitas oportunidades de crescimento; O grande amor de Deus por nós foi demonstrado no sacrifício, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo”.</p> <p><b>(Sermão 2)</b> “Deus vem morar no meio do seu povo: para dar nova vida; para estabelecer um reino de paz; Deus Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, assume a forma humana, para resgatar o seu povo; é Deus de amor; não consegue conviver com o sofrimento; Deus está morando no meio do seu povo; Ele sente como suas, ainda hoje, as nossas dificuldades; Deus veio morar no meio do seu povo para consertar o coração do homem. Somente o seu amor, que é nosso pela fé, pode transformar”.</p> <p><b>(Sermão 3)</b> “Deus em seu infinito amor, na pessoa de Jesus, veio visitar a humanidade e trazer salvação”.</p> <p><b>(Sermão 4)</b> “Deus se manifesta, se apresenta, se revela, se desnuda, apresenta sua intimidade diante dos olhos das pessoas. Deus se manifesta através de você.”</p> <p><b>(Sermão 6)</b> “No Juízo Final, Deus vai te cobrar como e quantas vezes você foi pescar pessoas para o Reino dele”.</p> <p><b>(Sermão 7)</b> “Deus revela na Escritura Sagrada seu plano, caminho e cuidado com o seu povo”.</p> <p><b>(Sermão 8)</b> “Deus é amor. Deus faz exigências. Não maiores do que conseguimos suportar”.</p> <p><b>(Sermão 9)</b> “A palavra do Pai mostra também o seu amor pelos seres humanos, porque ele está satisfeito com a obra que o Filho veio realizar no mundo”.</p>
Jesus	<p><b>(Sermão 1)</b> “Nosso Salvador; Morreu e ressuscitou; Voltará”.</p> <p><b>(Sermão 3)</b> “Filho de Deus, o Verbo Eterno encarnado, nascido em Belém, que veio unir céus e terra, estivesse na casa do Pai; Para efetuar e redenção, Cristo tomou sobre si três ofícios: Ofício Profético, Sumo Sacerdotal e Real”.</p> <p><b>(Sermão 4)</b> “Perdão procedente da cruz de Jesus Cristo; Grande Rei”.</p> <p><b>(Sermão 5)</b> “As palavras de Jesus de certa forma ascendiam uma chama de curiosidade. Sabemos o que fizeram com Jesus em Nazaré”.</p> <p><b>(Sermão 6)</b> “Ele oferece o perdão de pecados que ele conseguiu para nós morrendo na cruz e o conforto de saber que, confiando nele, vamos passar a eternidade no céu, onde não haverá problema algum. As palavras que Jesus dizia ao povo soam para nós como palavras de salvação, de certeza de dias melhores sob as bênçãos de Deus. Jesus nosso Salvador. Jesus está conosco. Ele dá o seu Reino de maneira maravilhosa e traz felicidade e conforto nesta vida e na vida eterna aos que confiam nele”.</p> <p><b>(Sermão 7)</b> “Cara a cara com Satanás, Jesus usou a arma do cristão para todas as horas: a Escritura Sagrada. Ele colocou-se como o nosso único caminho, verdade e vida (João 14.6). A cruz, sobre a qual ele carregou as nossas iniquidades, derramou o seu sangue para nos purificar de todo o pecado (1 João 1.7). E assim nos trouxe a reconciliação com Deus, abrindo o caminho que conduz à morada paterna, o céu”.</p> <p><b>(Sermão 8)</b> “Seguir a Jesus em amor é o desafio do discípulo fiel. Esta é a exigência, porém não a obrigação. Seguir a Jesus requer doação. Seguir a Cristo requer confiança. Seguir a Jesus requer sacrifício!”</p> <p><b>(Sermão 9)</b> “Jesus mostra Deus como sendo um pai à espera do filho perdido. A comunhão que Jesus tem com o Pai também pode ter aquele que crer em Jesus como Salvador enviado por Deus”.</p>

Espírito Santo	<p><b>(Sermão 1)</b> “Somente o Espírito Santo pode operar a transformação, isto é, estimular o interesse na pregação e participação dos sacramentos”.</p> <p><b>(Sermão 5)</b> “Espírito do Senhor o unge e também nos unge para o serviço. O Espírito do Senhor ainda hoje continua nos unguindo para levar as boas novas aos sedentos da Palavra de Deus. Ele está conosco”.</p> <p><b>(Sermão 9)</b> “Espírito Santo revela a sua presença em forma de pomba e o Pai através da voz.”.</p>
Pessoas: “nós”	<p><b>(Sermão 1)</b> “Como esperamos a vinda de Cristo? (S1); Esperamos perseverantes na fé verdadeira (S1); Estamos cientes de que Jesus voltará ou esquecemos do que Cristo disse; O sofrimento pelo qual passamos tem um propósito; O sofrimento pode estimular o nosso interesse na pregação da Palavra e a nossa participação nos sacramentos; A nossa fé não é diferente dos tessalonicenses, ela também é fraca e deficiente que precisa ser melhorada, isto é, fortalecida constantemente pela Palavra de Deus; Temos oportunidades diárias e semanais para fortalecermos a nossa fé; Só conseguiremos amar o nosso próximo se estivermos unidos ao amor de Deus”.</p> <p><b>(Sermão 2)</b> “Deus se entristece também com a nossa arrogância, com a nossa prepotência, com o nosso orgulho, com a nossa vaidade. Se entristece quando somos maus, causando sofrimento e dor, aniquilando a preciosa vida que ele criou; nossa fragilidade e nossa total incapacidade de mudar essa situação; Queremos recebê-lo plenamente; Receber com todo o comprometimento e responsabilidade que de nós espera; sabemos que o senhor está conosco e cuida de nós; Não devemos, não podemos e, certamente, não queremos nos omitir ao sofrimento dos outros”.</p> <p><b>(Sermão 3)</b> “Aquilo ao qual estamos apegados, aquilo que vai dentro de nosso coração, define muitas vezes o lugar em que costumamos estar; Como nós aproveitamos as oportunidades que Deus nos concede hoje em nossas vidas?; Aproveitemos bem as oportunidades que nos sobrevirão no ano prestes a iniciar; Principalmente em estar na “Casa do Pai”, onde Palavra e sacramentos (Batismo e Santa Ceia) são ministrados. Aproveitemos também as oportunidades de “testemunhar” de Jesus e do seu amor às pessoas que encontrarmos pelos lugares por onde passarmos”.</p> <p><b>(Sermão 4)</b> “Deus quer que você seja instrumento dele, para levar o nome de Jesus a todos. Que você, a partir de hoje, seja semelhante lâmpada. Que você seja assim. Receba poder, iluminação, força, perdão, amor, vida e vida eterna de Deus. E então que você não fique parado. Lance luz de Deus sobre os outros. Seja você mais que a lâmpada”.</p> <p><b>(Sermão 5)</b> “A palavra de Deus Precisa queimar dentro de nós e nos inquietar para vivermos diferentes. Nos tornamos insensíveis à voz de Deus. É a nossa indiferença que não permite que ele fale aos nossos corações”.</p> <p><b>(Sermão 6)</b> “Você está se preocupando em pescar para o Reino de Deus? Nossa congregação está preocupada em pescar pessoas? A época é propícia, pessoas estão chorando, implorando pelo consolo e conforto que apenas nós, cristãos, temos a oferecer. Talvez a crise tenha se abatido sobre você e você esteja trazendo este desânimo para sua pesca no Reino de Deus. Não vamos deixar que o desânimo tome conta da pesca do Reino de Deus. Podemos seguir o exemplo dos primeiros cristãos e ver que nossos irmãos na fé são companheiros de pesca que podem nos ajudar na tarefa de levar pessoas a Jesus”.</p> <p><b>(Sermão 7)</b> “Só encontramos o lar celeste quando trilhamos o caminho da cruz. Você está se sentindo perdido em sua vida diária e de fé? Pare! Ouça nesta Quaresma as Escrituras falarem a respeito do acesso ao Pai que Jesus Cristo abriu para você através do caminho da Cruz. A Bíblia e as leituras da Quaresma lhe chamam para olhar para o alto buscando a cruz. Saiba que você e sua família são exatamente a seta que indica o caminho da cruz de Jesus para muitos hoje em dia”.</p> <p><b>(Sermão 8)</b> “Nem sempre temos clareza sobre o que é a Igreja. Precisamos lembrar que o Deus das exigências é também o Deus do amor, que perdoa,</p>

	<p>que salva, que liberta, que sara”.</p> <p><b>(Sermão 9)</b> “Nascemos espiritualmente mortos, isto é, desconectados de Deus. Agora unidos com Deus através do perdão de Cristo pode-se servir ao nosso Pai celestial. O que você está esperando para criar o hábito de orar? Se você ainda não tem o hábito de orar, comece hoje. Isto será uma grande bênção para a sua vida. Apresente a ele suas dificuldades. Peça ajuda a Deus para seus problemas, ore pelos familiares e amigos. Não esqueça de orar pela sua congregação, seu pastor e demais líderes. Ore pelo seu país e todas as autoridades. Ore, inclusive pelos seus inimigos, como Jesus o fez”.</p> <p><b>(Sermão 10)</b> “É a velha mania da grandeza humana. Muitas pessoas têm este grave defeito e não fazem questão de reconhecê-lo. E, como vemos nesta parábola, é um defeito fácil de perceber nos outros, mas que dificilmente percebemos em nós mesmos. Como você, caro irmão, se posiciona diante de Deus? Com quais intenções você ora ao Senhor? Qual é o jeito de nos dirigirmos a Deus? Com quais intenções nós oramos a Deus? Pode até ser que em nada nos identifiquemos com a atitude do fariseu. Mas quando apenas lamentamos os problemas diante de Deus, podemos estar ignorando o exemplo de humildade do publicano. E aí teremos dificuldade de reconhecer nossa dependência de Deus, não daremos sinal de arrependimento e deixaremos de confiar na misericórdia de Deus. Cada um de nós, por natureza, é um pecador perdido e condenado, sem direito à salvação. Deus nos salva por amor. Somos justificados diante de Deus e salvos, se confiarmos em tudo o que Cristo fez por nós. É somente nele que devemos depositar nossa confiança. Como a nossa salvação depende inteiramente de Deus, ninguém tem direito de se gloriar diante de Deus, pois, ainda que façamos muitas boas obras, não são elas que nos salvam. A nossa salvação está apenas em Jesus Cristo, que morreu para nos salvar”.</p>
Pessoas: “outros”	<p><b>(Sermão 1)</b> “Pessoas que confiam em numerologia, astrologia, espiritismo, contatos com os mortos e em coisas materiais; Quando os cristãos se apegam a estas coisas, esquecendo a esperança da vinda de Cristo, a fé se torna débil e aparece o desânimo; Muitos pensam que o Cristianismo é um milagre para tornar a vida miraculosamente fácil, sem sofrimento nem dor”.</p> <p><b>(Sermão 4)</b> “Quem vê, sente, ouve, experimenta e aplica Deus ao seu viver, é alguém que descobre a realidade do acolhimento maior. Esse alguém recebe e vive o perdão procedente da cruz de Jesus Cristo. Quem percebe Deus, percebe que há vida além dessa vida. Percebe que a vida do além é eterna. Percebe que no dia do Juízo Final os justos, além de ressuscitarem corporalmente, não entrarão em julgamento. Todos que, pela Fé, aceitam essas verdades sublimes, se alegram, festejam, rejubilam e vibram intensamente”.</p> <p><b>(Sermão 5)</b> “O ser humano não nasceu para viver preso. A prisão é o pior dos castigos que um ser humano impõe ao outro ser humano. As pessoas nessas condições perdem a sua dignidade e Jesus vem para dar essa dignidade também ao ser humano caído em pecado que agora se arrepende de seus pecados e o recebe com o Messias, o seu Salvador. Ainda hoje existem muitas pessoas nessas condições que não têm direito às coisas mais essenciais da vida. Jesus quer libertar a todos os oprimidos, seja uma opressão de qualquer natureza, e por fim ele prega o ano da Graça. Muitas pessoas vêm à igreja a cada domingo por costume, cantam, ouvem a Palavra de Deus, mas essa já não queima mais em seus corações, não desafia para nada, porque se tornou indiferente à Palavra de Deus. A Palavra entra por um ouvido e sai por outro.”</p> <p><b>(Sermão 7)</b> “É comum em nossa vida estarmos perdidos em meio a nossas aflições e afazeres diários. Às vezes também estamos perdidos em nossa vida pessoal, familiar e profissional. E precisamos uma parada para avaliar, reavaliar e recomeçar a vida. Em relação a nossa vida de fé é a mesma coisa. Muitas vezes nos apegamos a tantas coisas que já não sabemos ao certo o que é o mais importante. Deparamo-nos com tantos caminhos que ficamos confusos ou até mesmo nos distraímos com as vitrines de falsos</p>

	<p>ensinos, perdendo-nos pelo caminho. Ou ainda procuramos seguir mais de um caminho ao mesmo tempo, como se isto fosse possível”.</p> <p><b>(Sermão 8)</b> “Quantos procuram a Igreja pensando que com isso todos os problemas da vida desaparecerão? Quantos pensam que o cristão não enfrenta o desemprego, não sofre com enfermidades, não tem problemas conjugais?”</p>
--	--

## Anexo 2

### Sermão 1 (Portas Abertas, 2006, p. 5)

Período: Advento

Leituras bíblicas: Sl 25.1-9; Jr 33.14-16; 1 Ts 3.9-13; Lc 21.25-36 ou Lc 19.28-40

Texto-base: 1 Tessalonicenses 3.9-13

Tema: Como esperamos a vinda de Cristo?

- (§1) Que o amor de Jesus Cristo, o nosso Salvador, nos acompanhe neste momento. Amém.
- (§2) Mais uma vez chegamos à época do calendário da Igreja chamada advento: tempo no qual aguardamos ansiosos a vinda de Jesus Cristo no dia de Natal. Advento é um tempo de espera... e como esperamos a vinda de Cristo?
- (§3) Esperamos a vinda de Cristo *perseverantes na fé verdadeira*.
- (§4) Foi desta maneira – perseverando na fé – que os tessalonicenses esperaram pela vinda de Cristo. E é por isso que Paulo diz no v. 7: “em todas as nossas dificuldades e sofrimentos o que nos animou foi a fé que vocês têm”. Foi justamente a fé dos tessalonicenses com respeito ao retorno de Cristo a este mundo que animou o apóstolo Paulo.
- (§5) Mas, hoje temos que perguntar a nós, cristãos do século 21: temos a esperança na segunda vinda de Cristo? Estamos cientes de que Jesus voltará? Será que nos lembramos de sua volta em nosso dia-a-dia? Ou, simplesmente, nos esquecemos que Cristo disse que iria retornar a este mundo?
- (§6) Hoje em nosso meio existem pessoas que confiam em numerologia, astrologia, espiritismo, contatos com os mortos e em coisas materiais.
- (§7) Quando os cristãos se apegam a estas coisas, esquecendo a esperança da vinda de Cristo, a fé se torna débil e aparece o desânimo, mas, ao focalizar a volta de Cristo, eles irão ter certeza (Hebreus 1.11) de que, assim como Cristo morreu e ressuscitou, ele também voltará.
- (§8) Muitos pensam que o Cristianismo é um milagre para tornar a vida miraculosamente fácil, sem sofrimento nem dor. O propósito do Cristianismo não é evitar a dificuldade, mas produzir o caráter adequado para enfrentá-la. Ele não torna fácil a vida, antes, procura fazer-nos bastante grandes para a vida. Não nos oferece uma saída para os fardos da vida, mas nos fortalece para enfrentá-los.
- (§9) O sofrimento pelo qual passamos tem um propósito. Com certeza, ele também é para o nosso progresso espiritual.
- (§10) A pergunta aqui é: Como Deus faz com que o sofrimento e a tribulação possam ser um progresso em nossa vida espiritual? A tribulação faz com que não nos apeguemos tanto às coisas deste mundo, e desta maneira facilita o retorno à esperança da segunda vinda de Cristo. O sofrimento pode estimular o nosso interesse na pregação da Palavra e a nossa participação nos sacramentos.
- (§11) Somente o Espírito Santo pode operar esta transformação em nós, pois, se dependesse de nós, seres humanos pecadores, com certeza já não haveria esperança alguma para a nossa vida! É através da tribulação que Deus fortalece a nossa fé. Deus também mantém acesa em nós a esperança da nossa salvação, com a esperança pela sua segunda vinda. Por isso, Deus mesmo nos leva a perseverarmos na fé.
- (§12) Também esperamos pela vinda de Cristo *progredindo na vida cristã*.
- (§13) Em 1 Tessalonicenses 3.10, diz: “Dia e noite pedimos a ele de todo o coração que nos deixe ir vê-los pessoalmente para podermos completar o que ainda falta na fé que vocês tem.”
- (§14) Com estas palavras, o apóstolo Paulo quer dizer que ele mesmo pediu a Deus para ir até aos tessalonicenses, para completar o que por acaso faltava em vossa fé. O apóstolo Paulo usa esta palavra no plural para indicar que há áreas específicas na qual a fé dos cristãos de Tessalônica precisaria ser mudada. As áreas são indicadas adiante, os moralmente fracos (4.13 – 5.11), os desocupados (4.9-12), os desanimados (4.13 – 5.11).
- (§15) A nossa fé não é diferente dos tessalonicenses, ela também é fraca e deficiente que precisa ser melhorada, isto é, fortalecida constantemente pela Palavra de Deus.
- (§16) Quando há desprezo e pouco caso para com a Palavra de Deus, pode haver um enfraquecimento; a fé pode ir ficando cada vez mais fraca, até que ela se extinga; até que ela se acabe por completo. Mas, para que isto não aconteça; para que a nossa fé não se acabe, Deus

quer reparar as nossas deficiências. Para tanto, ele mesmo nos oferece muitas oportunidades de crescimento. Por exemplo, temos à nossa disposição cultos, estudos bíblicos, devoções. Temos oportunidades diárias e semanais para fortalecermos a nossa fé em Cristo.

(§17) As tentações estão por todos os lados e, quando a nossa fé está enfraquecida, estamos mais vulneráveis aos ataques do diabo, do mundo e da nossa carne. É por isso que Paulo, no v. 12, pede a Deus que aumente o amor entre os tessalonicenses. Ele diz: “Que o Senhor faça com que cresça cada vez mais o amor que vocês têm uns pelos outros e por todas as pessoas, e que esse amor se torne igual ao nosso amor por vocês!”

(§18) Mas como conseguiremos amar ao nosso próximo desta maneira?

(§19) Só conseguiremos amar o nosso próximo se estivermos unidos ao amor de Deus e confiarmos no presente que Deus deu à sua Igreja: o perdão dos pecados, a salvação eterna. O grande amor de Deus por nós foi demonstrado no sacrifício, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo, que nos isenta de todas as nossas culpas; de todos os nossos pecados, tornando-nos aos seus olhos *santos*; sem defeitos; sem erros, apesar de continuarmos sempre fazendo coisas erradas. Deus, por intermédio de seu Filho Jesus, fez isso por nós, quando não merecíamos nada de bom; muito pelo contrário, merecíamos somente a condenação; o castigo eterno.

(§20) No entanto, é o amor de Deus, a fé em Cristo que nos capacita a amar o nosso próximo. Só quem é amado por Deus pode amar o próximo. Só quem é perdoado por Deus pode perdoar o próximo. O perdão que Deus nos dá nos capacita a amar o nosso próximo. Amando o próximo, também estaremos progredindo na vida cristã.

(§21) Portanto, Deus quer reparar as deficiências de nossa fé; Deus quer suprir as necessidades de nossa fé com a certeza de seu perdão, para que esta certeza nos capacite a amar o nosso próximo, progredindo, assim, em nossa vida cristã. E que o próprio Deus nos conceda que esperemos pela vinda do nosso Senhor Jesus Cristo, perseverantes na fé verdadeira e progredindo na vida cristã, certos de que a nossa redenção final se aproxima! Amém.

## ***Sermão 2 (Portas Abertas, 2006, p. 7)***

Período: 3º Domingo no Advento

Leituras bíblicas: Is 12.2-6; Sf 3.14-18a; Fp 4.4-7; Lc 3.7-18

Texto-base: Filipenses 4.9

Tema: Deus vem morar no meio do seu povo: para dar nova vida; para estabelecer um reino de paz.

(§1) O Natal já está às portas. Deus vem chegando e mais uma vez somos contagiados com a alegria da notícia dos anjos, que anunciam o nascimento de Jesus. Realmente é uma notícia extraordinária e, certamente, todo cristão quer receber com carinho o seu Senhor e Salvador. Não há como ficar indiferente. Não há como não se emocionar. O Deus Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, assume a forma humana, para resgatar o seu povo. Ele não consegue ficar indiferente, porque é Deus Santo, Todo-Poderoso, mas, acima de tudo, é Deus de amor. Ele não consegue conviver com o sofrimento, por isso vem por amor e com amor, para ensinar o caminho do amor. Vem para servir e, assim, restaurar a vida bonita e plena que havia criado. Como não receber com toda a consideração, carinho e alegria tão ilustre visitante?

(§2) “Deus está morando no meio do seu povo”, este é o recado de Isaías. É um recado cheio de consolo e esperança, onde a confiança pode ser renovada. Deus não fica à distância, alheio aos sofrimentos e às dificuldades humanas. Ele sente como suas, ainda hoje, as nossas dificuldades, os nossos sofrimentos, as nossas angústias, e se entristece com elas. Mas se entristece também com a nossa arrogância, com a nossa prepotência, com o nosso orgulho, com a nossa vaidade. Se entristece quando somos maus, causando sofrimento e dor, aniquilando a preciosa vida que ele criou. É por isso que Deus vem morar no meio do seu povo. E, justamente por reconhecer nossa fragilidade e nossa total incapacidade de mudar essa situação, queremos receber com todo o carinho e consideração aquele que tudo pode renovar, restaurar e fazer brilhar.

(§3) Queremos recebê-lo plenamente, com todos os seus benefícios e presentes, mas também com todo o comprometimento e responsabilidade que de nós espera. Sua oferta é a de uma nova vida, como o profeta Sofonias o anuncia no texto de hoje com toda a clareza. Mas para que esta nova vida se estabeleça, a antiga precisa abrir espaço. A nova vida propõe a sinceridade, a justiça, a honestidade, a correção, o respeito, o acolhimento, a inclusão, a cooperação, a partilha, a amizade, ou seja, sentimentos e valores que brotam de um coração que aprendeu a amar. A nova vida, que Deus misericordiosamente quer nos dar, não consegue conviver com a

intolerância, com a intransigência, com a desonestidade, com o desrespeito, que são coisas que a machucam e obscurecem. A nova vida propõe uma nova caminhada, num sincero propósito de fazer as coisas direito, respeitando as pessoas, a natureza e a própria santidade de Deus.

(§4) Aí está justamente o princípio maior que pode fazer brotar e surgir o Reino da paz, que todos nós tanto almejamos. Quem de nós não quer viver num ambiente feliz, equilibrado, tranqüilo, de muita confiança e cooperação? Que bom se nosso ambiente familiar fosse assim, que bom se nosso ambiente profissional fosse assim, que bom se todos os ambientes fossem assim, não é mesmo? Mas aí é que está a beleza e a radicalidade da mensagem cristã. Tudo pode ser assim, certamente não de forma plena, mas já com bastante consistência e satisfação. Penso que é um pouco disso que nos fala o apóstolo Paulo na epístola de hoje, quando diz: “Tenham sempre alegria, unidos com o Senhor! Repito: tenham alegria!” E é verdade, quando unidos com o Senhor, não há como não ter alegria, pois o Senhor vem a nós, nos ama e nos ajuda a ser amáveis com todos. É por isso também que não nos preocupamos, a ponto de perder a alegria, pois sabemos que o senhor está conosco e cuida de nós, providenciando para que nada nos falte. É por isso também que andamos em paz. Não de qualquer paz, mas daquela paz que vem da manjedoura, que passou pela cruz e se apresentou vitoriosa no domingo de Páscoa. Trata-se da paz que vem de Cristo, que nós é dada de graça e que nos garante o perdão e a vida em amor que dura para sempre.

(§5) Quão bela, maravilhosa e consoladora mensagem temos mais uma vez revelada nos textos de hoje. Mensagem que não permite que fiquemos imóveis, diante do sofrimento e da desventura de tantos e tantos irmãos e irmãs. O convite do Senhor está feito através do apóstolo. “Ponham em prática o que vocês receberam e aprenderam de mim.” (Filipenses 4.9) Trata-se de um convite amoroso, cheio de estímulo para a promoção da vida e da paz. Somos convidados a interferir na vida das pessoas, das instituições, nos processos que fazem andar a história, para instaurar aquilo que é bom, que é verdadeiro, que é digno, que é correto, que é puro, que é agradável, que é decente. Não devemos, não podemos e, certamente, não queremos nos omitir.

(§6) Conta a história que um pai teve que levar consigo o filho ainda criança para o escritório. Surgira um imprevisto e agora o menino estava com ele em seu local de trabalho. Havia muito por fazer, mas a criança queria atenção e companhia. O pai deu-lhe algumas tarefas a fim de entretê-lo, mas com muita rapidez o menino completava todas elas. Ficou a pensar como poderia ocupar o menino, a fim de poder fazer o seu trabalho. Viu então um grande calendário, no qual estava desenhado um grande mapa do mundo. Pegou uma tesoura, cortou o calendário em centenas de pedaços e disse ao menino: “Filho, sente-se aqui, junte os pedacinhos, encaixando todas as pecinhas, e vamos ver se consegues conservar o mundo que recortei!” O pai imaginou que o menino levaria horas, mas para sua surpresa, em poucos minutos, o menino alegremente veio correndo ao seu encontro. “Pai, já consertei o mundo. Todas as peças estão encaixadas!” O pai, completamente perplexo, verificou e percebeu que de fato o grande quebra-cabeça estava montado. Mas como fora possível? Então o menino lhe explicou que do outro lado do mapa havia a figura de um homem simples e fácil de ser montado. “Pai, consertei o homem e, ao consertar o homem, consertei o mundo!”

(§7) Deus veio morar no meio do seu povo para consertar o coração do homem. Somente o seu amor, que é nosso pela fé, pode transformar, dando nova vida e novo jeito de viver. Não há outra maneira. Não há outro caminho. Por isso Jesus veio e por isso, mais uma vez, queremos recebê-lo com muito amor. Queremos muito que ele, Jesus, conserte o nosso coração, para que possamos ajudá-lo a consertar outros corações, na instauração de seu Reino, que não tem fim. Esse é um serviço que vale a pena, um serviço que emociona, um serviço que faz brotar sorrisos, na paz que vem do Senhor. Amem.

### ***Sermão 3 (Portas Abertas, 2006, p. 105)***

Período: Primeiro Domingo após o Natal

Leituras bíblicas: Sl 111; Jr 31.10-13; Hb 2.10-18; Lc 2.41-52

Texto-base: Lucas 2.41-52

Tema: Aproveitando as oportunidades

(§1) Amigos no Salvador Jesus, unidos pelo amor de Deus!

(§2) Ainda vivemos o clima festivo do Natal. Deus em seu infinito amor, na pessoa de Jesus, veio visitar a humanidade e trazer salvação.

(§3) No texto do evangelho de hoje, Jesus, já com doze anos de idade, vai a Jerusalém para a

feita da Páscoa com os seus pais. Tal peregrinação fazia parte da vida do povo de Deus do Antigo Testamento, lembrando a maravilhosa libertação da escravidão vivida pelo povo no Egito. A festa durava vários dias. Ao término deles, José, Maria e demais pessoas voltam para Nazaré da Galiléia. Jesus permanece em Jerusalém sem que eles o saibam. Os pais sentem a sua falta. Ao cabo de três dias, o encontram no templo em Jerusalém, conversando com os mestres da Lei. Jesus, questionado por Maria, responde: “Por que vocês estavam me procurando? Não sabiam que eu devia estar na casa do meu Pai?” (Lucas 2.49)

(§4) Aquilo ao qual estamos apegados, aquilo que vai dentro de nosso coração, define muitas vezes o lugar em que costumamos estar. Exemplo: Um jogador de futebol – no estádio; um mecânico – na oficina; um padeiro – na padaria. Não era de se estranhar que o Filho de Deus, o Verbo Eterno encarnado, nascido em Belém, que veio unir céus e terra, estivesse na casa do Pai. Jesus viera ao mundo com uma missão, conforme nos diz o evangelho de João 3.16: “Porque Deus amou o mundo tanto, que deu o seu único filho, para que todo aquele que nele crer não morra, mas tenha vida eterna.”

(§5) Para efetuar a redenção, Cristo tomou sobre si três ofícios: Ofício Profético, Sumo Sacerdotal e Real. É justamente fazendo parte do seu ofício profético, isto é, de manifestação de palavras e obras com Filho de Deus, que Jesus se encontra envolvido em nosso texto. Jesus, ouvindo e interrogando os mestres da Lei, manifesta interação no saber. Logo mais, como o Grande Profeta, ensina as multidões a respeito das coisas maravilhosas do Reino de Deus. Na viagem que Jesus fez a Jerusalém, ele aproveitou a oportunidade de estar na casa do Pai.

(§6) Como nós aproveitamos as oportunidades que Deus nos concede hoje em nossas vidas? Estar aqui no primeiro Domingo após o Natal e no término de mais um ano é aproveitar a oportunidade de lembrar a vinda do Salvador Jesus ao mundo, bem como agradecer a Deus por mais um ano que nos oportunizou passar sob sua sombra de proteção e amor.

(§7) Dentro em breve estaremos iniciando um novo ano. Certamente teremos muitas oportunidades pela frente. Onde estiver o nosso tesouro, aí estará também o nosso coração (Mt 6.21). Dentre as oportunidades que se nos apresentarão no novo ano, precisamos estar cientes do que é o “mais importante” e qual o “maior tesouro”, aquilo que mais vale a pena para nós. Jesus diz no evangelho de Mateus 6.33: “Portanto, ponham em primeiro lugar na sua vida o Reino de Deus e aquilo que Deus quer, e ele lhes dará todas essas coisas.” O “todas essas coisas” refere-se às necessidades diárias para a vida de cada um de nós, como a comida, bebida, roupas e tudo o que necessitamos para a nossa vida. Tudo isso vem ao natural para aqueles que colocam Deus em primeiro lugar em suas vidas.

(§8) Estimados presentes! Aproveitemos bem as oportunidades que nos sobrevirão no ano prestes a iniciar. Principalmente em estar na “Casa do Pai”, onde Palavra e sacramentos (Batismo e Santa Ceia) são ministrados. Aproveitemos também as oportunidades de “testemunhar” de Jesus e do seu amor às pessoas que encontrarmos pelos lugares por onde passarmos. Quem sabe na família, no trabalho, na escola, no ponto de ônibus, numa fila qualquer, etc. São muitas as pessoas que pelo mundo a fora vivem desesperadas, sem esperança alguma e completamente desorientadas, muitas delas acreditando em falsos mestres e falsas mensagens.

(§9) Conhecedores da mensagem que liberta do pecado e nos une a Cristo mediante a fé, aproveitemos as oportunidades, para que, conforme diz o profeta Jeremias 31.13, “trazer verdadeira animação e alegria” para um mundo triste e sem esperança.

(§10) Vivamos sempre “aproveitando as oportunidades”.

(§11) Que Deus nos abençoe. Amém.

#### ***Sermão 4 (Portas Abertas, 2006, p. 13)***

Período: Epifania

Leituras bíblicas: Sl 72; Is 60.1-6 (7-16); Mt 2. 2.1-12

Texto-base: Mateus 2.1-12

Tema: Seja a luz do mundo.

(§1) Num período da história da humanidade, conhecido como Idade Média, se pensava que o mundo era plano, que a Terra era reta, chata. Se dizia que o mundo, repentinamente, acabava em um precipício. Por isso, as pessoas não deveriam se aventurar, no sentido de afastar, do que era considerado “o lugar seguro”. Muita gente nasceu, viveu e morreu pensando que essa era, de fato, a verdade.

(§2) Com o passar do tempo, algumas pessoas começaram a observar certas características

naturais e concluíram que a Terra era redonda. Concluíram que a Terra não tinha um precipício final. Essas pessoas foram duramente criticadas e até punidas. Mas a certeza delas era maior do que as ameaças recebidas. As pessoas que perceberam que a Terra era redonda se lançaram ao mar, especialmente, e assim descobriram novos lugares, novos continentes, novos mares, novas maneiras e formas de vida. A descoberta de uma nova realidade, a de que a Terra é redonda, fez com que essas pessoas se pusessem a caminho. Elas não ficaram paradas no seu mundo, mas descortinaram, alegres, novas fronteiras.

(§3) Epifania é algo sensacional. Algo que vai colocar em movimento todos que percebem a realidade da Epifania. Epifania é manifestação! Deus se manifesta, se apresenta, se revela, se desnuda, apresenta sua intimidade diante dos olhos das pessoas. Quem vê, sente, ouve, experimenta e aplica Deus ao seu viver, é alguém que descobre a realidade do acolhimento maior. Esse alguém recebe e vive o perdão procedente da cruz de Jesus Cristo. Quem percebe Deus, percebe que há vida além dessa vida. Percebe que a vida do além é eterna. Percebe que no dia do Juízo Final os justos, além de ressuscitarem corporalmente, não entrarão em julgamento. Todos que, pela Fé, aceitam essas verdades sublimes, se alegram, festejam, rejubilam e vibram intensamente.

(§4) Deus, ao se manifestar, se expõe diante dos seus olhos. Deus também quer ser exposto diante de todos os seres humanos. Deus quer que você seja instrumento dele, para levar o nome de Jesus a todos. Realidades que são descobertas e aceitas põem as pessoas em movimento.

(§5) Nos textos lidos hoje percebemos muita movimentação. Segundo o salmo, pessoas de longe vêm e se curvam diante do grande Rei. Isaías afirma que os povos viram grande luz. Para ver e ver bem, muitas vezes é necessário girar a cabeça, dar alguns passos, fixar o olhar. Tudo isso é movimento. O Evangelho afirma que magos vieram de longe. Montaram camelos durante vários dias. Os magos perguntaram, os magos se ajoelharam, os magos enfiaram mãos em sacolas e de lá retiraram presentes, entregues a Jesus. Quando voltaram às suas terras, com certeza, moveram lábios para falar de Jesus ao seu povo. Na epístola, o apóstolo Paulo diz que ele é porta-voz de Deus junto aos gentios. Ou seja, o apóstolo vai a um outro povo, outra cultura, outras pessoas para anunciar a revelação de Deus para todos.

(§6) Que você, a partir de hoje, seja semelhante lâmpada. Uma lâmpada, através dos cabos, recebe energia elétrica. A lâmpada recebe poder, força. Com isso, a lâmpada não permanece neutra e apagada. A lâmpada passa a brilhar, iluminar o ambiente, revelar o que há em volta. Com sua ação, a lâmpada permite que as pessoas vejam, se protejam, possam agir.

(§7) Que você seja assim. Receba poder, iluminação, força, perdão, amor, vida e vida eterna de Deus. E então que você não fique parado. Lance luz de Deus sobre os outros. Seja você mais que a lâmpada. A lâmpada não tem pernas para se deslocar, mas você tem pernas, sim. Vá a muitos lugares escuros e transmita aos outros a luz de Deus. A lâmpada não tem boca para orientar os que andam sob a sua luz, você sim, tem boca. Então fale de Jesus, diga palavras que edificam a vida do seu semelhante. Você pode falar com a boca, com gestos, a maneira de ser de viver.

(§8) Que Deus se manifeste, através de você, a muitíssimas pessoas. Amém.

### ***Sermão 5 (Portas Abertas, 2006, p. 16)***

Período: 2º Domingo após Epifania

Leituras bíblicas: Sl 36.5-10 – Is 62.1-1.5; 1 Co 12.12-21, 26-27; Lc 4.14-21

Texto-base: Lucas 4.14-21

Tema: A pregação do Messias vai ao encontro de todos.

(§1) Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

(§2) Jesus volta para a Galiléia onde começa o seu ministério.

(§3) Após sua tentação, Jesus agora se dirige para a Galiléia e vai, conforme o texto, no poder do Espírito. Em seguida, vai à cidade onde se criou, onde viveu boa parte de sua vida – Jesus está agora em Nazaré. Vai para lá com o objetivo de levar a sua mensagem de vida e salvação também para os seus.

(§4) Jesus vai à Sinagoga. A Sinagoga era uma casa de reunião, lugar de culto público dos judeus. Aos sábados aquele que dirigia o culto poderia convidar um homem adulto para que fizesse a leitura de uma passagem da Escritura e em seguida tinha a oportunidade de explicá-la.

(§5) Foi o que aconteceu com Jesus. Ele leu e depois como de costume assentou-se para expor o que acabara de ler. As atenções agora se voltam para as suas palavras. Todos apreensivos para ouvirem o que tinha a lhes dizer.

(§6) Muito mais por saberem que a sua fama se espalhara por toda a região. Além de estarem ali para o culto semanal, a adoração do sábado, tinham diante deles Jesus.

(§7) Do mesmo modo, ainda hoje, a igreja, esta casa é local onde o povo se reúne para ouvir Jesus falar. Pelo menos deveria ser este o grande objetivo de estarmos aqui neste final de semana. Se olharmos a nossa volta percebemos que muitos poderiam estar aqui hoje. Mas como normalmente é um período de férias, as pessoas de um modo geral também tiram férias do seu culto e adoração a Deus.

(§8) Aqui uma das coisas que nos saltam aos olhos à primeira vista é admiração das pessoas diante dos ensinamentos de Jesus na sinagoga. As pessoas maravilhavam-se nos seus ensinamentos.

(§9) As palavras de Jesus de certa forma ascendiam uma chama de curiosidade em suas palavras. Queriam, de certa forma, saber de tudo o que levava as pessoas a adorá-lo e admirá-lo tanto. Estas pessoas poderiam ser comparadas a crianças que, em determinado período de suas vidas, em certa idade, passam pela fase do *Por quê? Como?*

(§10) O texto que Jesus lê de Isaías diz que “O Senhor me deu o seu Espírito”, e no v. 21 ele diz na parte final que “Hoje se cumpriu o trecho das Escrituras Sagradas que vocês acabam de ouvir”. Referindo-se ao tempo de salvação messiânica que Jesus traz para a humanidade na continuação do texto que não faz parte de nosso evangelho de hoje, Jesus passa a dizer que nenhum profeta é bem recebido em sua própria terra. Ele passa a mostrar que o novo acontece no meio dos estrangeiros, dos de fora, porque os de casa, os parentes, os conhecidos não dão valor a alguém que eles conhecem. E bem sabemos o que fizeram com Jesus em Nazaré. O expulsaram, o colocaram fora da cidade, o levaram para um monte, para o jogarem abaixo, mas ele passou entre eles e se retirou. Vemos em nosso texto também que:

(§11) O Espírito do Senhor o unge e também nos unge para o serviço.

(§12) Ser ungido significa ser separado para realizar a obra de Deus. O v. 18 diz que “O Senhor me deu o seu Espírito. Ele me acolheu para levar boas notícias aos pobres e me enviou para anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, libertar os que estão sendo oprimidos”. Evangelho significa boas novas. Quem é que mais necessita das boas novas? Alguém que não tem esperança, que está levando uma vida miserável em pecado, que não vê saída para a sua vida. O Evangelho, a boa notícia, é tudo o que a pessoa precisa para dar, por assim dizer, um novo rumo em sua vida, e isso acontece quando a palavra o leva ao arrependimento e o conduz ao caminho do perdão, vida e salvação. E isso se complementa concretamente na vida do necessitado de muitas maneiras como um emprego que chegou na hora do desespero para o desempregado. É uma cesta de alimento que chegou na casa de quem está sofrendo privações. É uma palavra amiga que chega na hora certa. É a Palavra de Deus que chega ao faminto e sedento de Deus. É a vida vencendo a morte. É manhã de ressurreição. É esperança nascendo nos corações dos desesperançados. É sol nascendo, dissipando a escuridão, trazendo a luz e alegria a nossa vida.

(§13) O espírito também nos unge para libertar os cativos, libertar quem está cativo fora de sua terra – exilado. Libertar quem está preso. O ser humano não se realiza só em ter o que comer. Ele é ser criativo que precisa de sua liberdade. Imagine você preso num quarto tendo o que comer e onde fazer suas necessidades, mas não tendo a liberdade de sair quando quiser. O ser humano não nasceu para viver preso. A prisão é o pior dos castigos que um ser humano impõe ao outro ser humano. As pessoas nessas condições perdem a sua dignidade e Jesus vem para dar essa dignidade também ao ser humano caído em pecado que agora se arrepende de seus pecados e o recebe com o Messias, o seu Salvador.

(§14) Ele também vem dar vista aos cegos. Imagine vocês viverem sem enxergar. Viverem dependendo dos outros. É muito triste.

(§15) Ainda mais numa sociedade onde a doença era sinal de pecado. Sendo assim, ninguém tinha compaixão de uma pessoa nessas condições, pois essa devia ser uma pessoa amaldiçoada por Deus. E ele mostra o seu amor a estes em muitos milagres onde restabeleceu a visão àqueles que não podiam ver.

(§16) Ele vem também para libertar aqueles que são logrados em seus direitos, que não têm o direito de ir e vir. Ainda hoje existem muitas pessoas nessas condições que não têm direito às coisas mais essenciais da vida. Jesus quer libertar a todos os oprimidos, seja uma opressão de qualquer natureza, e por fim ele prega o ano da Graça. O Ano Aceitável do Senhor.

(§17) O ano da graça acontecia no AT de 7 em 7 anos, depois passou a ser de 50 em 50 anos. Nesse ano não se podia plantar. A terra descansava. Quem era escravo por causa das suas dívidas era posto em liberdade. A terra voltava para o seu antigo dono. Quem tinha vendido a sua terra por problemas financeiros tinha ela de volta. Este era o ano da graça, o ano do perdão das

dívidas. As pessoas tinham oportunidade de começar de novo e de viver a solidariedade.

(§18) O Espírito do Senhor ainda hoje continua nos unguindo para levar as boas novas aos sedentos da Palavra de Deus. O texto nos mostra dois tipos de pessoa. Aqueles que acham que Jesus está falando bonito, mas que ele é um petulante em dizer que as Escrituras estão se cumprindo nele. Estes se sentem irados e querem matar Jesus. Não são receptivos às boas novas do Evangelho.

(§19) Há outro grupo a quem Jesus diz ser unguido para ministrar. São aqueles que não têm uma vida digna, a ralé do povo, o resto. Essas pessoas recebem a boa notícia e se abrem à novidade do Evangelho.

(§20) A Palavra de Deus tem que entrar no ouvido e chegar ao coração. Precisa queimar dentro de nós e nos inquietar para vivermos diferentes. Dura coisa é quando nós nos tornamos indiferentes à Palavra de Deus. Quando ela já não queima dentro de nós. Quando ela não provoca mais mudanças. Nos tornamos insensíveis à voz de Deus. Às vezes até achamos que Deus não fala a nós e que o seu Santo Espírito não está conosco, mas Deus não nos abandona. É a nossa indiferença que não permite que ele fale aos nossos corações.

(§21) Muitas pessoas vêm à igreja a cada domingo por costume, cantam, ouvem a Palavra de Deus, mas essa já não queima mais em seus corações, não desafia para nada, porque se tornou indiferente à Palavra de Deus. A Palavra entra por um ouvido e sai por outro. Já estão bem e a boa notícia não é novidade em seus corações. Para os ouvintes da Palavra de Deus Jesus diz o seguinte: “Bem-aventurados os que ouvem a Palavra de Deus e a praticam.” Amém.

### ***Sermão 6 (Portas Abertas, 2006, p. 22)***

Período: 5º Domingo após Epifania

Leituras bíblicas: Sl 136; Is 6.1-8 (9-13); 1 Co 14.12b-20; Lc 5.1-11

Texto-base: Lucas 5.1-11

Tema: Jesus nos convida a pescar.

(§1) Prezados irmãos e irmãs em Cristo, passar uma tarde inteira pescando e não pegar nenhum peixe é uma experiência bem desagradável. Pior ainda se a pesca for a tua profissão, e não apenas um passatempo.

(§2) O texto bíblico conta que os pescadores Pedro, Tiago e João estavam lavando as redes depois de voltar de uma noite inteira de trabalho frustrado. Como não haviam pescado nada, preparavam as redes para pescar na noite seguinte, quem sabe teriam mais sorte?

(§3) Naquele momento, estavam com o mesmo desânimo de quem é atingido pelo desemprego, pela diminuição do salário, pela falta de condições de trabalho, seja na cidade, seja na agricultura, pelas brigas em família – por qualquer tipo de “crise”.

(§4) Uma situação que se repete com mais frequência em nossos dias é o desabafo dos membros com o pastor: um está trabalhando há meio ano sem receber salário, outro foi demitido e não consegue outro trabalho, outro recebeu a proposta de diminuição de salário.

(§5) O pior de tudo é que o diabo usa estes momentos para tentar os fiéis e abalar a fé no Salvador Jesus. E ele só fica satisfeito quando consegue derrubar alguém da fé – antes ele não larga a sua presa. Jesus Cristo também se aproxima das pessoas nos momentos de tribulação. Ele oferece o perdão de pecados que ele conseguiu para nós morrendo na cruz e o conforto de saber que, confiando nele, vamos passar a eternidade no céu, onde não haverá problema algum.

(§6) Vejamos como Pedro, Tiago e João reagiram aos atos de Jesus: como o dia deles estava perdido mesmo, não viram inconveniente algum em emprestar o barco para Jesus ensinar o povo de um local de onde visse a todos mais facilmente.

(§7) Provavelmente não deram muito crédito para as palavras de Jesus, pois eles o conheciam como um homem comum, um marceneiro. A identificação dele como o “Messias” prometido por Deus, como Salvador, como Senhor de nós e deles se daria apenas alguns meses mais tarde. Jesus ainda era o visitante que veio da vila de Nazaré.

(§8) Não sabemos se, ao ouvir Jesus falar ao povo, eles acreditavam ou não que ele poderia mudar sua situação de “crise”, mudar o fato de que seu trabalho fora um fracasso.

(§9) As palavras que Jesus dizia ao povo soam para nós como palavras de salvação, de certeza de dias melhores sob as bênçãos de Deus. Mas, para aqueles pescadores, as palavras de Jesus ainda soavam distantes, vazias. A única certeza que havia era que eles teriam de trabalhar duro no dia seguinte para conseguir o pão de cada dia.

(§10) Jesus convida os pescadores para voltarem ao trabalho e Pedro dá um voto de confiança a

Jesus. Ele joga as redes onde Jesus manda e o resultado é fantástico: é preciso outro barco para dar conta de levar as redes cheias de peixes para a margem, e os barcos quase afundam.

(§11) Foi providencial que eles nada pescassem a noite anterior, assim houve oportunidade para Jesus agir na vida deles e mostrar a eles e a nós que o sucesso profissional não depende apenas de trabalho árduo, mas também da bênção de Deus. Aqueles pescadores não foram preguiçosos na pesca frustrada, mas faltou-lhes a bênção divina. Agora, com a bênção de Jesus, eles pegam tanto peixe que todos ficam admirados.

(§12) Jesus diz ao assombrado Pedro: “Não temas; doravante serás pescador de homens.” A vida deles iria mudar. Agora eles passariam a pescar homens, o que é a missão e a atividade básica da Igreja. Esta é a minha atividade e missão, é atividade e missão de cada um aqui presente como indivíduo e como congregação.

(§13) Deus não vai dar muita importância se o teu esporte favorito é vôlei ou futebol, se você veste roupas de cor verde, cinza ou roxa. No Juízo Final, Deus vai te cobrar como e quantas vezes você foi pescar pessoas para o Reino dele.

(§14) Você está se preocupando em pescar para o Reino de Deus? Nossa congregação está preocupada em pescar pessoas? A época é propícia, pessoas estão chorando, implorando pelo consolo e conforto que apenas nós, cristãos, temos a oferecer.

(§15) Talvez a crise tenha se abatido sobre você e você esteja trazendo este desânimo para sua pesca no Reino de Deus. O diabo é esperto em fazer isto. Conta-se a história de que um dia Satanás estava à beira da falência e pôs à venda todos os seus instrumentos de tentação. Um pequeno objeto, em forma de cunha, tinha o preço mais alto. Quando lhe perguntaram o porquê, Satanás respondeu: “Este é o desânimo. Quando consigo introduzi-lo no coração do cristão, sei que em breve o terei ao meu lado.” O preço era tão alto que Satanás ainda tem com ele o instrumento e dele se serve em sua atividade nos dias de hoje.

(§16) Não vamos deixar que o desânimo tome conta da pesca do Reino de Deus. Vamos nos encher da mesma admiração e fé que os pescadores tiveram por Jesus. Vamos trabalhar duro nas horas boas de pesca. A pesca de pessoas para o Reino de Deus depende da bênção de Jesus e do trabalho árduo dos pescadores – nós. E nas horas difíceis, quando o mar não está muito para peixe, vamos orar a Jesus para que ele abençoe nossa pescaria – ele pode repetir aquela pesca maravilhosa.

(§17) Podemos seguir o exemplo dos primeiros cristãos e ver que nossos irmãos na fé são companheiros de pesca que podem nos ajudar na tarefa de levar pessoas a Jesus. A união e a harmonia entre os fiéis estão presentes numa Igreja empenhada na missão que Deus lhes deu.

(§18) *Conclusão:* Prezados irmãos e irmãs no Senhor Jesus, convido vocês a sentirem admiração e fé diante da maravilha que é ter Jesus com nosso Salvador, que fez maravilhas em nossa vida. Convido vocês a trabalharem arduamente nesta pescaria de pessoas para o Reino de Deus. A nossa cidade oferece um ambiente extremamente propício para receber o nosso testemunho e para que ocorra uma pesca maravilhosa.

(§19) Jesus está conosco. Ele dá o seu Reino de maneira maravilhosa e traz felicidade e conforto nesta vida e na vida eterna aos que confiam nele. Amém.

### ***Sermão 7 (Portas Abertas, 2006, p. 28)***

Período: Quaresma

Leituras bíblicas: Sl 91; Dt 2.5-10; Rm 10.8b-13; Lc 4.1-13

Texto-base: Lucas 4.1-13

Tema: Unidos pelo amor no caminho da cruz.

(§1) Certa vez uma família mudou-se de cidade. E passaram a morar na mesma rua onde havia uma linda igreja com uma grande cruz a apontar para o céu, a qual chamava a atenção dos que passavam por ali.

(§2) Após alguns dias, vieram os tempos da escola. A pequena filha da família foi então conduzida amorosamente para esta nova etapa de sua vida. Naquele primeiro dia, uma surpresa. As aulas acabaram mais cedo do que o previsto. E a menina resolveu voltar sozinha para casa.

(§3) Distraída pelas vitrines, de repente viu-se perdida e pôs-se a chorar. Neste instante, uma senhora vem em seu socorro, perguntando-lhe se seria possível ajudá-la. – Sim! – foi a resposta da garota. – Você sabe algo sobre a rua onde você mora? – perguntou a senhora. – Sim, nela tem uma igreja com uma bela cruz – respondeu a menina.

(§4) E foi assim que, em breves instantes, sua casa foi localizada, e ela colocada em segurança

junto da sua família. Tudo isto graças à cruz da igreja que apontou o caminho.

(§5) Você já reparou como esta história é bem parecida com a nossa vida em geral e especialmente quanto a nossa fé? Veja bem, é comum em nossa vida estarmos perdidos em meio a nossas aflições e afazeres diários. Às vezes também estamos perdidos em nossa vida pessoal, familiar e profissional. E precisamos uma parada para avaliar, reavaliar e recomeçar a vida.

(§6) Em relação a nossa vida de fé é a mesma coisa. Muitas vezes nos apegamos a tantas coisas que já não sabemos ao certo o que é o mais importante. Deparamo-nos com tantos caminhos que ficamos confusos ou até mesmo nos distraímos com as vitrines de falsos ensinamentos, perdendo-nos pelo caminho. Ou ainda procuramos seguir mais de um caminho ao mesmo tempo, como se isto fosse possível. Não é.

(§7) Diante disso ficamos perdidos em busca de um sinal que nos reencaminhe à fé verdadeira. Fé que nos traga real consolo e orientação nas adversidades da vida. Podemos dizer que este estar perdido no dia-a-dia e na fé são as tentações que enfrentamos constantemente. Elas podem até nos desviar da fé e do caminho da salvação. Por isso precisamos vencê-las. Mas como?

(§8) Para vencê-las não basta uma pequena parada, nem qualquer resposta, nem qualquer caminho ou orientação que aponte um objeto de fé qualquer. Precisamos acima de tudo uma referência que nos possibilite vencer as tentações e chegar à certeza da vida eterna, nosso único consolo nas adversidades.

(§9) Estamos entrando na Quaresma. Um tempo de parar para reordenar nossa vida em todos os sentidos. Também e principalmente a nossa vida de fé, cercada de tentações. Jesus no evangelho nos dá uma pista de como vencê-las.

(§10) Cara a cara com Satanás, Jesus usou a arma do cristão para todas as horas: a Escritura Sagrada. Ela é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça – diz Paulo a Timóteo (2 Timóteo 3.16). Ela nos mostra Jesus vencendo o próprio Mal. Porque nela Deus revela seu plano, caminho e cuidado com o seu povo. E como com a sua força e com o seu poder ele fez milagres, maravilhas e livrou seu povo do Egito, conduzindo-o à terra prometida (Deuteronômio 26.8-9). E como da mesma forma, com o mesmo poder, ele quer também reconduzir-nos a um reencontro com o Pai Celeste, rumo à morada paterna celestial.

(§11) Só encontramos o lar celeste quando trilhamos o caminho da cruz. Jesus sabia disso. Ele colocou-se como o nosso único caminho, verdade e vida (João 14.6). Por isso, neste domingo acompanhamos a primeira etapa da caminhada de Jesus rumo à cruz. A cruz, sobre a qual ele carregou as nossas iniquidades, derramou o seu sangue para nos purificar de todo o pecado (1 João 1.7). E assim nos trouxe a reconciliação com Deus, abrindo o caminho que conduz à morada paterna, o céu.

(§12) Só se chega ao céu passando pela cruz, a cruz de Cristo. E as Escrituras Sagradas afirmam categoricamente: “Quem crer nele não ficará desiludido.” (Romanos 10.11) Porque Jesus venceu até a cruz em nosso lugar. E Paulo lembra na epístola: “Se você disser com sua boca: ‘Jesus é o Senhor’ e no seu coração crer que Deus ressuscitou Jesus, você será salvo.” (Romanos 10.9)

(§13) Você está se sentindo perdido em sua vida diária e de fé?

(§14) Pare! Ouça nesta Quaresma as Escrituras falarem a respeito do acesso ao Pai que Jesus Cristo abriu para você através do caminho da Cruz. A Bíblia e as leituras da Quaresma lhe chamam para olhar para o alto buscando a cruz. Assim como a menina, que pela cruz encontrou a segurança do seu lar, também você se sentirá seguro nos braços do Pai Celeste. Na Palavra você encontrará Jesus vencendo as tentações, diabo, pecado e morte, em seu lugar. Ela será lâmpada para os teus pés e luz para os teus caminhos (Salmo 119.105).

(§15) A menina encontrou pela cruz o seu lar. Busque na cruz de Cristo também o seu. Ela foi auxiliada por alguém capaz de lhe encaminhar ao caminho da cruz. Saiba que você e sua família são exatamente a seta que indica o caminho da cruz de Jesus para muitos hoje em dia. Da mesma forma, a congregação que está unida pelo amor de Deus ampara cada família mantendo todos alicerçados em Jesus, a pedra angular. Para assim trilharem unidos e com segurança o caminho da cruz rumo à eternidade, num mundo repleto de tentações. Amém.

(§16) **Oração:** Que a paz de Deus que vai muito além do nosso humano entendimento guarde os nossos corações e mentes em Cristo Jesus. Amém. (Filipenses 4.7 – adaptado)

### **Sermão 8 (Portas Abertas, 2006, p. 43)**

Período: 6º Domingo após Pentecostes

Leituras bíblicas: Sl 16; 1Rs 19.14-21; Gl 5.1,13-28; Lc 9.51-62

Texto-base: Lucas 9.51-62

Tema: Seguir a Jesus – O desafio do discípulo.

(§1) “No amor a Deus, o povo de Deus vai ao encontro das promessas de Deus... Construindo o ambiente de amor que afirma a união em amor.”

(§2) Se me pedissem para descrever Deus em uma palavra, diria: Amor. Deus é amor! E esse amor tem um preço: O filho de Deus na cruz. Para que ninguém sofra com o peso dos seus erros, mas receba o perdão de Deus. Seguir a Jesus em amor é o desafio do discípulo fiel. Esta é a exigência, porém não a obrigação. Pois o amor e a obrigação não podem se encontrar, não andam juntos, se auto-excluem. Para ajudar na compreensão reflita comigo: O casal está completando dez anos de vida conjugal. Então o marido compra e entrega para a esposa um buquê de flores. Ao receber as flores a esposa fica feliz e, emocionada, diz: “Que flores lindas, assim como nosso amor. Muito obrigada.” Ao que o marido responde: “Por nada. Não fiz mais do que minha obrigação!”

(§3) Obrigação? Onde está o amor? Amor e obrigação são como luz e trevas. Onde um está o outro necessariamente desaparece.

(§4) No evangelho de hoje, Lucas registra a disposição de alguns em seguir a Cristo e o convite de Jesus: Segue-me! Venha comigo! E contrasta o amor e obrigação. “Venha comigo!” “Segue-me”, diz Jesus. Mas por amor, não por obrigação. E este amor é sacrifício, é doação, é incondicional, é resultado da fé. Seguir a Jesus requer sacrifício!

(§5) Vejam: O primeiro candidato a discípulo ofertou um “lance”: “Estou pronto a seguir o senhor para qualquer lugar onde o senhor for.” Este deve ter sido um sonhador, que só viu o lado brilhante de seguir a Jesus. Jesus não recusa a oferta dele, porém dá a entender que não encontrará no discipulado aquilo que procura.

(§6) Quantos procuram a Igreja pensando que com isso todos os problemas da vida desaparecerão? Quantos pensam que o cristão não enfrenta o desemprego, não sofre com enfermidades, não tem problemas conjugais? Jesus esclarece: “As raposas têm suas covas e os pássaros os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde descansar.” Se foi assim com o Mestre, não será diferente com seus discípulos. Aliás, o próprio Cristo conheceu de perto a dor, o sofrimento e a própria morte, para que, mesmo cercados de perigos e tribulações, cultivemos a esperança. “Essa esperança não nos deixa decepcionados, pois Deus derramou o seu amor em nosso coração, por meio do Espírito Santo que ele nos deu.” (Romanos 5.5)

(§7) Seguir a Jesus requer doação. No relato de Lucas aparece um segundo candidato a discípulo. Porém, a este Jesus convidou: “Venha comigo!” “Primeiro deixe sepultar meu pai”, foi a resposta daquele homem. Isso significava esperar pelo sepultamento de seu pai. Ou seja, um adiamento por tempo indeterminado. Depois... Amanhã... Quando tiver tempo...

(§8) Certas são as palavras da Escritura: “O que a natureza humana quer é contra o que o Espírito quer.” (Gálatas 5.17) Para a desculpa daquele homem Jesus sentença: “Deixe os mortos sepultarem seus próprios mortos. Você vá e pregue o Reino de Deus.”

(§9) Aparentemente isso não nos diz respeito. Afinal de contas, nós fazemos parte da Igreja, não é mesmo? Porém, nem sempre temos clareza sobre o que é a Igreja. Não faltam imagens distorcidas. Por exemplo: A Igreja é uma reunião de sócios. Ou: Quanto menos membros incômodos a Igreja tiver, melhor. Então a solução é limpar o fichário. Ou ainda: pensam que a finalidade maior da Igreja é prestar serviços aos seus “associados”.

(§10) Todavia, a imagem bíblica da Igreja é bem outra. “A Igreja é uma sociedade de fé e do Espírito Santo nos corações” (*Livro de Concórdia*). A Igreja é reconhecida porque prega a palavra e administra os sacramentos. A Igreja são os filhos de Deus, que manifestam o amor no cumprimento dos mandamentos. A Igreja é testemunha do amor perdoador de Deus em Cristo. A Igreja existe mais em função do mundo do que de si mesma.

(§11) Já houve quem disse que os filósofos, no passado, se limitaram a explicar o mundo, quando deviam tê-lo transformado. Isso se aplica em parte à Igreja: Explicamos a perdição do mundo, acusando o seu pecado; mas o que fazemos para que o mundo conheça o seu Salvador, Jesus? Ouça o convite. Aceite o desafio: “Você vá e pregue o Reino de Deus.”

(§12) Seguir a Cristo requer confiança. É o que mostra o terceiro candidato a discípulo que propôs seguir o Mestre, porém primeiro queria despedir-se de seus parentes e amigos. Deve fazer-nos

pensar a resposta de Jesus: “Quem começa a arar a terra e olha para trás não serve para o Reino de Deus.” A questão é amar menos. Amar menos os seus pais... Amar menos o seu trabalho... Amar menos o seu dinheiro... Amar menos a criatura e amar mais o Criador. Lembram da história da mulher de Ló. Ao olhar para trás demonstrou que estava presa às suas coisas, não aceitando a ordem de Deus. Assim foi transformada em estátua de sal.

(§13) Deus faz exigências. Não maiores do que conseguimos suportar. A exigência não se cumpre pela obrigação, mas em amor. Precisamos lembrar que o Deus das exigências é também o Deus do amor, que perdoa, que salva, que liberta, que sara.

(§14) Há um livro intitulado *O preço do discipulado*. O autor fala da graça barata. Ele diz “a graça é livre, mas não barata. Pois custou a vida do Filho de Deus”.

(§15) Que “no amor de Deus, o povo de Deus vá ao encontro das promessas de Deus... Construindo o ambiente de amor que afirma a união familiar”. Amém.

### **Sermão 9 (Portas Abertas, 2006, p. 47)**

Período: Pentecostes III

Leituras bíblicas: Sl 138; Gn 18.20-32; Cl 2.6-15; Lc 11.1-13

Texto-base: Lucas 11.1-13

Tema: O privilégio de poder falar com o Pai Celeste por meio da oração.

(§1) Caro irmão: Hoje se ouve muito falar estar conectado na internet. Estar conectado significa estar ligado na internet e poder usar os recursos que a internet oferece às pessoas.

(§2) Assim pode se afirmar que o filho de Deus também está conectado com Deus. Em Colossenses o apóstolo escreve: “Por estarem unidos com Cristo [...] somos libertados do poder da natureza pecadora, quando vocês foram batizados, foram sepultados com Cristo e no batismo também ressuscitado com ele por meio da fé que vocês têm no grande Deus, o mesmo que ressuscitou Cristo.” (Colossenses 2.11,12) Pelo Batismo os filhos de Deus foram conectados ao Deus todo-poderoso. Desta forma se abre um mundo de possibilidades para o filho de Deus como para uma pessoa que está ligada à internet. Nascemos espiritualmente mortos, isto é, desconectados de Deus. Agora unidos com Deus através do perdão de Cristo pode-se servir ao nosso Pai celestial. O filho de Deus pode realmente amar ao seu próximo sem ter interesses próprios, porque está ligado a Deus através da fé em Cristo. Estar ligado ao nosso Pai celestial proporciona ao filho de Deus o privilégio de poder falar com ele através da oração. A oração é “sala de bate-papo” com Deus.

(§3) O evangelho de hoje mostra Jesus tendo o seu momento de conversa com o seu Pai através da oração e os seus discípulos pedindo para Jesus ensiná-los também a orar. Jesus orando era algo que ocorria freqüentemente, conforme o relato dos evangelhos. O próprio Lucas registra que, por ocasião de seu Batismo, Jesus estava orando e percebe-se que o Espírito Santo revela a sua presença em forma de pomba e o Pai através da voz, que dizia: “Tu és o meu Filho querido e me dás muita alegria.” (Lucas 3.22) É um momento de comunhão de Jesus com o Pai e o Espírito Santo. A palavra do Pai mostra também o seu amor pelos seres humanos, porque ele está satisfeito com a obra que o Filho veio realizar no mundo. Já no evangelho de hoje, Jesus ensina aos discípulos invocar a Deus como Pai. A comunhão que Jesus tem com o Pai também pode ter aquele que crer em Jesus como Salvador enviado por Deus. Isto é um incentivo para todos os filhos de Deus também seguirem o exemplo do próprio Cristo e falar com ele através da oração. Afinal, os discípulos pediram para ensinar-lhes o hábito de orar. Os seres humanos por causa do pecado procuram colocar Deus a uma grande distância de suas vidas. Jesus ensina aos discípulos a pensarem em Deus como sendo também Pai deles. Um pai terreno é bondoso, segundo Jesus. Muito mais é o Pai celestial. Lutero percebeu muito bem este pensamento de Jesus, quando na explicação do Pai-Nosso diz: “Deus quer atrair-nos carinhosamente.” Na parábola do filho pródigo Jesus mostra Deus como sendo um pai à espera do filho perdido. Aqui, pode-se afirmar que Jesus ensina que Deus é um pai que está à espera dos pedidos de seus filhos. Por isso diz: “Peçam e vocês receberão, procurem e vocês acharão; batam, e a porta será aberta para vocês. Porque todos aqueles que pedem recebem; aqueles que procuram acham; e a porta será aberta para quem bate.” (Lucas 11.9,10)

(§4) Caro amigo! O que você está esperando para criar o hábito de orar? Deus, o nosso Pai celestial, está à espera de seu contato. Ele está à espera de seus pedidos. Ele está pronto para ouvi-lo e se alegra muito, quando você se lembra de agradecer as bênçãos recebidas diariamente. Se você ainda não tem o hábito de orar, comece hoje. Isto será uma grande bênção para a sua

vida. Apresente a ele suas dificuldades. Peça ajuda a Deus para seus problemas, ore pelos familiares e amigos. Não esqueça de orar pela sua congregação, seu pastor e demais líderes. Ore pelo seu país e todas as autoridades. Ore, inclusive pelos seus inimigos, como Jesus o fez. Seja persistente como Abraão ao orar por Sodoma. Deus Pai, que é muito generoso, irá derramar muitas bênçãos sobre sua vida e cada vez mais você sentirá prazer em falar com seu Pai celestial.

(§5) Um jovem, que era um atleta, procurou o seu pastor queixando-se de que suas orações não eram atendidas e que por isso não sentia nenhum desejo para orar. O pastor lhe perguntou: “Você como atleta pratica esporte de vez em quando ou regularmente?” O jovem respondeu que praticava esporte todos os dias. “Quando não tenho competições oficiais, treino com meus colegas várias horas.” Então o pastor lhe perguntou: “Quanto à oração, você faz a mesma coisa?” Encabulado o jovem admitiu: “Só de vez em quando.”

(§6) Que tal você fazer o pedido dos discípulos a Jesus em sua primeira oração no dia de hoje: “Senhor! Ensina-nos o hábito de orar?” Amém.

### ***Sermão 10 (Portas Abertas, 2006, p. 57)***

Período: 23º Domingo após Pentecostes

Leituras bíblicas: Sl 34; Dt 10.12-22; 2 Tm 4.6-8, 16-18; Lc 18.9-14

Texto-base: Lucas 18.9-14

Tema: Como nos posicionamos diante de Deus?

(§1) O evangelho de hoje mostra que Jesus contou uma parábola “para os que achavam que eram muito bons e desprezavam os outros” (v. 9). É a velha mania da grandeza humana. Muitas pessoas têm este grave defeito e não fazem questão de reconhecê-lo. E, como vemos nesta parábola, é um defeito fácil de perceber nos outros, mas que dificilmente percebemos em nós mesmos. Como você, caro irmão, se posiciona diante de Deus? Com quais intenções você ora ao Senhor?

(§2) A parábola que Jesus contou-nos quer ajudar na nossa postura diante de Deus. Ela fala de dois personagens: um fariseu e um publicano. Os dois tiveram jeitos diferentes de se dirigir a Deus. Uma das coisas que identificava os fariseus era o seu rigor para com a Lei. Eles se achavam fieis cumpridores da Lei. Por isso eles tinham facilidade de enxergar defeitos na vida de outras pessoas. Os publicanos eram os cobradores de impostos. Eram mal vistos pela sociedade porque arrecadavam impostos para o governo romano e geralmente cobravam mais do que o valor estipulado.

(§3) Os dois personagens foram ao templo para orar. O fariseu na sua oração elogiava a si mesmo. Nada pedia a Deus e também nada agradecia. Louvava a sua própria justiça e assim desprezava a justiça de Deus. Sua oração girava em torno do que ele fazia e em nada do que Deus fazia por ele. Não tinha consciência dos seus pecados e não sentia necessidade de arrependimento nem humildade e dependência diante de Deus. As obras que ele alegava fazer, até eram boas. Mas ele queria se justificar diante de Deus por meio delas e não queria reconhecer o seu o seu pecado e sua situação diante de Deus. Ao justificar-se, não se orientava pela Lei de Deus, mas por aqueles que ele achava serem piores que ele. Ele não reconhecia nem o amor de Deus e muito menos amava o seu próximo.

(§4) A atitude do publicano, ao contrário, era de humildade. Ele tinha clareza de que era pecador, que necessitava da misericórdia de Deus. Ele permaneceu de pé, longe, não querendo ser notado. Não levantou os olhos pra o céu porque lamentava o seu pecado e reconhecia a justiça de Deus. Batia no peito em sinal de arrependimento. Ele não tinha nada a oferecer de justiça própria. Por isso sua oração também era simples. Ele apenas pedia a compaixão de Deus, porque confiava na misericórdia dele.

(§5) Os dois exemplos são para refletirmos sobre as nossas atitudes e posturas diante de Deus. Será que a auto-suficiência do fariseu, muitas vezes, não faz parte das nossas atitudes? Qual é o jeito de nos dirigirmos a Deus? Com quais intenções nós oramos a Deus? Pode até ser que em nada nos identifiquemos com a atitude do fariseu. Mas quando apenas lamentamos os problemas diante de Deus, podemos estar ignorando o exemplo de humildade do publicano. E aí teremos dificuldade de reconhecer nossa dependência de Deus, não daremos sinal de arrependimento e deixaremos de confiar na misericórdia de Deus. Um coração não arrependido não está preparado para falar com Deus. E quem confia na sua própria justiça está condenando a si mesmo. Como diz o profeta Isaías: “Todos nós nos tornamos impuros, todas as nossas boas ações são com trapos sujos.” (Isaías 64.6)

(§6) Cada um de nós, por natureza, é um pecador perdido e condenado, sem direito à salvação. Deus nos salva por amor. Somos justificados diante de Deus e salvos, se confiarmos em tudo o que Cristo fez por nós. É somente nele que devemos depositar nossa confiança. Como a nossa salvação depende inteiramente de Deus, ninguém tem direito de se gloriar diante de Deus, pois, ainda que façamos muitas boas obras, não são elas que nos salvam. A nossa salvação está apenas em Jesus Cristo, que morreu para nos salvar.

(§7) Assim, ao nos colocarmos diante de Deus, ele quer nosso retorno em arrependimento, nossa inteira dependência nele e a nossa confiança na sua misericórdia.

(§8) Jesus conclui a parábola dizendo que o cobrador de impostos é que voltou em paz com Deus para casa. Ele voltou em paz com Deus para casa. Ele voltou em paz porque confiou completamente em Deus.

(§9) Se você, caro irmão, confia na misericórdia de Deus, coloca seus pecados diante de Deus, com arrependimento e fé, crê na obra do Senhor Jesus por você, guarda no coração a certeza de que está em paz com Deus. Amém.